



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS
SALOMÃO LARÊDO

RAYMUNDO MORAES
NA PLANÍCIE DO ESQUECIMENTO

BELÉM – PA
2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS
SALOMÃO LARÊDO

RAYMUNDO MORAES

NA PLANÍCIE DO ESQUECIMENTO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras
/ Estudos Literários, do Centro de Letras e Artes, da
Universidade Federal do Pará, para a obtenção do Título
de Mestre em Estudos Literários, sob a Orientação do
Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo.

BELÉM – PARÁ
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do CLA/UFPa - Belém - PA - Brasil

Larêdo, Salomão.

Raymundo Moraes na planície do esquecimento / Salomão Larêdo; orientador, Luis Heleno Montoril Del Castilo - 2007.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2007.

1. Moraes, Raymundo de, 1875-1941. 2. Literatura brasileira - Pará - História e crítica. I. Título.

CDD - 20. ed. 869.909

EXAME DE DISSERTAÇÃO

Larêdo, Salomão. RAYMUNDO MORAES NA PLANÍCIE DO ESQUECIMENTO, Belém, 2007, 169p. Dissertação de Mestrado (Estudos Literários) UFPa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castelo (Orientador)

Profª Drª Josebel Ackel Fares

Prof. Dr. Joel Cardoso

Exame e Dissertação em 04.06.2007

Conceito: Excelente

Para Maria Lygia e Filipe Larêdo, com todo o meu amor.

Para Milton e Lady Larêdo (em memória)

Com o meu amor todo.

AGRADECIMENTOS

Ao olhar benevolente, complacente, condescendente e misericordioso do Bom Deus; às assistências generosas e afetuosas de São Benedito, São Sebastião, São Jorge, São Judas Tadeu, São Raimundo e das Nossas Senhoras do Carmo, Nazaré, Guadalupe, Fátima, Lourdes e Conceição.

Apreendi com os professores doutores da UFPA: Socorro Simões, Aldrin Figueiredo, Germana Sales, Marli Furtado, José Guilherme Fernandes, Luís Heleno Montoril Del Castilo, Silvio Holanda e Eunice Ferreira, por isso, agradeço terem socializado/repartido comigo seus saberes. Na secretaria do mestrado devo gentilezas às amigas Selma Magalhães, Ângela Melo e à Ida Gama. À amiga Janete Silva. Na biblioteca, à Hilma e Regina.

Agradeço também aos professores Josebel Akel Fares e Joel Cardoso, pelas valiosas observações que fizeram acerca do presente estudo, quando da qualificação.

Pela convivência nos tempos do Mestrado em Estudos Literários, agradeço com o abraço abraçado os colegas: Rinaldo Lobato, Patrícia Bagot, José Souza, Iraildes Melo, Edílson Pantoja, Helder Bentes, Carlos Dias, Janete Borges, Irene Freitas, Lucilene Gomes, Inácio Obadia, Clei de Souza, Lene Souza, Abílio Pacheco, Tatyana das Mercês, Carla Soares, Ivone Veloso, Gustavo Souza, Maria Domingas Sales, Luis Guilherme, Sheila Maués.

Agradeço o apoio da Elen Reis. Ao Doriedson Rodrigues, parente e sumano (quem é cametaense sabe o que significam estas expressões de afeto) que na hora agá segurou a barra e fez chegar os mestres Jadson Rodrigues e a Ângela Sampaio nesse apoio que também tive da professora Rita de Cássia. Agradecimento especial, reconhecimento e gratidão ao colega Paulo Maués Corrêa, que trouxe o apoio e a inteligência, deu os toques, aconselhou, sugeriu, indicou e emprestou bibliografia, revisou, normalizou e ajeitou tudo, fraternalmente, com as dicas necessárias. Ao Prof. Dr. José Guilherme Fernandes, pela indicação dos primeiros passos. Para a Olímpia Reis Resque, bibliotecária e pesquisadora premiada, além de escritora e pessoa generosa que muito colaborou pacientemente, pesquisou, fotografou e cedeu em fotocópia os dois volumes d'*O meu dicionário de cousas da Amazônia*, de Raymundo Moraes. Para o Daniel Rebisso, que viabilizou a aquisição das obras do autor, em sua Livraria *Apolo Livros e Artes*.

Para Dora Romeiro, Fátima Teles, Francileila Jatene C. Silva, do Museu Goeldi, pelo apoio, incentivo e ajuda na pesquisa na biblioteca do MPEG. Às amigas Graça e Edna, no suporte da biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG. Para Leila Jatene, pelo suporte tecnológico das imagens. Para Iracema e Cristina Barreto, pelo apoio na Biblioteca Central da UFPA. Agradecimento à Liana Reis , Alzira Rosa Farias de Almeida e Betânia Malato; Agradecimento aos familiares de Raymundo Moraes: Ruth, filha, hoje com 96 anos de idade; Thereza Catharina Moraes, neta; Maria Fifadelfa Dantas, Maria Carolina Bastos, Raymundo Mário Pimentel Sobral, sobrinhos-netos . Às professoras Lucilena, Elen, Helena, Inácia Thury, Regina e outras, na aplicação das pesquisas. Aos professores Orlando Cassique Alves e Regina Cruz, pelo incentivo.

Agradecimento mais que especial ao Prof. Dr. Luis Heleno Montoril Del Castilo, orientador deste trabalho, pela segura rota que me possibilitou trabalhar distendida e prazerosamente e pela sua visão prospectiva sabiamente atendida pela atualização constante.

Em nossa cultura, endeusamos os “ídolos europeus, americanos e franceses”. Como se nós e os nossos nada fizéssemos. Reconhecemos traços e valores da cultura externa, não deixamos de ser universais, resguardamos um olhar aberto [...] sem permanecer imaginando que basta traduzir livros e os colocar na escola, etc. como consumidores. Somos produtores também [...] mas eu não quero apenas saber se tem conhecimento, eu quero que tenha conhecedores que produzam conhecimentos [...] gente destemida, gente corajosa, gente para falar, gente para escutar, gente não apenas, para registrar, mas para combinar coisas [...] Temos capacidade criadora e crítica [...] para admirar o que somos [...] o que o caboclo faz, capacidade de, responsavelmente, admirar o que as pessoas fazem quando montam uma canoa, um tipiti ou brinquedos de miriti, quando brincam de boi bumbá. [...] A imaginação e o imaginário vão ser chamados para arquitetos, engenheiros, cantores, carnavalescos, operários, dos imaginadores, que não abdicam do poder onírico e decifrador do imaginário. Aí é que está a graça da cultura. Aí é que fica um “negócio sério”, quer dizer, se eu abduco do falatório de ser cópia.

Samuel Sá

Foram os paraenses que devassaram a Amazônia.
Escalaram-na silenciosa e anonimamente. A
curiosidade os levou a espiar por todos os buracos
[...], os buracos eram os rios [...] fios d'água [...] a
energia paraense concretizada nos seus marujos
das canoas pretas.

Raymundo Moraes

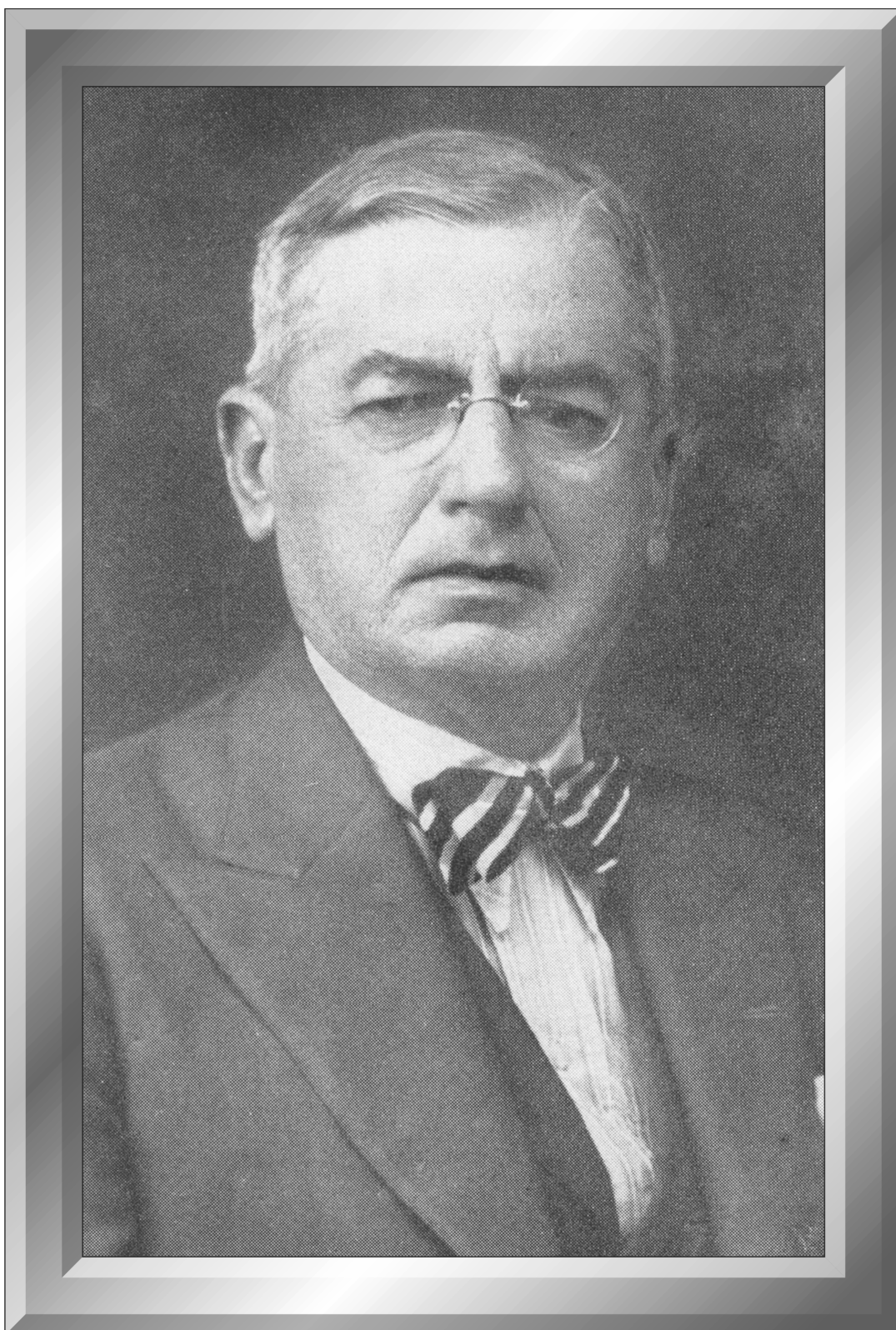
Quanto à crítica, penso que é uma das formas modernas de autobiografia. A pessoa escreve sua vida quando pensa estar escrevendo suas leituras.

Ricardo Piglia

RESUMO

O escritor Raymundo Moraes (1872 – 1941), autor de dezessete trabalhos em que o universo literário é a Amazônia, obteve por seu livro *Na Planície Amazônica*, dentre outros, o elogio feito por um presidente da República – Washington Luís – que o utilizou para conhecer a região, e em seguida a obra obteve repercussão nacional com o autor usufruindo de fama e fortuna crítica que depois o levaram, paradoxalmente, a completo esquecimento: não mais se pronunciou seu nome, também impronunciado da Justiça Comum pelo crime imputado – homicídio. Esta dissertação tem por objetivo principal chamar a atenção da comunidade acadêmica e do leitor em geral para a importância da obra literária deste escritor paraense, hoje, desconhecido, autodidata, comandante de navios pelos rios da região, jornalista, político, partícipe de atividades intelectuais de seu tempo, inclusive membro de entidades ligadas às letras. Foi ao pódio literário na década de 1930 e depois baixou às catacumbas do olvido, merecendo ser reapresentado e reconhecido num preito de gratidão e justiça, em decorrência de sua considerável produção a respeito da Amazônia, pois muitas de suas obras, como *O meu dicionário de cousas da Amazonia* (1931), continuam sendo fonte de investigação imprescindível para os que se dedica[re]m a estudar a respeito da Região Amazônica e sua(s) cultura(s), assim como alimentaram a voracidade antropófaga de Mário de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE: Raymundo Moraes, Amazônia, esquecimento, local, universal.



RAYMUNDO MORAES

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	12
 Capítulo I – Apresentação de Raymundo Moraes	
1.1 – Sobre um certo comandante de navio gaiola que se arvorou a ser escritor	20
1.1.1 – Em alto-rio	30
1.2 – As edições, a vinculação e a recepção da obra e algumas curiosidades sobre Raymundo Moraes e seus livros	41
1.2.1 – Recepção Ontem e Hoje	42
1.2.2 – O que aconteceu ontem e o que se verifica contemporaneamente	54
1.3 – Por que não é conhecido e nem estudado, nem lido e nem pesquisado?	62
1.3.1 – A pesquisadora Emilia Snethlage	65
1.3.2 – Existe “literatura paraense?” Existe autor na “literatura paraense?”	68
1.3.3 – Há valor no que Raymundo Moraes produziu?	74
1.4 – Como mudar esse quadro?	85
 Capítulo II – A Literatura e o jogo das identidades culturais: o universal e o local	
2.1 – As possibilidades de um plano de viagem: entre a aventura literária e o dialeto acadêmico.....	92
2.2 – Tão universal quanto local	105
2.2.1 – Esta reflexão contemporânea	107
 Capítulo III – Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento	
3.1 – A Amazônia na Universidade, a Literatura e a Cultura na sociedade amazônica	111
3.2 – Sem negar parcerias e sem abdicar da autonomia	132
 Uma Quase Conclusão	142
Referências Bibliográficas	148
Bibliografia de Raymundo Moraes	157
Fontes Orais	160

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não vai haver cultura, se nós não assumirmos como nossa, a nossa história, os nossos sonhos, as nossas dificuldades¹

Samuel Sá

Resgatar um intelectual do valor de Raimundo Morais (sic) – escritor de renome nacional de muitas obras e jornalista de intrépida combatividade –, de imerecido olvido, é uma reivindicação que dignifica o Pará, sua terra que tanto amou e ilustrou com ressonância além de suas fronteiras

Ricardo Borges²

¹ SÁ, Samuel. “O Imaginário: Discussão e Conceitos”, p.143.

² BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*, p. 383.

Tive imediata identificação com o texto do escritor Raymundo Moraes há algum tempo, quando passei a ler e colecionar sua produção. Também concorreu para essa identificação o fato de, semelhante ao autor, eu ser jornalista e escritor paraense, fazendo da Amazônia meu universo ficcional e, dessa maneira, valorizando o modo de narrar paraense.

Ao contatar com os livros de Raymundo Moraes, verificar o valor da obra e a preocupação do autor com a Amazônia, interroguei-me: por que será que um escritor com esse perfil, com diversos livros publicados, é pouco conhecido entre nós? Qual o lugar de Raymundo Moraes na Literatura Paraense? O que se tem de estudo sistematizado sobre esse autor?

Esses questionamentos me estimularam a querer estudar e conhecer melhor o autor de vasta produção em que se inclui, entre outros, o romance *Os Igaraúnas*³ e desse modo procurar obter respostas para algumas de minhas inquietações, entre elas o porquê de Raymundo Moraes ainda ser um escritor quase desconhecido e, por isso mesmo, pouco lido e menos ainda estudado.

Minhas inquietações intentam, com o desenvolvimento desta investigação, tornar mais visível Raymundo Moraes no campo da literatura. Seria bom se pudesse influir de alguma forma, tentando promover sua inserção no cânone literário local e, por extensão [quem sabe?], nacional.

Novíssimo, entrei numa redação de jornal (de onde nunca mais se sai no sentido de que jamais se deixa de ser jornalista) e, completamente seduzido pela emoção de lidar com a palavra, mergulhei nas minhas buscas literárias, sobretudo como leitor, e fui encontrando gradativamente o texto de Raymundo Moraes, que também fora jornalista – atente-se também para a informação que nos dá Mário Souto Maior acerca de Raymundo Moraes: “romancista, ensaísta, jornalista, folclorista, político”⁴. Passei então ao permanente mister ou fado de ir

³ OS IGARAÚNAS / IGARAÚNA.: “IGARA – deformação do vocábulo tupi y’ara, canoa, o que é da água, o que serve para a água. (p.173) UNA – preto, escuro” (TIBIRIÇÁ, Luis Caldas. *Dicionários de topônimos brasileiros de origem tupi*, p. 191); “IGARAÚNAS – Canoas pretas” (MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*, p.7); “O paraense aprendeu a andar, remando; aprendeu a caçar, navegando; aprendeu a pastorear, nadando. Em qualquer traço histórico de sua vida – religioso, militar ou doméstico – há o símbolo, a canoa, que é a sua montada, o seu ginete, o seu corcel. Foi nesse cavalo de pau que ele percorreu [...] rios e rios [...] trotou na montaria” (MORAES, Raimundo. Op. cit., p.17) (grifo meu); “OS IGARAÚNAS, como a totalidade dos estudos de autoria de Raimundo Moraes, evidenciam a preocupação desse escritor em revelar a Amazônia” (BASSALO, Célia. *Apresentação*, p.11) (grifo meu)

⁴ MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*, p.202.

atrás de seus livros, que se tornaram – por falta de reedições – raros, sumiram, e na procura que me impus a fim de tentar obter suas obras – por onde gapuiei e nas instituições e pessoas a que recorri, poucos sabiam de quem se tratava, pois havia – como ainda há – o desconhecimento do autor e do que produziu. A identificação aumentou porque percebia que a paixão à Amazônia, o amor ao Pará e a seu povo, à valorização do que é nosso, são sentimentos também meus, portanto, comuns aos dois jornalistas-escritores. Talvez por isso, se encontre de modo mais do que explícito neste trabalho a dupla voz do escritor: analista e analisando.

Quando tive a oportunidade, no Mestrado em Estudos Literários, na Universidade Federal do Pará, imaginei: é dele que vou me ocupar; porque sempre intrigou-me o fato de ter ciência de que fora escritor famoso, autor de 17 obras, algumas delas editadas e reeditadas nacionalmente e tendo também como leitores gente famosa como presidentes da república e intelectuais, mas que pôde amargar esquecimento, sobretudo, ao que tudo indica, da Academia.

É de Raymundo Moraes que me ocupo neste trabalho, no sentido único e exclusivo de batalhar para que ele retome seu lugar e [quem sabe? – sempre a incógnita] venha a ser novamente (re)conhecido, pelo menos, depois de ser lido, estudado, pesquisado como autor da Amazônia que precisa e merece ter o seu texto na mão do leitor e ocupado pela Academia. Estou certo de que isso é justo, é um direito de autor...

Caso obtenha ao menos a chance de dar alguma visibilidade a esse escritor de 17 livros, ficarei contente com esse feito. É a isso que me proponho neste trabalho, ficar atento, procurando encontrar, com a ajuda de outras parcerias, meios para que se dê a Raymundo Moraes o avultamento necessário ao que produziu.

Coleciono alguns de seus livros, adquiridos em minhas andanças nas livrarias e sebos, de Belém, Manaus e Rio de Janeiro. Dos que não foram até agora encontrados, alguns estão em fotocópia.

Sublinharei esta produção constituindo um *corpus* identificável no conjunto de textos que atestam a gênese e asseguram a vigência de um determinado saber sobre a Amazônia. E é, na verdade, a isso que venho, não para analisar propriamente a obra do escritor Raymundo Moraes, mas sim para *tentar* trazer novamente à tona, para atingir o topo quem já esteve no pódio literário e procurar uma maneira de dar visibilidade ao que produziu e que está, ao que tudo indica, relegado ao abandono.

Logo, uma das razões, um dos motivos de retornar aos bancos acadêmicos, para este Curso de Mestrado que me propus a fazer, foi colaborar com meu estudo, minha pesquisa, para que o Curso fosse efetivamente um mestrado profissional que me servisse para somar valor às minhas atividades de escritor e jornalista que publica regularmente textos de conteúdos variados, todos embasados por pesquisas, tanto no que diz respeito à ficção que produzo, quanto às obras de memória variada e outras que *crio*. Nesse sentido, espero que meu esforço seja um contributo que ajude no desenvolvimento regional e que é o atual desiderato de um Curso de Mestrado do jeito que vem se desenvolvendo na UFPA, porque também entendo que é o caminho para o desenvolvimento da pós-graduação na Amazônia, conclusão a que chegaram pesquisadores e representantes das instituições integrantes do Protocolo de Integração das Universidades Amazônicas com a diretoria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E, como explica o diretor de Avaliação, Professor Renato Janine:

a diferença entre o mestrado acadêmico e o mestrado profissional, é que o primeiro busca formar, a longo prazo, um pesquisador com profunda imersão na pesquisa. No mestrado profissional também deve ocorrer a imersão na pesquisa, mas o objetivo é *formar alguém que, no mundo profissional externo à academia, saiba localizar, reconhecer, identificar e sobretudo utilizar a pesquisa de modo a agregar valor às suas atividades, sejam estas de interesse mais pessoal ou mais social*⁵ (grifo meu).

Grifei o fragmento acima porque entendo que é exatamente dessa maneira que venho procedendo, na minha condição de escritor, e é assim que desejo continuar, razão pela qual, aqui neste trabalho, sublinho, venho nessa condição e com esse objetivo de mostrar, questionar a razão de o escritor Raymundo Moraes permanecer proscrito da Academia, excluído, como acontece também com outros, como Eidorfe Moreira, Abgvar Bastos, Maria Lúcia Medeiros, Nélcio Reis, Serzedelo Corrêa, Cândido Marinho da Rocha, Silvio Meira, Leandro Tocantins, Carlos Rocque, Victor Tamer, Ruy Barata, Oswaldo Orico, Jorge Hurley, Elias Viana, Antonio Tavernard, Juvenal Tavares, Marques de Carvalho, Eustáchio de Azevedo, Ernesto Cruz, Georgenor Franco, Haroldo Maranhão, Adalcinda Camarão, Eneida de Moraes, Lindanor Celina, Bruno de Menezes, Santa Helena Magno, José Guilherme de Campos Ribeiro, Sultana Levy, Cauby Cruz, José Sampaio de Campos Ribeiro, Jacques Flores, Alfredo Ladislau, Vilhena Alves, Ildefonso Guimarães, Pinto Marques, Acrísio Mota,

⁵ JANINE, Renato. Mestrado profissional é a saída para a região Norte, p.6, Caderno Atualidades, Jornal O Liberal, edição do dia 14 de janeiro de 2006.

entre os que já se foram, e há os que estão aqui, ativos, produzindo, dentre os quais podemos citar alguns, como: José Ildone, Alfredo Oliveira, Alberto Moia Mocbel, Benedicto Monteiro, Max Martins, Ademir Braz, Aline Brandão, Ápio Campos, Vicente Salles, Carlos Correia Santos, João de Jesus Paes Loureiro, Edyr Augusto Proença, Nazareno Tourinho, Vicente Cecim, Ronaldo Bandeira, Andersen Medeiros, Juracy Siqueira, Hilmo Moreira, Edílson Pantoja, Acyr Castro, Walcyr Monteiro, José Maria Villar Ferreira, Sant'ana Pereira, Amaury Dantas, que não fazem parte de uma espécie de “Cânone privilegiado” por um possível mandarinato intelectual local invisível – ainda que palpável!

Embora possa ocorrer e sempre ocorra, e o exemplo que aqui dou comprova, e inobstante não tenha que ser por ter ocupado este ou aquele cargo público relevante e sido isto ou aquilo que alguém não deve ser esquecido, fica difícil aceitar que o dirigente da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, ocupante de altos cargos públicos, amigo do governador e líder político do Pará, Magalhães Barata, Inspetor Escolar, escritor com inúmeros livros e tendo, através da literatura, sido premiado pela Academia Brasileira de Letras, fundador e membro da Academia Paraense de Letras⁶ e tantos outros títulos, homem influente, jornalista famoso, profissional com uma considerável rede de relacionamentos, tenha caído em total esquecimento em sua condição de escritor?

A fim de explorar tal questão, me voltei à presente investigação, lançando mão, para tanto, dos seguintes procedimentos metodológicos: 1) levantamento bibliográfico acerca do autor focado; 2) levantamento acerca dos conceitos pertinentes para a abordagem do tema; e 3) entrevistas com pessoas que detêm informações relevantes sobre o autor, especialmente seus familiares.

Ao ouvir, em pesquisa de campo, professores de diversos níveis, estudantes de diversas fases do aprendizado, e constatar que quase ninguém conhece nossos autores e sua produção literária, percebi mais claramente o quanto nós não nos conhecemos literária e culturalmente e não valorizamos o que é nosso. Neste trabalho, tais afirmativas circunscrevem a nossa cultura e, sobretudo, a nossa produção literária.

Nesse sentido, só para ilustrar, registre-se que bibliotecas das Instituições de Ensino Superior – IES geralmente não apresentam um programa de valorização do autor local. Valorizam, quase sempre, somente os de fora.

⁶ A Academia Paraense de Letras – APL foi fundada a 03 de maio de 1900, mas foi reorganizada a 15 de agosto de 1913. O nome de Raymundo Moraes consta da fase de reorganização, conforme se lê no Quadro Social da APL, de 2006, página 15.

E como não conhecemos e nem valorizamos o que é nosso, não passamos daqui, geograficamente, porque os de outra região nos desconhecem e, assim, ninguém “estoura” literariamente lá fora, situação partilhada com outros Estados da Região, salvo casos isolados, como o do amazonense Milton Hatoum, que chegou a conquistar prêmios de expressão nacional, como o Jabuti. Nem mesmo uns nomes mais evidentes, como José Veríssimo e Inglês de Sousa, não respondem automaticamente como ligados à Literatura Paraense, como é o caso de José de Alencar que imediatamente se associa ao seu lugar de origem, o Ceará, para citar apenas este exemplo.

Feito um esboço geral do que é a presente dissertação, passo a um roteiro da disposição dos capítulos. No primeiro, apresento o escritor, suas obras, como foram recepcionadas e procuro mostrar por que não é conhecido, nem estudado, nem lido, nem pesquisado...

No capítulo II, trato do referencial teórico ou, como se costuma dizer, do arcabouço ou conjuntos teóricos. Aproveitei e confrontei os pontos de vista, desde Walter Benjamin, da Escola de Frankfurt, passando por Antonio Gramsci, chegando a Homi Bhabha, Nestor Canclini, Antonio Cândido, Luis Costa Lima, Silviano Santiago, Roberto Schwarz, bem como atento ao que dizem Paulo Nunes, Edílson Pantoja, José Guilherme Fernandes, Samuel Sá, Benedito Nunes e outros, com vistas a melhor explorar os tópicos destacados ao longo do meu texto.

E no capítulo III, surge *Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento*, como se o rio Amazonas que ele tanto tratou se transformasse no mítico Letes. Prova da pertinência do jogo efetuado entre *Amazônica/Esquecimento* é o fato de ter sido retirado o nome da escola que homenageava Raymundo Moraes, no bairro do Maguary.

Quanto ao capítulo IV, apresento o que chamo de quase-conclusão – “conclusão” fica por conta do fechamento do texto, ao passo que o “quase” denuncia minha nítida certeza de que a pesquisa, por mais abrangente que possa ser, jamais se fecha de fato.

Isto posto, reenfatizo: esta dissertação pretende, tão somente e quase que exclusivamente, evidenciar a obra do escritor Raymundo Moraes, fazê-lo (re)conhecido, mostrar alguns dos saberes de e sobre ele. Sei que depois virão as dissertações analíticas em cima das obras e da personalidade de Raymundo Moraes. Agora eu me dou, repito, por satisfeito, se conseguir que o autor volte a ter visibilidade e que ao menos amenizemos as

injustiças com nossos autores, principalmente da parte da Academia, que deve estar aberta a todos, sem discriminar quem quer que seja.

Logo, este trabalho, na verdade, não é somente uma pesquisa científica, mas, principalmente, uma reivindicação justa. A epígrafe destas considerações iniciais, constante da crônica do desembargador Ricardo Borges⁷, sintetiza o que pretendo nesta Dissertação de Mestrado.

Atento ao que leciona Del Castilo – “nesse momento em que os olhos do mundo avançam sobre a Amazônia, é importante que outros se voltem ao passado”⁸ –, fui atrás do que fez e do que produziu Raymundo Joaquim de Moraes, o escritor Raymundo Moraes. É o que veremos na seqüência desta navegação de cabotagem, numa viagem enlanchada pelos portos do conhecimento, do afeto e do mistério-emoção.

⁷ BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*, p. 383.

⁸ DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. *Lanterna dos Afogados. Literatura, História e Cidade em meio à selva*, p.14.

CAPÍTULO I
APRESENTAÇÃO DE RAYMUNDO MORAES

1.1 - SOBRE UM CERTO COMANDANTE DE NAVIO GAIOLA QUE SE ARVOROU A SER ESCRITOR

Entre 1840 e 1920, quase toda a atividade da economia da Amazônia tinha como ponto principal o extrativismo da borracha. Belém, a capital paraense, passou a ser o porto “escoador da produção amazônica da borracha”, conforme Nazaré Sarges, que acrescenta:

Belém tentou tornar-se bem mais européia do que amazônica, inclusive tornando-se um verdadeiro centro de consumo de produtos importados. Culturalmente, a cidade foi dominada pelo “francesismo”, o que se explica pelo hábito de que tinham as famílias ricas em mandarem seus filhos aprimorar sua educação em escolas francesas⁹.

Mas, quando chegou 1920, com a concorrência asiática e a produção da borracha sintética, Belém viu chegar o fim de um período em que fora denominada de capital da borracha e Metrópole da Amazônia, porta de entrada e saída para a vasta região, o que lhe conferia, além da importância econômica, a importância cultural.

Nessa metrópole nasceu¹⁰, viveu e trabalhou o comandante de navios, o político, o funcionário público, o jornalista e o escritor Raymundo Moraes, como se vê, um multiprofissional.

Na região Amazônica, norte do Brasil, há alguns quilômetros da foz do rio Amazonas, que, infelizmente, “está se transformando num grande esgoto das cidades ao longo da sua calha – Iquitos, Manaus, Porto Velho, Parintins, Santarém, Macapá etc.”¹¹, Belém foi fundada em 12 de janeiro de 1616 pelo capitão-mor português Francisco Caldeira Castelo Branco. A Feliz Lusitânia expandiu-se e passou a ter uma arquitetura nas suas edificações na época pombalina, século XVIII, e, crescendo, manteve comércio direto com Lisboa, recebendo da Europa bom abastecimento genérico. Após a Cabanagem [1835-1840, na datação adotada por Carlos Rocque¹², porém alguns historiadores mencionam período diferente: para Ítala Silveira,

⁹ SARGES, Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*, p.186.

¹⁰ O local de nascimento do autor tem sido um ponto que me tem causado uma certa dificuldade, pois, embora todas as fontes escritas e algumas testemunhais indiquem Belém como sendo o local de seu berço, obtive informações, de familiares, que apontam para a cidade de Abaetetuba, porém até o presente momento não consegui confirmar tal hipótese.

¹¹ HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *Amazônia: como aproveitar os benefícios da destruição?*, p.127.

¹² ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém do Grão-Pará*, p.46.

o conflito vai até 1845¹³, e para Bárbara Weinstein¹⁴ segue até 1850], a região entrou na idade do ouro com o leite da seringueira, ensejando o período áureo da borracha e se tornou um centro de intercâmbio comercial com diversos países da Europa e com o interior amazônico por meio de linhas de navegação regulares.

Observa Benedito Nunes:

Importávamos tudo. A população da Amazônia aumentava; e Belém, já com 91.307 homens livres e 26.975 escravos em 1833, crescia como metrópole entre novos produtos caros, importados, e velhos produtos locais estiolados pelo absorvente extrativismo, como aqueles mencionados por La Condamine [Charles de La Condamine – cientista]. Produzidos cada vez menos, cacau, café, açúcar, foram quase que inteiramente abandonados. Comia-se pão de trigo puro, vindo da Europa e faltava farinha de mandioca nossa de cada dia. Consumia-se roupas, manteiga, sabões da Inglaterra e da França. Salvo as esporádicas edificações aqui e ali, em cidades do interior, Santarém ou Óbidos, não lucrou a Amazônia, como um todo, com o novo sistema. Lucrou, sim, a metrópole, imitada por aquelas, e que, com recursos financeiros renovados, provenientes de impostos e de empréstimos bancários, alguns no estrangeiro, teve a sua urbanização acelerada¹⁵.

De modo a confirmar as considerações de Nunes, evoco a fala do naturalista inglês Henry Walter Bates, que registrou, em 1859, o resultado dessa mudança apontada pelo intelectual paraense:

Encontrei a cidade do Pará grandemente mudada, e para melhor. Já não tinha mais aquele aspecto de arraial, com ruas cheias de mato e casas desmanteladas, que eu ficara conhecendo em 1848. A população tinha aumentado para 20.000, devido ao influxo de imigrantes portugueses, madeirenses e alemães, e fazia alguns anos que o governo provincial vinha dispendendo os excedentes de suas rendas, que eram consideráveis, no embelezamento da cidade¹⁶.

Bates conta que as ruas de Belém passaram a ter calçamento, e as casas melhor construídas, praças cuidadas que revelavam um bonito espetáculo visual. E completa:

A procura de prazeres era tão grande quanto antes, mas dirigida num sentido mais racional, parecendo que os paraenses procuravam agora imitar os costumes das nações do norte da Europa ao invés dos da mãe-pátria. Alegrou-me ver várias livrarias na cidade, bem como um belo edifício funcionando como uma biblioteca¹⁷.

¹³ Apud BOGÉA, José Arthur. *Bandolim do diabo (Dalcídio Jurandir: fragmentos)*, p.46.

¹⁴ Apud BOGÉA, José Arthur. Op. cit., p.46.

¹⁵ NUNES, Benedito. *Crônica de duas cidades*, p.21.

¹⁶ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*, p.296.

¹⁷ BATES, Henry Walter. Op. cit. p. 297.

Como se percebe, a cidade possuía livrarias. Entretanto, como chegavam os livros a Belém? Quem nos responde esta indagação é o Professor Benedito Nunes:

Livros nunca nos faltaram. Chegavam com as modas de Paris e eram vendidos em belas e amplas livrarias de estoques atualizados. Das livrarias, quando não trazidos ou exportados (sic) diretamente de Paris pelos leitores, passavam às bibliotecas particulares, sempre de porte avantajado¹⁸.

Havendo livrarias, havia leitores, que liam, certamente, em outras línguas e raramente em língua portuguesa.

Do relato de Benedito Nunes, pode-se depreender que o costume era importar livros em outros idiomas e lê-los, aqui; portanto, os livros eram editados nas tipografias da Europa. Logo, não se valorizava o que era produzido aqui. E esse costume ainda perdura.

O paraense se acostumou a essa ponte direta com a Europa e, por isso, geralmente não teve consciência de valorizar o que é seu, pois, seguramente, tínhamos, naquela época – como temos hoje –, escritores nativos, e o nome que nos ficou mais arraigado como pioneiro foi o de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Especificamente no período abordado por Nunes, o fato seria até justificável – não tínhamos imprensa –, porém, mesmo depois, com os autores logo abaixo citados, a situação não mudou.

Falava-se em José Veríssimo, Inglês de Sousa, Juvenal Tavares e outros, mas quem adquiria as obras desses autores? Havia outros escritores que produziam livros localmente? Onde eram impressas suas obras? Para quem? Suas obras eram conhecidas? Possivelmente circulavam acanhadamente aqui.

Levando em conta que a elite paraense é que era leitora pelo fator de concentrar o poder aquisitivo e lendo os livros em outros idiomas, não havia leitor para os autores locais. A elite continua dominando, lendo o que vem de fora e desconhecendo o que aqui se produz.

Belém era a *Paris na América*, denunciando uma série de elementos que expressam aquilo que Roberto Schwarz denominou de “as idéias fora do lugar”¹⁹. Nessa condição, ela vivia em fastígio. É novamente Benedito Nunes quem nos diz:

¹⁸ NUNES, Benedito. Op. cit., p.38.

¹⁹ SCHWARZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*, p.10.

Nesse fastígio, Belém reproduzira os esplendores da *belle époque*. Europeizava-se, não mais imitando Lisboa e Liverpool, depois de ter tido a tentação de imitar Veneza. Imitou a metrópole por excelência da época, a capital do século XIX, Paris. Na expressão deliciosa de Haroldo de Campos, a mim pessoalmente endereçada certa vez, Belém do Pará tornava-se Belém de Paris. Belém de Paris também era a Paris de Belém. Em constantes viagens de uma para outra, os seringalistas e os grandes fazendeiros, membros de prol da classe abastada, dominante, aproximam e até confundiram as duas metrópoles²⁰.

Conta Nunes, e é de corrente conhecimento de quem procura saber e entender esse período, que as famílias mandavam lavar a roupa doméstica, em Londres, e proceder a encadernação de livros na capital francesa. Famílias saíam diretamente do Marajó para viagens a bordo dos paquetes que as transportavam até os portos da Europa, notadamente Paris. Revela Nunes:

Havia também, as que passavam temporadas de um ou dois anos na Suíça ou na Bélgica. Era mais econômico, explicavam, mesmo levando a cozinheira e a babá dos filhos pequenos. Conta-se que senhora de uma dessas famílias, há muito na capital francesa, comentando em carta a uma sua amiga, a notícia dos inconvenientes namoros em Belém de certa moça conhecida de ambas, resumia o caso dizendo: “Em Paris não se fala de outra coisa!”²¹.

No cenário de uma sociedade do lado de baixo do Equador, que sempre quis ser mais francesa e inglesa do que paraense, sociedade que torcia o nariz para as coisas locais, que se envergonhava de suas coisas e queria só importar para ser diferente porque herdou a expectativa de ser uma França nos trópicos ou uma Lisboa no Pará ou uma Londres no rio Guamá, apareceu um comandante de navio gaiola, o senhor Raymundo Moraes, se arvorando a escritor na Belém da década de 1920. Moraes escreveu quatro livros nessa década que marcou a grande crise econômica regional, com a queda da borracha, de tal modo que, enquanto tudo parecia desmoronar de vez, o escritor mergulhava na produção literária e sua narrativa mostrava uma região pujante. Num plano ficcional, o escritor Dalcídio Jurandir toma essa fase de “ruína” como pano de fundo histórico para um dos romances do *Ciclo do Extremo Norte*:

Na rotina da capatazia, diante do cais murcho, as “gaiolas” em seco e os armazéns fechados, seu Vergílio foi se convencendo de que tudo aquilo não viera apenas da queda da borracha. Mas de que mal? Ambição? Imprevidência? Castigo de Deus?

²⁰ NUNES, Benedito. Op. cit., p.32.

²¹ NUNES, Benedito. Op. cit., p.32.

Obra do estrangeiro? A cidade exibia sinais daquele desabamento de preços e fortunas. Fossem ver a Quinze de Novembro com os seus sobrados vazios, as ruínas d'A Província, os jardins defuntos, a ausência da cal e do brilho nos edifícios públicos nos atos cívicos. O São Brás era mesmo agora um Partenon. Ingleses haviam levado para o Ceilão as sementes da borracha. Mas isso não foi em 1878? / Para as mulheres, a queda do senador era a causa de tudo. A borracha subira tanto, graças ao Senador, em Palácio. Rolara a tão baixo preço graças ao Senador no chão, traído e espezinhado²².

Os habitantes da cidade eram preconceituosos e metidos a intelectuais, conforme já nos disse Benedito Nunes.

Na verdade, para nós, todos nós, quem é Raymundo Moraes? Nas conversações entabuladas em diversos locais, notadamente no *campus* do Guamá, na Universidade Federal do Pará, entre diversos atores, quando desejavam saber do que iria me ocupar na Dissertação de Mestrado e mencionava que trabalharia a obra de Raymundo Moraes, surgia quase sempre a perquirição:

— Não conhecemos este senhor!! – diziam alguns. Diante disso, tentava pedagogicamente demonstrar que se trata de escritor de várias obras literárias.

Em outras ocasiões, repisando o mesmo tema, vinha a estupefação, o estranhamento:

— É um desconhecido!!! – exclamavam.

— Quem é mesmo? – desejavam saber alguns mais curiosos.

É assim quando menciono o *corpus* de meu trabalho que multivozes ecoam o mesmo questionar que denuncia e confirma ser o objeto de minha pesquisa, contemporaneamente, um grande desconhecido.

A seguir, apresento respostas às múltiplas interrogações com que me defrontei no período de levantamento prévio de dados, muitas das quais perduram até o presente, nas falas de tantos companheiros das letras e cidadãos comuns.

Estamos na Amazônia, região que mais atrai a atenção do mundo inteiro também por sua biodiversidade de flora e fauna, questões sociais e antropológicas latentes e demais riquezas em recursos naturais²³ e características e ambiências que são muito difundidas pelos

²² JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*, p.63.

²³ Quanto a tais recursos, destaca Manoel Guerreiro que, “No decorrer dos últimos 30 anos a CVRD juntamente com seu braço de exploração, representado pela extinta Rio Doce Geologia e Mineração S.A. (DOCEGEO), transformaram a Serra dos Carajás em um dos maiores distritos minerais do mundo em termos de jazidas de ferro, manganês, cobre, níquel e ouro. Estas reservas somadas às jazidas de bauxita do Rio Trombetas e Paragominas e às de caulim do Rio Capim fizeram com que o Pará adentrasse o século XXI como o maior produtor de bens minerais do Brasil” (GUERREIRO, Manoel Gabriel Siqueira. *Apresentação*, p.13).

meios de comunicação. Muito embora mesmo hoje com todo avanço tecnológico e acesso mais fácil pouco se conheça (e por mais que se conheça tudo sobre a Amazônia muito pouco se terá chegado a saber dela) dela ou sobre ela, foi daqui que o comandante de “gaiolas” Raymundo Moraes escreveu seus livros, entre os quais *Na Planície Amazônica* (1926), até hoje, o de maior número de exemplares em várias edições. Moraes escreveu suas obras baseado no conhecimento empírico de quem nasceu, viveu e aprendeu percorrendo o que há de maior no mundo em sistema hidrográfico.

Seus livros também foram escritos alicerçados em pesquisas que fez lendo livros de grandes autores, de tal maneira que, ao se consultar suas obras – romances, crônicas e ensaios –, tem-se uma aula plena sobre o homem e a natureza amazônicos e justamente por isso é que não se pode aceitar esse esquecimento a que está relegado quem a respeito dela tanto escreveu e tanto a defendeu, sobretudo diante de maior cobiça sobre a Amazônia, região a respeito da qual todos querem saber e conhecer (com que intenção?).

O nome artístico é Raymundo Moraes, mas o nome de batismo é Raymundo Joaquim de Moraes. De acordo com a certidão de inumação, expedido pelo Departamento de Administração de Necrópoles, do Cemitério de Santa Isabel, a 23 de janeiro de 2007, o escritor foi sepultado no dia 04 de fevereiro de 1941 na sepultura n. 12.826, Quadra 18-D, conforme registrado à folha n.981 do livro de número 025. *Causa mortis*: cirrose hepática. Médico: Jaime Aben-Athar.

A sepultura tem como atual cessionário Raimundo Joaquim Moraes (sic), estando registrado no livro n.01 de Perpétuas, à folha de n.15, tendo como data de compra o dia 17 de abril de 1896.

Estive (dia 26 de janeiro de 2007) no Cemitério Santa Isabel e encontrei a sepultura indicada na quadra 18-D. Existe foto de uma mulher, sem identificação de nome. Abaixo, consta a seguinte inscrição: “Jazigo da Família Moraes Soares”. Mais abaixo, numa pedra de mármore, há gravado o seguinte: “Miguel Quintiliano Moraes, falecido em 17 de abril de 1896”, ou seja, quando Raymundo Moraes tinha 24 anos de idade.

Na pedra consta ainda o nome de Miguel Quintiliano de Moraes Filho, falecido em 10 de agosto de 1916; Ernesto Fausto Soares, falecido a 18.02. 1917; Celina Hilarião de Moraes, falecida no dia 10 de julho de 1934; há também nessa pedra a inscrição de falecimento de Raymundo Joaquim de Moraes (sic), acontecido a 03 de fevereiro de 1941. Inserem-se os nomes de: Catarina Torres de Soares, em 23 de abril de 1944; Lucentina Martins de Moraes,

falecida a 11 de Dezembro de 1945, ou seja, a mãe faleceu um ano depois da morte de Raymundo, depois vem o nome de Maria de Moraes Soares, morte ocorrida a 08 de dezembro de 1955, a seguir, Dora Agrícola de Moraes Soares, falecida a 01 de outubro de 1988.

Partindo de um porto, de um lugar, de uma cidade, Raimundo Moraes construiu sua obra com as ferramentas (estudo, pesquisa) de quem sabia o que estava fazendo e devia deixar o melhor que podia e deixou, obra plena de Amazônia.

Nesse sentido, que cidade é Belém, que, além de se deixar possuir por legião de estrangeiros – holandeses, franceses, espanhóis, portugueses –, facilita tudo para os ingleses, desde o porto até o transporte urbano em bondes e outros esgotos? E, para os seus próprios filhos que tudo fazem para agradá-la, cantam suas qualidades, ela dá o desprezo, o esquecimento, tal como uma mãe desnaturada ou uma madrasta típica dos contos de fadas?

Que tipo de cidade é esta que se deixa fundar por portugueses sob o olhar de seus Tupinambás e deixa ao deus-dará os seus filhos entregues à sorte da natureza amazônica para que a cantem e se encantem com ela, como é o caso de Raymundo Moraes e de outros menestréis mundiados pela Mãe d'Água, pela mataria, pelos rios, pela fauna?

Ou esta cidade ainda não existe? Existe a desordem, a falta de planos desde os tempos das populações indígenas hoje dizimadas? Ou a cidade é irreal? Ou a cidade é um barco, uma lancha, uma canoa, uma jangada de toras de madeiras que desce os rios procurando a saída? Ou a cidade é o discurso, é a palavra, é o não-discurso, o não-dizer, o não-pronunciar? É o símbolo de nós mesmos, de nosso verbo e de nosso verme?

Cidade real, irreal, letrada, invisível, cidade da igreja, dos santos, cidade dos políticos, dos camelôs, dos marreteiros, dos ônibus e também das letras, de quem é a cidade visível/invisível?

Como situar tal cidade, a que margem ela pertence: à daqui, ou a “outra beira”²⁴, para lembrar a imagem de Guimarães Rosa? E Rosa demonstra mais essa questão.

Ou ainda, para continuar meditando a partir do texto roseano, a cidade estaria n'A *terceira margem do rio*, prefiguração do entre-lugar do discurso latino-americano de que nos fala Silviano Santiago²⁵? Pensemos na seguinte passagem do conto de Rosa:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para

²⁴ ROSA, Guimarães. *A terceira margem do rio*, p.77.

²⁵ SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*.

dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia²⁶.

No tocante à possibilidade da afirmação da metáfora da cidade enquanto “verbo”, sistema eminentemente simbólico, o crítico uruguaio Ángel Rama tece as seguintes considerações:

Uma cidade, previamente à sua aparição, na realidade, devia existir numa representação simbólica quer obviamente só podia assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação de normas e, subsidiariamente, os diagramas gráficos, que as desenhavam nos planos, ainda que, com mais frequência, na imagem mental que desses planos tinham os fundadores os que podiam sofrer correções derivadas do lugar ou de práticas inexpertas. Pensar a cidade competia a esses instrumentos simbólicos que estavam adquirindo a sua pronta autonomia, que os adequaria ainda melhor às funções que lhes reclamava o poder absoluto²⁷.

Quem sabe a palavra espocada que Raymundo Moraes tecia para mostrar a Amazônia seria entendida nas funduras do rio, no perau, onde habitam os encantados?!?! Talvez fosse ouvido, para não sofrer o olvido, não amargar tremendo esquecimento, porque embora se saiba que a “palavra escrita viveria na América-Latina como a única válida, em oposição à palavra falada que pertencia ao reino do inseguro e do precário”²⁸, Raymundo Moraes trabalhava com a palavra-hálito, com a palavra-balão que espocava, que saía do cotidiano popular e por isso não possuía valor institucional, pertencia ao reino das encantarias amazônicas, ao reino da fantasia, dialeto só entendido no perau ou onde a palavra enquanto ordem e poder estava autorizada numa cidade letrada, enquanto a outra, plebe ignara, periferia, excluída e precária.

A *cidade invisível* de que nos conta Ítalo Calvino²⁹ é mesmo uma cidade na selva amazônica ou uma cidade-boiúna, cidade navio-fantasma ou caminhão com potentes faróis que chega com a mordada do forte para que não pronuncie nada?

Na verdade, o que estamos buscando ou construindo na Amazônia são cidades de solidão, de terras caídas, um entre-lugar [para aproveitar novamente a metáfora de Santiago], espaço social em que a ordem é imitar ou copiar – sem ser original – uma estrutura onde a

²⁶ ROSA, Guimarães. Op. cit., p.78.

²⁷ RAMA, Ángel. *A cidade das letras*, p.29.

²⁸ RAMA, Ángel. Op. cit., p.29

²⁹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*.

água, o rio, o barco são um entrave ao desenvolvimento? Nesse sentido, destaque-se a seguinte afirmativa de Roberto Schwarz:

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre em sentido impróprio. / É nesta qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa, para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação³⁰.

Seguindo numa linha próxima à de Santiago, exposta anteriormente, José Aldemir Oliveira pontua:

Na Amazônia, mais do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz. É o processo do construir construindo-se, dando a dimensão do não acabado. Neste sentido, a cidade é o lugar do vivido, mas de um vivido espedaçado em que a memória não detém a ação do produzir o espaço, havendo no processo de criação da cidade a predominância do esquecimento e do desenraizamento³¹.

Nota-se a degradação do homem e da natureza num espaço social que se pode chamar de cidade, e ir para a cidade significa ir para onde há infra-estrutura.

Nessa localidade onde estão as populações amazônicas, onde passa o rio, aí Raymundo Moraes olhou e contou e, mesmo sendo aplaudido, foi esquecido pelo sistema. De qual Amazônia, qual cidade, capital, povoado, vila, lugarejo nós somos? Existimos? Imensa periferia de *indigen-tes*, é só isso que somos? Como diz Lyotard, “o artista, o escritor está louco quando teima dar ouvidos à carência, miséria, testemunhar que há restos que deparamos quando entramos na cidade pelo subúrbio, pela periferia sempre cheia de lixo e urubus”³² – coaduna-se aqui a fala do estrangeiro naturalista Wallace, que, ao chegar a Belém, constata que “Urubus voavam lá no alto, ou, então, indolentemente, caminhavam na praia”³³. O que acontece com quem insistir em apresentar tal quadro, amarga clausura? E os que, mesmo diante da censura, continuarem a insistir na exposição de quadro tão deprimente aos olhos do dominador [Wallace era inglês!!!], como o fazem Raymundo Moraes e Dalcídio Jurandir,

³⁰ SCHWARZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*, p.29.

³¹ OLIVEIRA, José Aldemir. *Cidades na Selva*, p.20.

³² LYOTARD, Jean- François. *Moralidades pós-modernos*, p.23.

³³ WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, p.36.

serão chamados de intolerantes? Veto e interdito são pagamentos ao transgressor nesse “local da cultura” de que nos fala Bhabha ou teria sido por que o texto dos letrados sempre desempenhou um

papel hegemônico na América Latina [?]. Burocratas a serviço do poder estatal, romancistas e poetas engajados nos movimentos de independência aliados aos promotores dos processos subseqüentes de modernização. A vocação retórica e o gosto da palavra ornamental das culturas ibéricas vão pouco a pouco, impondo-se³⁴.

E então, qual seria a *Ordem do Discurso*: vai aos altares da fama ou baixa à sepultura do esquecimento? – não esqueçamos que o livro de Michel Foucault³⁵ trata de sistemas de exclusão.

Quanto a esse tópico da exclusão, especificamente no que diz respeito a Belém, Del Castilo pontua:

Belém do projeto iluminista é um espaço e não um lugar. No sentido de que não teve raízes culturais fundadoras, mas sim foi a materialização da utopia iluminista européia que reprimiu o *em-si* mágico das culturas indígenas e caboclas, outorgando poderes aos naturalistas do século XIX com o objetivo de transpor a muralha natural. Por estarem sempre distanciada da realidade amazônica que margeia, para os caboclos e índios, ela carrega o eterno mistério do que lhes é estranho. No sentido de que, na concepção iluminista, ela representa a possibilidade de liberdade do homem que sabe a técnica de dominação da natureza, o método de como proceder tal dominação, que é livre porque subjuga a natureza e o outro *para ele*, num processo de objetualização que o levará ao acúmulo de capital³⁶.

Com base na análise de Del Castilo, Belém seria uma cidade na selva que quer ser acessível ao estrangeiro e ao mesmo tempo possuir um muro natural, protetor. Em compensação, de acordo com o autor,

As “metrópoles” amazônicas parecem ter muralhas impenetráveis para o caboclo que habita suas margens. As várias constatações da cidade moderna, presentes nos relatos dos viajantes de fins do século XIX e início do século XX, não permitem ver para

³⁴ MIRANDA, Wander Melo. Pós-modernidade e tradição cultural, p.10.

³⁵ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*.

³⁶ DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. *Lanterna dos Afogados. Literatura, História e Cidade em meio à selva*, p.60-61.

além dos paralelepípedos de granito a calçar as ruas, dos teatros e mercados sofisticados, e da regularidade das ruas e fachadas³⁷.

Consequentemente, há um interdito que impede os locais de serem reconhecidos pelas cidades, ainda que estes sejam menestréis que cantem e encantem mundiando a metrópole, a senha não funciona, permanecem fora, olvidados, como é o caso *exemplar* de Raymundo Moraes.

É que há, entendo, também muito preconceito e desinformação em relação ao homem da Amazônia, esse preconceito dominante de que só é civilizado quem vem de fora, os mais fortes financeiramente, sem levar em conta o modo de ser amazônico, o modo de ser dos povos desta região. E o que significa ser civilizado? Viver num consumo desenfreado, numa enorme devastação ambiental, numa riqueza que suscita a violência dos que estão à margem e nada possuem? Talvez o *modus vivendi* amazônico seja o contraponto que está faltando para que universalmente haja o entendimento equilibrado (inclusive com vez e voz aos índios) que todos desejam.

Nesse contexto, o conselho de Marco Pólo ao poderoso Kublai Khan permanece valendo: “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas...”³⁸.

1.1.1 – Em alto-rio

No dia 15 de setembro de 1872, nasceu, em Belém [?], Raymundo Joaquim de Moraes, filho de Miguel Quintiliano Moraes e de Lucentina Martins Moraes. Faleceu também em Belém, a 03 de fevereiro de 1941. Desde cedo viu seu pai, prático experiente dos rios da Amazônia, pilotar embarcações, notadamente no rio Madeira. Raymundo Moraes, a partir dos onze anos e ainda de calças curtas, acompanhava o pai nessas tarefas e, bom e arguto observador, aos dezoito anos de idade, segundo Bassalo, “tirou carteira de prático e piloto fluvial dos Rios Madeira e Purus. Comandou o navio ‘Rei Lear’, antigo transatlântico, que na época transportava carvão para um pontão na boca do Pauhiny, afluente do Purus”³⁹.

É possível deduzir, conforme Bassalo, que foi nesse cotidiano das viagens em nossas hidroviárias em contato diuturno e direto com as coisas da Amazônia que Moraes aprendeu “a

³⁷ DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. Op. cit., p.216.

³⁸ CALVINO, Ítalo. Op. cit., p.44.

³⁹ BASSALO, Célia. *Apresentação*, p.7.

amar e a expressar, nasceu esse amor aos livros que escreveu”⁴⁰ sobre a região Amazônica.

É o escritor Aldo Moraes, filho de Raymundo, quem confirma tal informação de Bassalo: “comandante aos dezoito anos de idade [teria ampliado sua idade de 18 para 21 anos, objetivando assumir o comando dos navios e possivelmente foi um dos comandantes mais novos do mundo] seu currículo de estudante se resumia ao curso primário”⁴¹, o que confirma que todo o conhecimento que conquistara provinha “dos passadiços”, inclusive da fome de cultura erudita que procurava saciar nas horas de folga do serviço, ocasião em que devorava os livros de autores que lhe indicavam a rota interpretativa para desvendar os segredos telúricos.

Ainda segundo Aldo Moraes, cedo seu pai se tornou comandante e vale ler sua observação: “As condições históricas da Amazônia de então, exigindo a formação de profissionais náuticos, favoreciam a rápida ascensão de homens inteligentes, dotados de espírito de comando”⁴².

Conseqüentemente, Raymundo Moraes, sendo homem inteligente e com espírito de comando⁴³, foi conseguindo aos poucos seu intento.

Raymundo Moraes tinha poderes de proprietário ao comandar os navios e fazia com alta rigidez, educado que fora desde criança na disciplina dos horários, de tal sorte que tinha também poderes para aplicar punição ao tripulante que cometesse o menor deslize a bordo, conta Aldo Moraes, e ainda representava a firma aviadora proprietária da embarcação, com autoridade suficiente para fechar negócios, acertar faturas.

Mas os tempos mudam, atestando a incompatibilidade dessa rígida disciplina a bordo e também as empresas de navegação retiraram dos comandantes de navios a “representação mercantil”, e quando as firmas aviadoras colocaram seus representantes dentro dos navios, junto do comandante e a abolição dos horários, Raymundo Moraes, que estava acostumado com poder plenipotenciário a bordo, estrilou, e a passagem a seguir, narrada por seu filho, identifica bem o tipo de homem que era o escritor:

⁴⁰ BASSALO, Célia. Op. cit., p.7.

⁴¹ MORAES, Aldo. *Moraes, Raymundo (um século)*, p.365-366.

⁴² MORAES, Aldo. Op. cit., p.366.

⁴³ Aldo conta que “cinco anos antes de Raimundo Moraes (sic) nascer, tinha entrado em vigor o decreto imperial de abertura dos nossos portos à livre navegação, 1867 que tomou grande impulso no período de sua adolescência e juventude com a descoberta da vulcanização da borracha, 1888/1889, pelo escocês Dunlop, e que atraiu navios de todas as bandeiras para a Amazônia, com predominância dos ingleses, em busca do látex” (MORAES, Aldo. Op. cit., p.366).

Na primeira viagem de experiência do representante que foi o próprio sócio da casa sentado à direita da cabeceira, Moraes falou ao taifeiro:

— Chame o despenseiro.

Perguntou-lhe por que aquela “torta” que estivera na véspera no jantar, voltara à mesa.

— Ordem aqui do seu Guimarães. – Apontou para o patrão.

Moraes atirou para o rio a “torta” – “Está podre” – levantou-se e foi para a proa. Comandou na direção da margem e atracou no porto de lenha “Duro de roê”, do cearense Chico Jabuti.

Assistira várias vezes o castigo de deixarem tripulantes insubordinados no barranco, embora nunca tivesse deixado nenhum. Estava aplicando a si mesmo a penalidade. Nada adiantaram os apelos do dono do navio.

— Eu fico aqui. Assuma o comando, Imediato.⁴⁴

Aldo revela que nunca mais comandou e veio ser jornalista em Belém, participando de campanhas políticas nos perigosos e tumultuados anos de 1920 a 1922, “quando os polemistas se permitam ultrajar as próprias mães dos contendores e a capangagem decretar a viuvez das mulheres dos oposicionistas”⁴⁵.

Raymundo Moraes, “agredido no interior de um bonde por dois homens, foi obrigado, em legítima defesa, a matar um deles, sendo recolhido à penitenciária com fratura do crânio”⁴⁶. Sua cabeça privilegiada, depois de longo tratamento, escapou às gravíssimas conseqüências desse tipo de fratura”⁴⁷.

O jornalista João Malato, em uma série de quatro artigos publicados no jornal *Folha do Norte* nos dias 22, 23, 25 e 29 de novembro de 1972 (1º Caderno, p.4), diz que conheceu Raymundo Moraes em “circunstâncias trágicas” e narra que estava com 20 anos de idade e era repórter do jornal *A Província do Pará*, e Raymundo Moraes era homem dos seus 50 anos de idade e “tinha vindo das lutas do lealismo e fazia, então, o artigo de fundo do ‘Estado do Pará’, onde as acrimônias do seu estilo acirravam cada vez mais os ânimos no ambiente

⁴⁴ MORAES, Aldo. Op. cit., p.368.

⁴⁵ MORAES, Aldo. Op. cit., p.368.

⁴⁶ Ricardo Borges dá os seguintes detalhes do contexto e da cena do homicídio: “Em 1922, processava-se violenta a campanha contra a candidatura de Artur da Silva Bernardes, candidato oficial à Presidência da República, impugnada pela Reação Republicana. No Pará, digladiavam-se exacerbados, a “Folha do Norte”, dirigida por Paulo Maranhão, pró Bernardes e “O Estado do Pará”, com Raimundo de Moraes (sic) sob o pseudônimo Jacinto Leite, pró Reação Republicana, dois panfletários que já eram inimigos irreconciliáveis, excediam-se em violência; e em um dia ao anoitecer, Moraes dirigindo-se, como habitual, para o seu plantão, no “O Estado do Pará”, no mesmo bonde, na rua Manoel Barata confluência da rua 1º de Março, entram Heráclito Ferreira e José Santos, redatores da “Folha do Norte” e incondicionais amigos de Paulo Maranhão, deparam Raimundo de Moraes (sic), agridem-no, Moraes com certo tiro mata Heráclito, e imediatamente preso é apresentado na Polícia ao 1º delegado, Luiz Campos” (BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*, p.380-381).

⁴⁷ MORAES, Aldo. Op. cit., p.368.

político conturbado pela campanha presidencial em que Arthur Bernardes era candidato”⁴⁸.

Malato narra que numa noite de 1922, quando saía de um espetáculo circense na Praça Saldanha Marinho (hoje mais conhecida como Praça da Bandeira), é avisado de que “acabara de se verificar uma inaudita cena de sangue em um bonde da ‘Pará-Eletric’, à rua Manuel Barata, ao lado da igreja de Santana, quando Raimundo Moraes (sic), atingido por um soco de um redator da Folha do Norte, desfechara-lhe um tiro, matando-o”⁴⁹.

O jornalista João Malato se dirigiu à Central de Polícia, onde se lavrava o auto de flagrante delito e lá se aglomeravam políticos, advogados, jornalistas, gente da sociedade querendo saber da ocorrência, e Malato se defronta com o acusado. Vale a pena ler a descrição – na verdade um retrato perfeito – que Malato faz de como se encontrava, como viu no gabinete do delegado, Raymundo Moraes:

A sua postura era impressionante: trajado de terno de linho branco, todo manchado de sangue afetava uma atitude soberba e tranqüila, muito embora o sangue que lhe fluía de um ferimento no rosto. Cabelos já quase precocemente brancos, que emolduravam uma cabeça bem feita nele, o que sobressaía era a máscara potente e orgulhosa em que o vinco que descia do nariz aos cantos da boca dos lábios se acentuava como um friso de pedra⁵⁰.

Também vale a pena destacar o aspecto físico de Raymundo Moraes e demonstrar o conceito do próprio filho, o também escritor Aldo Moraes, já referido anteriormente, acerca da beleza fisionômica do pai e seus atributos:

Consegui assegurar-me a necessária imunização para aplaudir, sem complexo filial, a gloriosa trajetória do *fenômeno regional humano* que foi Raymundo Moraes. Fenômeno regional humano? Mesmo tentando neutralizar a minha suspeição, conservo o “*fenômeno*”. *A começar pelo tipo físico, que fez, de meu pai, um silencioso déspota de fêmeas*⁵¹ (grifo meu).

E é dessa beleza física que se reporta o noticiário de Malato quando acentua a “máscara potente e orgulhosa”.

No noticiário do dia seguinte ao crime, Malato conta que de sua parte procurou ser o mais imparcial possível diante de um fato que enlutou e constrangeu a imprensa paraense,

⁴⁸ MALATO, João. *No Centenário de Raimundo Moraes*.

⁴⁹ MALATO, João. Op. cit.

⁵⁰ MALATO, João. Op. cit.

⁵¹ MORAES, Aldo. Op. cit., p.365-366.

posto que “vítima” e “agressor” eram jornalistas.

O fato é que, por questões da política, o tema era recorrente por todo o prosseguimento do sumário de culpa, situação que se agravou com ações de vandalismo no fórum criminal, ocasião em que o juiz Maroja Neto, sumariante, leu a sentença que impronunciou Raymundo Moraes, que foi beneficiado pelo alvará de soltura e então alguns membros do partido situacionista invadiram o Palácio da Justiça e apedrejaram “o íntegro magistrado enodoando-lhe a beca com matérias putrefatas e ovos podres”⁵².

Amigos mostraram a Raymundo Moraes que seria mais prudente sair do Pará. Foi viver em Manaus, onde ocupou, por nomeação do governador do Amazonas, da época, Rego Monteiro, o cargo de diretor da Imprensa Oficial. Rego Monteiro deu-lhe também a direção do jornal *A Gazeta*, que pertencia ao partido situacionista do Amazonas.

No Pará, os inconformados com a soltura de Raymundo Moraes trabalhavam judicialmente e conseguiram reformar a sentença do juiz e uma carta precatória chega até Manaus no momento em que estoura revolução militar depondo do cargo o governador Rego, ficando Raymundo Moraes sem abrigo e, com o envolvimento legal da precatória, resolve ir para a Bolívia.

Em 1925, com a normalidade da situação política, Raymundo Moraes retorna e retoma o cargo de diretor da Imprensa Oficial. Ficou em Manaus até 1930.

Vitoriosa a revolução de outubro de 1930, o capitão Barata⁵³ se torna o interventor do Estado do Pará, Raymundo Moraes retorna a Belém e se apresenta à autoridade judiciária e fica recluso no quartel do comando naval, no bairro do Arsenal.

Malato conta que em janeiro de 1931 Raymundo Moraes resolveu a pendência processual, o tribunal reconhecendo que agira em legítima defesa no episódio acontecido nove anos antes, ou seja, em 1922.

Amigo extremado de Magalhães Barata, Raymundo Moraes foi também seu secretário e, dentre outros cargos públicos, ocupou a direção da Biblioteca e Arquivo Público do Pará e foi inspetor escolar.

Malato registra que Raymundo Moraes sofreu com uma “hidropisia galopante”⁵⁴

⁵² MALATO, João. Op. cit.

⁵³ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, interventor e governador do Estado, inúmeras vezes, desde 1930 até 1959, data de seu falecimento na condição de governador eleito do Estado do Pará. Morreu com a patente de general. (ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata – o homem, a lenda, o político*)

⁵⁴ Dr. Ricardo Borges, filho do desembargador Ricardo Borges, em palestra comigo, em sua residência, dia 09 de janeiro de 2007, às 9:45, confirmou ter-lhe dito seu pai que Raymundo Moraes estava doente do que se chamava

(acumulação anormal de líquido seroso em tecidos ou em cavidades do corpo, conforme registra o *Novo Aurélio*⁵⁵) e, bastante enfermo, por extremo pudor, recomendou que não desejava que ninguém, nem mesmo seus amigos íntimos, fossem vê-lo naquele estado. Por ocasião da visita, ao Pará, do Presidente Getúlio Vargas, em 1940, ao saber da situação de saúde de Raymundo Moraes, a autoridade manifestou desejo de visitá-lo, mas o escritor resistiu em aceitar a visita e só consentiu ao pedido feito pelo secretário-geral do Estado, Dr. Deodoro de Mendonça, se houvesse o comprometimento de entrar em seu quarto apenas o Presidente Getúlio e o Dr. Deodoro, o que foi cumprido.

O escritor Leandro Tocantins assim nos relata essa visita:

O Presidente Getúlio Vargas que o nomeara inspetor do ensino secundário no Instituto Nossa Senhora de Nazaré, na capital paraense, quer prestar uma homenagem ao escritor em seu leito de enfermo, quando o chefe do Governo diz-lhe para pedir o que ele quisesse. Raimundo Moraes (sic) respondeu: “Nada tenho a pedir, Presidente, só que perdue a lembrança desta sua visita”. O fato foi presenciado pela filha do escritor, Mirian Moraes, isto, em outubro de 1940⁵⁶.

Faleceu, em Belém, em sua casa à avenida Generalíssimo Deodoro, 712, Largo de Nazaré (transformado em Centro Arquitetônico de Nazaré e hoje denominado Praça Santuário), no dia 03 de fevereiro de 1941, aos 69 anos de idade.

Sabe-se que Raymundo Moraes, casado com Catharina Torres de Moraes, teve cinco filhos: Amir, Aldo, Yolanda, Mirian e Ruth. Mirian⁵⁷ foi sua secretária, e a respeito dela, o médico Clóvis Meira diz:

na época, popularmente, de “barriga d’água”. Fui ouvir a Dra. Simone Conde, que tem clínica médica e cuida de doenças hepáticas na qualidade também de pesquisadora, e ela respondeu que “hidropisia era uma denominação errônea ao processo de ascite (barriga d’água) que quer dizer acúmulo de líquido na cavidade peritoneal, secundária a diversas causas, entre as quais a cirrose hepática que não é causada apenas pelo álcool, mas também por inúmeras causas como as hepatites crônicas virais. No caso em questão, a hepatite crônica B poderia ser a causa, mas não podemos afirmar. Outra etiologia dentro deste contexto é a esquistossomose hepatoesplênica que também se manifesta por ascite. Resumidamente acredito que o correto é falar que os termos se reportam a ascite, que é o acúmulo de líquido na cavidade abdominal (peritoneal), podendo ser conseqüente a diversas etiologias e não somente à cirrose hepática”.

⁵⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, p.1044.

⁵⁶ TOCANTINS, Leandro. *Um Escritor Nativista*, p.XX.

⁵⁷ Miriam, falecida em 2002, aos 92 anos, em Petrópolis, de acordo com informes de sua sobrinha Thereza Catharina, “sempre viveu à sombra do vovô, revisando os escritos dele, escrevendo para ele quando as forças lhe faltaram, no último livro. Foi uma vida venerando-o. Deixou de lado o talento de escrever. Foi uma grande poetisa e deixou-me os originais nunca publicados de um livro de belas poesias”.

poetisa paraense, filha de Raymundo Moraes (sic), o saudoso e consagrado autor do País das Pedras Verdes, romance regionalista. Tinha, também, um irmão, intelectual, jornalista, o Aldo Moraes, que cedo transferiu residência para o Rio de Janeiro. Mirian era um tipo mignon, morena, pelo que recordo, jovem de inteligência promissora e que desapareceu completamente do cenário cultural do Pará. Folheando a Terra Imatura, exemplares pertencentes à biblioteca de Geraldo Correa, encontrei poemas de Mirian, versos soltos, desinibidos, angustiados para uma quase menina⁵⁸.

É ainda Clóvis Meira quem diz:

Raymundo Moraes (sic) – romancista e contista, lexicógrafo⁵⁹ e historiador, era um homem singular, grande em sua simplicidade, sempre trajando linho e usando pincenê, percorria as ruas de Belém como um cidadão qualquer. Manteve polêmica com o jornalista Paulo Maranhão, através de coluna permanente que mantinha nos demais jornais da terra [...] Durante alguns anos o escritor Raymundo Moraes foi inspetor federal do Ginásio Paes de Carvalho, época em que nada se fazia sem contar com a sua presença⁶⁰.

Consultando o escritor Victor Tamer (1968, p.18), que foi ocupante da cadeira de número 15 da Academia Paraense de Letras⁶¹, encontramos o seguinte informe:

Coube a Raymundo Moraes, o festejado escritor da Planície Amazônica, a honra de ser o fundador da cadeira nº 15 desta Academia e que tem como patrono Domingos Ferreira Pena. Raymundo Moraes foi um escritor estritamente amazônida e as suas obras, todas decalcadas na exuberante natureza planiciária, hoje pertencem ao patrimônio cultural de nossa Pátria⁶².

No trabalho da Professora Marinilce Oliveira Coelho⁶³, citando Levy Hall de Moura, encontramos expresso os nomes de *Aldo Moraes* (sic) e *Miriam Moraes* (sic) quando se reporta a geração de autores paraenses.

Herdaram do pai, Raymundo Moraes, o dom da escrita? Os sinais são evidentes, o que

⁵⁸ MEIRA, Clóvis. *Introdução à Literatura no Pará*, p.169.

⁵⁹ Em sua *Enciclopédia*, a respeito de Raymundo Moraes, Carlos Rocque comenta que “suas obras muito serviram para a elaboração de vários verbetes desta Enciclopédia” (ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*, p.1144).

⁶⁰ MEIRA, Clóvis. Op. cit., p.229.

⁶¹ Academia Paraense de Letras – APL foi fundada e instalada em Belém a 03 de maio de 1900 em sessão solene no Theatro da Paz, sendo governador o Dr. Paes de Carvalho. Das 40 cadeiras, a de número 15 tem como patrono o historiador e etnólogo Domingos Soares Ferreira Pena (nasceu em Minas Gerais, a 06 de julho de 1818, e faleceu em Belém, na sua casa de estudos, solitário e sem família, na Trav. São Mateus – hoje Trav. Pe. Eutíquio –, a 06 de fevereiro de 1888, aos 70 anos de idade), fundador do Museu Paraense (hoje Museu Paraense Emílio Goeldi), em 1866. O primeiro ocupante dessa cadeira foi justamente o escritor Raymundo Moraes, um dos fundadores da APL.

⁶² TAMER, Victor. *Discursos Solenes*, p.18.

⁶³ COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos: Memórias Literárias em Belém do Pará*, p.173.

me leva a considerar quão forte foi a influência paterna nesse sentido. Cito aqui como exemplo o livro de crônicas de Aldo Moraes, denominado *Ouro Quebrado*, publicado em Manaus, no ano de 1942. Nessa obra, Aldo Moraes, na última crônica, faz uma análise do seu mister com a Literatura, um pouco desanimado com a desvalorização que se dá a essa tarefa e inferindo ser também vaidade literária, quando negociante bate à porta e pergunta: tem ouro quebrado pra vender? Aldo, depois de procurar e só encontrar entre os guardados papéis, papéis e papéis, responde: — Queira desculpar... O ouro que nós temos não podemos vender...

Deixemos que Aldo Moraes conclua a crônica: “O ouro que nós temos! Fico, tristemente, fixando a anarquia que a nossa esperança produziu. No chão, caído, o botão dourado brilhando no meio dos papéis. O ouro quebrado da minha literatura... O ouro que nós temos! Ou será tudo botão dourado?”⁶⁴

E, como se percebe, é a crônica sobre Literatura que dá título ao livro *Ouro Quebrado*⁶⁵.

Miriam Moraes também enveredou pelos caminhos da Literatura e conseguiu algum destaque. Encontramos à página 9 do jornal *O Liberal*, de 05 de março de 1932, publicado na página de arte, um poema denominado de *Ronda de Imagens – oração*, e sua autora é Miriam Moraes (sic):

Alma que és minha alma
Que a natureza te ilumine e te engrandeça.
Carne que és minha carne
Que te amesquinde e te empobreça
A natureza [...].

E, logo abaixo da página, consta o que transcrevo a seguir:

Os versos acima, publicados numa revista de arte de Manaus, foram transcritos na página literária do “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro, com os comentários que se lêem abaixo, da eminente poetisa Ana Amélia. Entretanto, é bom que se diga, o juízo da autora de *Alma* não é isolado. Adriano Jorge, a maior cabeça do Amazonas, o luminoso espírito perdido na floresta equatorial acha que Miriam Moraes (sic) é a

⁶⁴ MORAES, Aldo. *Ouro Quebrado*, p.143.

⁶⁵ Na orelha deste livro, no texto escrito por Renan Freitas Pinto, coordenador editorial da UFAM, há a seguinte informação: “Aldo Moraes nasceu em Belém, no dia 13 de maio de 1903, filho do escritor Raymundo de Moraes pretendia também tornar-se autor de obras literárias. Teve entretanto sua vida mais fortemente marcada por seus posicionamentos e atuação política como jornalista e militante do Partido Comunista Brasileiro. Com o sistema de repressão ideológica instaurado em 1964, foi preso e teve seus direitos cassados. Participou ativamente do movimento Madrugada e de sua atividade de escritor e estudioso da Amazônia resultou a publicação de dois livros: *Ouro Quebrado – crônicas* e *Novo Aripuanã – O Ramal do desenvolvimento*. Faleceu em Manaus em 27 de dezembro de 1976 ”.

maior poetisa da planície. Outra celebração radiosa, Carlos D. Fernandes, um dos maiores poetas do Brasil e do seu tempo, autor dessa obra prima que se chama *Canção de Vesta*, não só transcreve e comenta na imprensa carioca, os trabalhos literários de Miriam Moraes (sic) como ainda estampou, na sua última produção, *A Vinditta*, esta dedicatória em letra de forma: “A Miriam Moraes (sic) a poetisa predestinada, que tão fundamente apreende e exprime os arcanos da vida, ainda no pórtico dos primeiros sonhos” (grifo meu).

Leiamos, porém, o que disse a festejada cantora dos salões cariocas:

Este poema de uma jovem e desconhecida poetisa do Norte é para os nossos espíritos fatigados de poetas da cidade turbulenta, uma claridade em meio da monotonia dos muros cobertos de cartazes, um sorriso em meio das máscaras uniformes desta apressada civilização. / Uma página moderna que realiza o milagre da simplicidade e do ineditismo. / Um grito de beleza espiritual, vindo de longe, do recanto mais típico de nossa terra, do meio daquela grandeza tropical que entontece os sábios e atordoa os poetas. / E trás um misticismo de alma torturada pelo pensamento, uma inesperada inquietação espiritual que surgiu de qualquer inspiração superior. / Ainda que Miriam Moraes (sic) fosse uma lapidadora de gemas preciosas, num estilista de rebuscada perícia e de raro rigor, eu seria capaz de afirmar que desta vez ela encontrara assim mesmo, puro e simples, mas já fúlgido e perfeito, o diamante singular⁶⁶.

Na outra metade da página desse mesmo jornal e edição, há outro poema de Mirian Moraes ocupando o espaço, de tal maneira que toda a “página de arte” cuida do trabalho literário da poeta paraense, também e ainda mais esquecida que o pai, Raymundo Moraes.

A atividade de escritor, Raymundo Moraes começou efetivamente e realmente aos 52 anos de idade, completados no ano de 1924 (é que, em 1908, publicara seu primeiro livro, intitulado de *Traços a Esmo*, obra que contém a produção de artigos intervalares publicados no jornal *A Província do Pará*, tratando de assuntos variados através de um prisma náutico), publicando, após um intervalo de dezesseis anos depois de sua estréia na arte literária, em 1924, o livro *Notas dum jornalista* e, seqüencialmente, não parou mais de produzir e então editou e publicou 17 livros, entre os quais, quatro romances.

Sobre essa produção ficcional, jornalística, de estudos, comentários e de ensaios, alguns analistas – como Genesino Braga⁶⁷ (1972), Aldo Moraes (1972), Célia Bassalo (1985)

⁶⁶ In: *Jornal O Liberal*, 1932, p. 9.

⁶⁷ Genesino Braga nasceu em Santarém (PA), em 6 de dezembro de 1906, mas foi em Manaus que alcançou sucesso profissional. Em 1935 elegeu-se deputado estadual e graduou-se em Biblioteconomia em 1949. Em 1950, assumiu a direção da Biblioteca Pública do Amazonas; membro da Academia de Letras do Amazonas, jornalista, foi redator do *Jornal do Comércio* e *A Tarde*, em Manaus. Homem influente e personalidade de destaque da sua época, considerado um dos mais expressivos escritores do Amazonas.

e Leandro Tocantins⁶⁸ (1986) – dizem que a obra de Raymundo Moraes se caracteriza pela compreensão da Amazônia.

Segue, abaixo, cronologia e breve comentário a propósito das obras de Raymundo Moraes:

- *Traços a Esmo* (1908) – seleção de artigos publicados no jornal *A Província do Pará*;
- *Notas dum jornalista* (1924) – destaca a natureza, a preocupação ecológica, integração homem-natureza, o lírico e o dramático. Assuntos variados compõem este livro;
- *Na Planície Amazônica*⁶⁹ (1926) – refere-se a flagrantess da vida e da paisagem amazônicas e lembra um guia prático, histórico e sentimental da região. A obra teve repercussão nacional e diversas edições, sendo premiada pela Academia Brasileira de Letras, em 1926;
- *Cartas da Floresta* (1927) – nas palavras do próprio autor, em *Apresentação* ao volume, “É pois natural que estas paginas produzidas em vários paralelos e meridianos da planície, na prôa da canôa, no convés, na frescura dos bosques, na quiettude do gabinete, guardem, no fundo e na fórma, o sentido da natureza que as envolve. Tecidas no antagonismo das leituras e das observações, mas ao influxo da ambiência silvestre, não vejo melhor nome para ellas que o de Cartas da Floresta”⁷⁰;
- *País das Pedras Verdes* (1930) – o próprio autor o apresenta como sendo um livro de sugestões e de exames sobre a região;
- *O meu diccionario de cousas da Amazonia* (2 volumes, 1931) – contém notas, definições, biografias, usos, costumes, tabelas e informações sobre a Amazônia;
- *Amphiteatro Amazônico*⁷¹ (1936) – “fala da região amazônica, dos rios, do autoctonismo, da floresta, das árvores, do cavaleiro e do canoeiro, do ameríndio do vale amazônico”⁷²;
- *Ressuscitados* (1936) – “Romance do Purus – destaca a memória cultural da região”⁷³;

⁶⁸ Leandro Tocantins nasceu em Belém (PA) e com nove meses de vida foi com os pais residir nos seringais do Acre; retornou a Belém quando entrava na adolescência para estudar no colégio Nazaré; fez o curso de Direito no Rio de Janeiro, para onde a família transferiu-se. É um dos grandes escritores da Amazônia, com dezenas de livros publicados, destacando-se *O rio comanda a vida, Amazônia – Natureza, homem, espaço*. Faleceu em 2005.

⁶⁹ Na 2ª edição (6000 exemplares, editada em Manaus em 1926), ainda não havia as ilustrações de Israel Cisneiros.

⁷⁰ MORAES, Raymundo. *Cartas da Floresta*, p.10.

⁷¹ Contém a seguinte dedicatória: “Aos estudantes brasileiros do curso de humanidades, Raimundo Moraes (sic), inspetor federal do ensino secundário, oferece este livro. Belém-Pará- Brasil – 1936”.

⁷² BASSALO, Célia. *Apresentação*, p.8.

- *Aluvião* (1937) – segundo o autor, na *Apresentação* do livro, destaca-se “a imagem da terra sempre contraditória e heterogênea, caracterizada por elementos complexos e originários de outros territórios...”⁷⁴;
- *Os Igaraúnas* (1938) – romance Amazônico. Costumes paraenses: é um romance cujo relato é a história do coronel Igaraúna, chefe político do Baixo-Tocantins. Através desse enredo, Raymundo Moraes evidencia a preocupação de revelar a Amazônia e seus mistérios em 27 capítulos de assuntos relativos à pesquisa folclórica e botânica, os costumes e a presença da naturalista alemã Emilia Snethlage, primeira mulher a dirigir o Museu Goeldi;
- *O mirante do baixo Amazonas* (s.d) – “Chamado de o romance da montanha, o cenário é a paisagem do município de Monte Alegre, às margens do rio Amazonas”⁷⁵;
- *O homem do Pacoval* (1939) – romance que “trata de um típico índio do grupo aruac, surgido na Ilha do Marajó, Pará, em torno do qual o autor [...] registra expressões nortistas e ditados populares, descrições detalhadas sobre religião, música, artes, dança, a pesca, rituais significativos da floresta”⁷⁶;
- *Machado de Assis* (1939) – Estudo biográfico;
- *À margem do livro de Agassiz* (1939) – comentários sobre os estudos feitos pelos viajantes Louis e Elizabeth Agassiz;
- *Histórias silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia*⁷⁷ (1939) – o autor procura explicar a botânica e a zoologia da Amazônia com muita fantasia;
- *Cosmorama* (1940) – “referências à fé popular nos santos padroeiros, nas religiosidades das procissões, do mastro do Divino, das novenas rezadas nas barracas às margens dos rios”⁷⁸.
- *Um Eleito das Graças* (1941) – sobre José Júlio de Andrade.

⁷³ TOCANTINS, Leandro. *Um Escritor Nativista*, p.XVIII.

⁷⁴ MORAES, Raymundo. *Aluvião*, p.8.

⁷⁵ TOCANTINS, Leandro. *Um Escritor Nativista*, p. XVIII.

⁷⁶ BRAGA, Robério dos Santos Pereira. *Prefácio*, p.III.

⁷⁷ Este livro contém a seguinte dedicatória: “Aos meus netinhos, Catarina, Teresa, Fernando e Aldo”.

⁷⁸ TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XXIV.

1.2 - AS EDIÇÕES, A CIRCULAÇÃO E A RECEPÇÃO DA OBRA E ALGUMAS CURIOSIDADES SOBRE RAYMUNDO MORAES E SEUS LIVROS

Nos primeiros contatos com a obra de Raymundo Moraes, chamou-me atenção a variedade de formas com que vi grafado seu nome em seus próprios livros.

Temos:

- Raimundo de Moraes e Raimundo Moraes (*Os Igaraúnas* – edição de 1985);
- Raimundo Moraes (*O mirante do Baixo Amazonas* – sem data);
- Raimundo Moraes (*Cosmorama* – edição de 1940);
- Raymundo Moraes (*Cartas da Floresta* – edição de 1927).

Preferi adotar, inclusive para este trabalho, a grafia Raymundo Moraes, que consta no livro *Notas Dum Jornalista* (edição de agosto de 1924, “cidade de Manaus”), do qual tenho um exemplar em que o autor fez dedicatória ao bispo do Amazonas, Dom Irineu Joffily, assinando desta maneira: Raymundo Moraes.

Os livros do autor, inúmeros, estão esgotados, até por conta de não terem sido reeditados, à exceção de:

- *Na Planície Amazônica* (7ª edição, Senado Federal: Brasília, 2000);
- *O Homem do Pacoval* (2ª edição, Manaus: Edições Governo do Estado, 2001);
- *À Margem do livro de Agassiz* (2ª edição, Manaus: Edições Governo do Estado, 2001);
- *Histórias Silvestres* (Belo Horizonte: Edição Itatiaia, 1986); e
- *Os Igaraúnas* (São Paulo: Edição Roswitha Kempf, 1985).

Chamou-me a atenção também o fato de que os desenhos das capas dos livros *Amphitheatro Amazônico* e *O Mirante do Baixo Amazonas* são do famoso artista plástico Theodoro Braga.

À página 315 do livro *País das Pedras Verdes*, consta o seguinte:

Editor de todas as suas obras, Raymundo Moraes o foi também do País das Pedras Verdes, de maneira que qualquer pessoa que deseje pedir, por telegramma ou carta, um ou mais exemplares deste livro, basta se dirigir a Raymundo Moraes, Manaós, Amazonas, Brasil, que será atendido mediante a importância de 15\$000 por volume.

Para revendedores de mais de 20 tomos, a dinheiro, há o desconto de 30%. / Edição pequena, de 2.500 exemplares, o *Paiz das Pedras Verdes* foi impresso nas oficinas da Imprensa Publica do Amazonas, tendo saído do prelo aos 9 dias de maio de 1930⁷⁹.

Na 4ª capa do volume 1 do livro *O meu diccionario de cousas da Amazonia*, editado no Rio de Janeiro em 1931, há informação de que *Notas dum jornalista* e *Cartas da Floresta* estavam esgotados e que o livro *Paiz das Pedras Verdes* tinha sido “adotado na instrução pública do Pará e a sair em segunda edição”. Continha também o informe de que *Na Planície Amazônica* estava em três edições com 19 mil exemplares⁸⁰, premiada na Academia Brasileira de Letras e adotada na Instrução Pública dos Estados do Pará, Amazonas e do município de Manaus, e o autor prometia publicar *Fábulas Amazônicas*.

Percebe-se nos livros de Raymundo Moraes formatação pouco usual para a época em que se editava em tipografia, sem maiores recursos técnicos. O livro *Cosmorama*, por exemplo, tem uma formatação de bolso que está muito em uso contemporaneamente. É de se notar que, em 1930, Raymundo Moraes denominava edição pequena uma tiragem de 2.500 exemplares, quando nos dias de hoje a tiragem média nacional é de 3 mil exemplares.

1.2.1 – Recepção ontem e hoje

Meu conhecimento é de que o autor produziu 17 obras, algumas das quais lhe renderam elogios e considerações por parte de diversos críticos e jornalistas de várias regiões do País. A esse propósito, destaco que o escritor Genesino Braga diz que Moraes foi

a figura maior, mais fecunda e mais autêntica, em todos os tempos, entre os escritores enamorados da Amazônia [...] Ninguém, em verdade, apresentou a Amazônia com tão séria erudição, com tão sólidos e irrefutáveis estudos, com tanta sadia preocupação da verdade científica, como esse escritor de extraordinárias virtudes estilísticas que viveu toda existência em comunhão íntima com a região de que era filho e que a devassou desde adolescente, como piloto fluvial, observando-a, estudando-a, investigando-a, em toda a sua ambiência ecológica, telúrica e potâmica⁸¹.

Para Genesino Braga, Raymundo Moraes é o escritor, sem favor algum, intérprete da Amazônia.

⁷⁹ MORAES, Raymundo. *País das Pedras Verdes*, p.315.

⁸⁰ Não tivemos como precisar se esse é o número total das três edições, o que é mais provável, ou se cada edição teve uma tiragem de 19 mil exemplares.

⁸¹ BRAGA, Genesino. *Raymundo Moraes*, 371.

É o próprio escritor Raymundo Moraes, no *Prefácio* da segunda edição do livro *Na Planície Amazônica*, quem comenta:

Surge esta segunda edição enaltecida pela voz clara e sonora do homem público mais eminente da minha pátria – o Dr. Washington Luís. Com a generosidade e a grandeza das figuras superiores, o magnânimo embaixador das energias nacionais, na sua peregrinação pelo Norte, respondendo em Belém ao distinto Dr. Dionísio Bentes, entregou palavras carinhosas e confortadoras deste pobre livro, exaltando-o divulgando-o, enobrecendo-o enfim com perquirente e solícito comentário. Na *Planície Amazônica*, que já tinha a sua primeira edição esgotada no Vale, conquistou, com a *crítica altissonante* do Dr. Washington Luís, tão larga procura dos nossos irmãos do Sul e dos nossos irmãos do Nordeste, que foram necessários *novos milheiros* para satisfazer os pedidos...⁸² (grifos meus).

É interessante continuar lendo o que escreveu o nosso Raymundo Moraes, para se ter a exata medida de sua consciência de cidadão e escritor desta região:

Os conceitos nas missivas particulares e no jornalismo patricio, concretizados na força dinâmica de poderosos escritores, antecipadamente haviam exaltado a obra, no Rio e na Amazônia. Também a inteligência do Dr. Efrigênio de Sales, presidente do Amazonas, com a nobre firmeza dos homens de ação e de valor, traçara antes sobre o *Na Planície Amazônica* uma admirável carta que muito me comoveu e muito me sensibilizou. As forças intelectuais, pois, se congregaram em torno destas páginas. Nenhuma, porém, teve o condão de provocar a curiosidade coletiva como a do Dr. Washington Luís, estadista de alto renome, discreto, ilustrado, que descera da terra dos bandeirantes, dos tratos alpestres paulistas, para ver não somente a raça que se funde sob os fogos do Equador, mas igualmente a esplanada do vale amazônico que aflora do tear potamológico com os seus horizontes infindos, com os seus rios caudalosos, com as suas pastagens verdejantes⁸³.

Deixamos o texto integral, de maneira proposital, sem interferência, para que se perceba o tom da escritura de Raymundo Moraes. Então, ele continua seu discurso:

Impressionado com as florestas e os prados que vislumbrara na plaina rechã, contrastantes com as cafezais e as searas dos movimentados tabuleiros, o seu espírito de admiração, em surto irradiante, cantou um hino à terra nova que reponta – Vênus telúrica – do seio encantado das águas. Rememorou os panoramas, as belezas, os fenômenos, as mutações, a altivez e a sinceridade dos seus habitantes: teceu, em suma, um alevantado epinício à Natureza que o cercava doce e luminosamente. E como tudo que notara de imprevisto, nos aspectos equinociais, lhe parecesse grafado em síntese no meu derradeiro trabalho, o seu caráter justo e o seu coração de ouro

⁸² MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*, p.28.

⁸³ MORAES, Raymundo. Op. cit., p.XXVII

abriram-se como uma fonte encantada para deixar passar o fio cristalino do louvor. Traço algum de confraternidade maior do que esse pode haver hoje entre o homem do planalto e o homem da planície⁸⁴

Raymundo Moraes informa então que

O volume, que o presidente eleito da República tanto enalteceu com a elegância de sua oratória varonil, segue, nesta edição, como humilde oferenda intelectual da radiosa Amazônia ao majestoso Estado de São Paulo, cérebro iluminado do Brasil, berço das maiores conquistas nacionais, terra bendita onde se inscreveu, no grito independente do Ipiranga, a divisa augusta da liberdade⁸⁵.

Valeria a pena discutir se há valor no que Raymundo Moraes produziu? Claro que esse valor existe e há provas e contraprovas dele diante da fortuna crítica do autor.

Apreciemos então essa fortuna crítica de Raymundo Moraes, constituída sobretudo de fragmentos apresentados pelo próprio autor sob o título *O que alguns críticos disseram de “O meu diccionario de cousas da Amazonia”*:

- Gustavo Barroso:

Raimundo Morais é uma das mais belas figuras literárias contemporâneas do Brasil. Conhecendo a Amazônia a fundo, sua vida, sua natureza, seus costumes, seu folclore, suas tradições, sua gente, a fauna, a flora, a geologia e a potamografia daquela planície formidável, ninguém como ele jamais pintou, descreveu e sentiu a natureza daquele mundo esquecido. Durante muitos anos, comandando vapores mercantes, Raimundo Morais (sic) navegou no Rio-Mar, passou seus estreitos e furos, explorou igarapés e paranás; viveu em comunhão íntima com o meio e com o habitante.

De tanto amá-los e senti-los, um dia seu coração transbordou de emoções. E foi quando ele as transmitiu ao público num estilo brilhante e claro, com uma propriedade e expressão rara e com um entusiasmo que logo o puseram na primeira fila dos nossos homens de letras. Traçando este rápido esboço de sua invulgar figura literária, devemos lembrar o êxito de seus livros sobre a Amazônia, principalmente das Cartas da Floresta, do País das Pedras Verdes e do Na Planície Amazônica, em cujas páginas rolam as águas assombrosas, cantam as iaras e os uirapurus, passa a boiúna sinistra, desliza o Jurupari misterioso, o Curupira bate com a ivirapema nas sapopemas colossais, os seringueiros rompem as lianas da selva e o índio nu revela o segredo das malocas selvagens.

Todos esses livros magníficos são como janelas que ele abrisse para a luz, convidando os leitores a nelas se debruçarem para contemplar a mataria virente, os bichos e penas e de cerdas, o homem agitando-se por intermédio dos tempos naquele espaço imenso, os acidentes da história e toda a poesia das lendas.

⁸⁴ MORAES, Raymundo. Op. cit., p.XXVII

⁸⁵ MORAES, Raymundo. Op. cit., p.XXVIII

Não fenece com os anos o amor de Raimundo Moraes pela Amazônia assombrosa. Dia a dia, colhendo notas, meditando, estudando, informando-se, ele vai completando a sua grande obra patriótica e serena⁸⁶.

- João Ribeiro:

Grande e maravilhoso esse Dicionário das Cousas Amazônicas. A um só tempo lingüístico, histórico, geográfico, biológico e social, é, na realidade, um livro que todos devemos ler página por página, para avaliar o imenso mar mediterrâneo de infinitos recursos e que bastaria para formar a pátria mais rica e formosa do mundo.

Raimundo Moraes (sic) é o verdadeiro estilista da Amazônia, que traz nas hipérboles de expressão a grandeza de sua terra. É prosador e poeta ao mesmo tempo porque nele são inseparáveis os dois títulos do seu mérito. Muito há que aprender nesse livro, aprender, meditar e acreditar⁸⁷.

- Alves de Sousa:

A assimilação do estranho e a experiência própria, num espírito de rara sagacidade, forte poder de observação, trasbordante entusiasmo nas pesquisas mais porfiosas e tenazes da geografia, da geologia, da arqueologia, da zoologia, da botânica, da história, do plasma sociológico, da tradição, dos usos e costumes da Amazônia, fatalmente haviam de produzir a obra harmoniosa de erudição e vulgarização que se fazia imprescindível para contrabater o erro, aclarar a ignorância, sacudir a indiferença⁸⁸.

- Carlos D. Fernandes:

Fazendo aquela ingente colheita de vocábulos, de fatos, de usos, de tradições, de lendas, de abusões, de mitos, de regionalismo pitorescos, axiomáticos, porque desdobrava em análise a grande síntese da sua obra, Raimundo Moraes (sic) recortou cada verbete nos moldes impecáveis do seu estilo, engenhando um pequeno conto instrutivo de cada informação⁸⁹.

- Carlos Pontes:

Dos escritores de coisas amazônicas, ele se afirma como seu intérprete mais perfeito e seu mais ardente rapsodo. Não há segredos naquelas selvas nem surpresas naqueles rios, tudo conhece, porque tudo viveu numa lírica intimidade de apaixonado.

Na Planície Amazônica, País das Pedras Verdes passam os quadros mais impressionantes da região. Toda a vida tumultuária do setentrião corre cinematograficamente naquelas páginas, em que o poder evocativo e a capacidade magnética de comunicação do escritor conseguem empolgar o leitor mais frio⁹⁰.

⁸⁶ In: MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de cousas da Amazonia*, p.183.

⁸⁷ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.179.

⁸⁸ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.186.

⁸⁹ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.186.

⁹⁰ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.194.

- Carlos Malheiros Dias:

Este é um livro que repele os elogios vulgares, os adjetivos inocuamente laudatórios. A sua leitura não desperta apenas admiração mas também respeito⁹¹.

- Luís Morais:

A eloquência das suas descrições, o colorido dos grandes e iluminados painéis literários em que ele focaliza a paisagem amazônica, a sensibilidade com que interpreta os fenômenos da natureza prodigiosa da região, são excepcionais⁹².

- Peregrino Júnior:

Quando os críticos da Avenida lhe sancionaram a celebridade, ele já era um escritor notável e glorioso.⁹³

- Benedicto Monteiro:

Na reorganização da Academia Paraense de Letras, já em 15 de agosto de 1913, participaram do colegiado acadêmico, quarenta intelectuais, entre os quais, sem desmerecer os outros, peço permissão para citar, Paulino de Brito, Paulo Maranhão, Remígio Fernandez e Raimundo Morais (sic). Os três primeiros como cultores das letras e Raimundo Morais, como o primeiro escritor verdadeiramente amazônico⁹⁴

- Eidorfe Moreira:

Nessa plêiade destacaram-se de modo particular Raimundo Morais (sic) e Alfredo Ladislau, não só pelas qualidades literárias como pela importância e repercussão das suas obras (...) Por ser melhor dotado como observador, Raimundo Morais é mais variado e informativo, e não somente isto como sobretudo mais vivo, plástico e imaginoso, o que explica por certo – em grande parte pelo menos – a aceitação e popularidade da sua obra. Nele prepondera o divulgador que, pelo seu amor à terra, tornou-se insensivelmente seu propagandista. O número e variedade da sua obra já fazem presumir isto⁹⁵.

Talvez o escritor tenha que suportar a desilusão e a ignorância. Se é certo que hoje Raymundo Moraes está no rol dos esquecidos, ontem, no início da carreira de escritor, homem maduro, teve os aplausos dos grandes, como nos conta Leandro Tocantins: o Presidente da República, eleito, Washington Luis, em visita às capitais brasileiras do litoral, leu durante a viagem um livro e, chegando a Belém, deu um *show* de conhecimento sobre a Amazônia nos seus discursos e revelou publicamente que conseguira as informações no livro de Raymundo

⁹¹ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.200.

⁹² In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.201.

⁹³ In: MORAES, Raymundo. Op. cit., p.205.

⁹⁴ MONTEIRO, Benedicto. Discurso; “centenário da Academia”, p. 2.

⁹⁵ MOREIRA, Eidorfe. *Sobre o Autor*, p.191.

Moraes, intitulado *Na Planície Amazônica*, por quem tanto se entusiasmara e o tornou de repercussão nacional. Assinala Tocantins que, nos últimos dias de vida, Raymundo Moraes recebera em sua casa, em Belém, a visita do Presidente da República Getúlio Vargas, que por aqui passava e desejou prestar essa homenagem ao escritor a quem nomeara inspetor do ensino secundário⁹⁶.

Uma fala que se contrapõe ao esquecimento a que me refiro em relação a Moraes é de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no tocante a ele ser uma exceção quanto à utilização de material folclórico amazônico antes da década de 1940. Porém, as autoras se referem a ele como sendo “escritor amazonense Raimundo Morais (sic), [que abordou o tema] no livro *Histórias silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia*”⁹⁷. A que se atribuir tal troca de naturalidade?

Para Tocantins, Moraes é um escritor “modernista”⁹⁸ e pertence à fase nativista da literatura amazônica” e, ao contrário do título da obra do escritor Alberto Rangel – *Inferno Verde* –, Moraes cria o “Paraíso Verde”, pelo permanente otimismo inserto em *Na Planície Amazônica*, onde há páginas de “intensidade ecológica”, traduzindo seu amor pela natureza quando era assunto restrito a uns poucos cientistas. É um livro “revelador da Amazônia”⁹⁹.

Na obra *Traços a Esmo*, há interessantes crônicas sobre a viagem que Raymundo Moraes fez às Antilhas – Bridgetown, Barbados – e outra aos Estados Unidos, é obra que revela escritor definido no estilo e nas preocupações regionais, para muitos, uma introdução ao seu futuro livro *Na Planície Amazônica*. Leandro Tocantins nos conta que *Traços a Esmo* é

um primor de arte gráfica. Diagramação com vinhetas e letras capitulares, papel de primeira, impecável impressão tipográfica, o que revela o estágio cultural que Belém do Pará alcançou no princípio deste século, quando os preços altos da borracha impulsionaram o progresso¹⁰⁰.

Em Belém, em fevereiro de 1940, certamente para explicar o que era e do que cuidava seu novo livro, Raymundo Moraes escreveu:

⁹⁶ TOCANTINS, Leandro. *Um Escritor Nativista*, p.XX

⁹⁷ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, p.108.

⁹⁸ A classificação de Tocantins restringe por certo o alcance da obra do autor, pois se sabe, pela pena do próprio Mário de Andrade, que Moraes serviu de “pasto” ao apetite do autor do *Macunaíma*, conforme mostrarei adiante.

⁹⁹ TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XI.

¹⁰⁰ TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XVI.

Este *Cosmorama* exhibe, como todos os cosmoramas do mundo, a ficção e a realidade. Por ele passam, numa vertigem de sonho, a quimera e o homem, a miragem e a terra. Mitos, lendas, árvores, sóis, luas, mares, num tropel de caravanas, surgem e desaparecem devorados pelo destino ingênuo das lentes deste aparelho literário. O que mais seduz no perpassar contínuo da sua fita delirante, misto de fábulas e realismo, talvez não seja a filosofia, o pensamento alto, a nota psicológica de almas entrevistas, mas, sem dúvida, a inocência das perspectivas surpreendidas no turbilhão da febre mental¹⁰¹.

Aproveito o escritor Leandro Tocantins para saber mais de Raymundo Moraes, e ele informa que no romance *Os Igaraúnas*, que Moraes classifica como “romance amazônico – costumes paraenses”, os críticos sublinharam a “falta de uma estrutura dramática, de uma lógica romanesca no estilo, na narrativa, na psicologia dos personagens”¹⁰². Em verdade – explica Tocantins –, o trabalho não se enquadra no modelo clássico de romance e

por isso não foi bem compreendido na época (1938), porque é uma aventura espiritual de Raimundo Morais (sic), um manifesto não só de simpatia, também de empatia (sempre, na obra do autor) por valores regionais que ele desejou exprimir com técnicas até certo ponto pioneiras de imitação paradisíaca de vida, como ele flagrava em seu cotidiano fluvial. Era um tanto estranho para a crítica de alguns – poucos aplaudiam – o que agora talvez possa ser creditado na conta de uma espécie de antecipação cabocla ao *nouveau romance*, de uma Marguerita Duras¹⁰³.

Conta Leandro Tocantins que Raymundo Moraes repetiria a experiência no “romance do Purus”, intitulado *Ressuscitados*, e assegura que Moraes é “um dos maiores escritores amazônicos de sua geração e uma das grandes figuras do regionalismo dos anos trinta”¹⁰⁴.

E como o escritor está só, numa solidão que a produção exige, de uma certa forma desde cedo vai se acostumado em conviver sozinho as dores de sua militância em área de quase nenhum reconhecimento, daí, de uma certa maneira, também, uma vez que recebera glorificação em vida, é cobrado dele, depois, esse olvido, sanefa que este trabalho pretende ajudar a levantar para que possa ser revisto e reavaliado.

Dentre as inúmeras opiniões da crítica estampadas no segundo volume d’*O meu dicionário de cousas da Amazonia*, além das anteriormente expostas, consta a do escritor João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, escrevendo no *Jornal do Brasil*, para dizer,

¹⁰¹ MORAES, Raymundo. *Cosmorama*, p.5.

¹⁰² TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XVII

¹⁰³ TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XVII

¹⁰⁴ TOCANTINS, Leandro. Op. cit., p.XVIII

dentre outras coisas, que “Raymundo Moraes é o verdadeiro estilista da Amazônia, que traz nas hipérboles de expressão a grandeza de sua terra. É prosador e poeta ao mesmo tempo porque nele são inseparáveis os dois títulos do seu mérito”¹⁰⁵.

O famoso Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras, através de *O Jornal*, no Rio, entre outros encômios, diz que Raymundo Moraes “é um escritor vitorioso que inverteu a frase de César, pois venceu, viu e chegou, desarticulou no Brasil a mecânica dos sucessos literários, conseguiu de um ponto remoto da selva amazônica, impor-se ao país inteiro...”¹⁰⁶.

Carlos Pontes, através do *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, além do comentário já apresentado em destaque anteriormente, diz que Raymundo Moraes “é hoje um dos mais fortes escritores do Brasil”¹⁰⁷.

Quem exponho em seguida, aqui, é o jornalista Angyone Costa, que dá uma síntese do trabalho de Raymundo Moraes, inclusive destacando sua personalidade, suas conquistas, vitórias e glórias:

Raymundo Moraes inverteu a ordem dos fatores para chegar ao mesmo resultado: vencer. No Brasil os escritores se fazem no Rio. Os da província, aparecem, crescem, destacam-se, mas só se ajustam rigorosamente à profissão quando os batiza a celebridade da metrópole. Para conquistar o Velo de Ouro, partem cedo dos estados e aqui se instalam para os combates decisivos da glória. Raymundo Moraes fugiu à regra. Fez-se escritor na província. Começou quando muitos acabam, desorientados, desesperançados. A golpes de bravura, Raymundo conquistou seu lugar [...] Com as *Notas de um Jornalista*, Raymundo se fez um escritor paraense. Com a *Planície Amazônica*, um escritor brasileiro. Foi lido no país todo. Discutido. Aclamado. Estava célebre. Mas continuava no norte [...] De lá da Amazônia, onde se fizera, queria impor-se aos meios literários do país. Trabalhava. Estudava. Fugia à dispersão dos primeiros tempos. Recolhia-se cada vez mais ao conselho dos livros, ao conforto dos bons escritores. Abandona a primitiva profissão, primeiro como jornalista militante, diretor de jornais. Depois, como escritor de linhagem a escrever bons livros. Embrenha-se na política. Foge à política. Volta à política. Separa-se dela definitivamente, parece-me que sem saudades, para integrar-se na profissão de homem de pensamento. Publica *Cartas da Floresta*, seguido pelo *País das Pedras Verdes*. Já não pleiteia celebridade, não disputa a vã glória das letras. Quer pensar para seu país o viver das belas letras. Consegue-o. Seu nome, conduzido pelos seus livros, focaliza a opinião. Força o elogio da imprensa do Rio, avara sempre para quem não está aqui a solicitá-lo. Ganha dinheiro. Vence. Logra divulgar o *Na Planície Amazônica* pelo Brasil inteiro. Três edições. 19 mil exemplares¹⁰⁸. E tudo isto sem o cabotinismo

¹⁰⁵ MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de cousas da Amazonia*, p. 177

¹⁰⁶ In: MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de cousas da Amazonia*, p.180.

¹⁰⁷ In: MORAES, Raymundo. Op.cit., p.194.

¹⁰⁸ No livro *O Mirante do Baixo Amazonas* (s.d.), há a informação de que *Na Planície Amazônica* tem quatro

obrigatório da avenida. Só. Isolado no seu país das pedras verdes. Raymundo dominara. Agora está lançado em todas as livrarias, aqui, no Rio Grande, no Pará, em Goiás, em Minas, em São Paulo, em Sergipe, nos derramados cafundós desse Brasil O *Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*. É uma conquista nova. Uma vitória a mais obtida pelo batalhador cheio de qualidades, pelo homem de vontade forte, pelo homem que sabe chegar onde quer, afastando dificuldades, escalando perigos, ladeando abismos, galgando entraves, mas firmando, a golpes de talento, uma personalidade marcada. O *Meu Dicionário de Cousas da Amazônia* é um dicionário de coisas do Brasil [...] A Amazônia oferece com o novo livro de Raymundo Moraes a maior contribuição reunida em volume, do falar brasileiro. O nosso dicionário, de agora por diante, será fácil fazer. Basta pegar O *Meu Dicionário de Cousas da Amazônia* e transformá-lo em nosso Dicionário do linguajar brasileiro. Maior serviço o escritor não poderia prestar às letras de seu país neste momento de acordo ortográfico luso-brasileiro. É só”¹⁰⁹.

A revista paraense *Novidade*, em fevereiro de 1941, assim se manifestou por ocasião da morte do escritor:

Atacado por uns, e elogiado por outros, discutido por todos, Raimundo Moraes (sic) firmou-se no espaço intelectual do país como a expressão mais alta da literatura amazônica. Para gregos e troianos era ele a revelação deste mundo bárbaro, cujo contacto sentiu de perto ouvindo os rumores da selva *selvaggia* e os murmúrios do rio profundo. Sua prosa colorida, seu estilo plástico era uma floração da própria terra, ainda cheia de mistérios e fantasmagorias para os espíritos como o dele, despidos de lastro científico e pletóricos de decorativismo literário. / O fato é que Raimundo Moraes logrou assistir em vida à apoteose de sua obra, que ultrapassando os lindes regionais é hoje e será amanhã uma indispensável fonte de consulta para quantos investiguem os mais diversos assuntos que se prendem à Amazônia. Não é possível escrever-se qualquer coisa sobre o vale sem compulsar-lhe a vasta bibliografia¹¹⁰ que deixou, abrangendo os mil e um aspectos deste rincão selvagem que ele surpreendeu pessoalmente numa investigação direta de muitos anos¹¹¹. Negar, por isso, a obra ou

edições de 22 mil exemplares. Seu filho Aldo Moraes, em 1972, informou que o seu livro de maior número de edições é o *Na Planície Amazônica*, inclusive uma edição em língua russa, lançada pela Editora Progresso, de Moscou, foi escrito em Manaus e lamenta: “Pena que nós, os herdeiros dos direitos autorais, não tenhamos sido contemplados, ao menos com alguns exemplares da edição soviética, para vermos como a ‘Planície’ ficou, capa e texto em caracteres cirílicos, com ou sem ilustrações. Segundo me informou o meu amigo Sebastião de Oliveira Hersen, proprietário de ‘A Conquista’, última editora de *Na Planície Amazônica*, também ele não foi consultado pela editora soviética. Esclareceu que a URSS não tendo comparecido à convenção de Genebra sobre direitos autorais, não estava obrigada a solicitar autorização de ninguém para editar livros estrangeiros, assim como os outros países não tinham nenhuma obrigação no mesmo sentido para com o governo ou escritores soviéticos”(MORAES, Aldo. *Moraes, Raymundo (um século)*, p.368-369). Vale acrescentar que a mais recente edição de *Na Planície Amazônica* data do ano 2000, edição do Senado Federal, Brasília, DF. Por cálculo aproximado, creio que tenha ultrapassado mais de 30 mil exemplares desde que foi lançado, até os dias atuais.

¹⁰⁹ In: MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de cousas da Amazonia*, p.203.

¹¹⁰ Para obter informações e livros de Raymundo Moraes, fiz contato também com instituições e pessoas físicas em Manaus. Consultei Livrarias de Manaus e a Academia Amazonense de Letras, através de correio convencional e sítios. Sem êxito!

¹¹¹ Procurei conversar com Célia Bassalo, Clóvis Moraes Rego, Anunciada Chaves, para obter mais informes

mesmo apoucar-lhe o merecimento é uma falta de compreensão. Ela representa o esforço de um minerador infatigável a indicar o filão áureo para os que puderem explorá-lo munidos de melhores instrumentos¹¹².

Existe uma passagem bíblica judaico-cristã atribuída a Jesus Cristo, que assim se expressa: “o profeta não é reconhecido em sua terra” (Lc, 4;21-30). Inobstante Raymundo Moraes ter um momento de fama entre as décadas de 30 e 40, isso se deveu ao fato de Washington Luis ter lido seu livro *Na Planície Amazônica* e divulgado; o factual parece demonstrar metaforicamente o que se desejava, o desaparecimento do escritor, pois, nos conta o ex-secretário de cultura do Amazonas, Robério Braga, Moraes “sofreu profunda e gravemente com a falsa notícia da sua morte, espalhada pelos adversários políticos”¹¹³.

Essa notícia deve ter circulado entre 1938 e 1940. Na verdade, Raymundo Moraes faleceu no dia 03 de fevereiro de 1941.

Depois do falecimento, para comprovar que o artista não é reconhecido em sua terra, Raymundo Moraes amarga esquecimento. Para se ter idéia, apenas em 1985 (quarenta e quatro anos após sua morte) a Editora Roswitha Kemp, em São Paulo, reedita o romance *Os Igaraúnas*; em 1986, a Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, publicou *Histórias Silvestres...*; no ano de 2000, o Senado Federal, Brasília-DF, relança *Na Planície Amazônica*; e então vem de Manaus, em 2001, a 2ª edição dos livros *À margem do livro de Agassiz* e *O Homem do Pacoval*, editados pelo Governo do Estado do Amazonas.

Numa comprovação de que é apenas em sua terra que o artista não é reconhecido, o governo do vizinho Estado do Amazonas valoriza Raymundo Moraes editando alguma de suas obras, e é o próprio poder público quem se justifica como a seguir se percebe:

Não poderia estar ausente das Edições do Governo do Estado do Amazonas, na reedição de clássicos que ornaram uma biblioteca de valor sobre a região, mesmo porque se trata do autor da clássica obra *Na Planície Amazônica*, que mereceu prêmio da Academia Brasileira de Letras¹¹⁴.

E Belém, sua terra natal? Não editou, até hoje, nenhuma obra de Raymundo Moraes e faz questão de esquecê-lo, talvez para comprovar o dito bíblico anteriormente mencionado.

sobre Raymundo Moraes, não foi possível. Tempos depois, faleceram: (agosto 2006) a Professora Annunciada Chaves e Clóvis Moraes Rego.

¹¹² In: MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*, p.11.

¹¹³ BRAGA, Robério. *Prefácio*, p.III

¹¹⁴ BRAGA, Robério. Op. cit., p.VI

Sobre a produção de Raymundo Moraes, um detalhe importante nos conta Braga:

tem obra produzida em mais de trinta anos de fecundo trabalho literário. Foi fecundo até a morte, com base nos estudos concretos que fez desde os 15 anos de idade, quando começou a trabalhar como embarcação pelos rios amazônicos, e produziu intensamente. Ficou perpetuado com romances, narrativas de viagens tão em voga naqueles anos, quase memórias, dicionário, enfim, livros que tiveram ampla repercussão inclusive em outros estados brasileiros, e outros que ficaram na intimidade de poucos leitores. *Foi um dos autores editados pela coleção Brasileira, que reunia as obras de melhor porte sobre a realidade brasileira*¹¹⁵ (grifo meu).

Observação significativa feita por Braga, a respeito do livro de Raymundo Moraes, denominado de *À margem do livro de Agassiz*, dá conta de que:

Foi livro parido depois de um grave abatimento emocional, causado pela notícia de sua morte, notícia falsa que teve ampla repercussão da imprensa, inclusive fora do Amazonas e Pará, selando seu desânimo para com a vida e os homens. Não sei se foi este um dos livros ditados pelo autor, depois que se viu bastante doente, trêmulo, sem controle sobre a escrita. Mas o que dizem os registros da época, é que alguns dos seus últimos livros foram produzidos mediante este recurso¹¹⁶.

Falecido em 1941, aos 69 anos de idade, pelo que comenta Braga, acima, teria sido também Raymundo Moraes vítima do Mal de Parkinson?

Sabendo-se que sua filha Miriam era sua secretária, era ela quem anotava os textos que seu pai ditava, em razão de estar “trêmulo, sem domínio sobre a escrita”¹¹⁷, conforme comenta Robério Braga.

Deduz-se, então, que sejam, pelas datas da edição, os livros *O homem do Pacoval* (1939), *Machado de Assis* (1939), *À margem do livro de Agassiz* (1939), *Histórias Silvestres...*(1939), *Cosmorama* (1940), *Um eleito das graças* (1941), os livros escritos nessa fase em que estava já sem o domínio da escrita pela questão de saúde. A esse respeito, atente-se para a confirmação parcial de Miriam, em nota introdutória a um livro de Moraes publicado postumamente e datada de setembro de 1941:

Meu pai ditou este livro, sua última obra, já prostrado, roído pela dor. Era impossível a ele, aguilhado pelo sofrimento, parar ou meditar, voltar atrás ou reler. Sob o impulso

¹¹⁵ BRAGA, Robério. Op. cit., p.III-IV.

¹¹⁶ BRAGA, Robério. Op. cit., p.I.

¹¹⁷ BRAGA, Robério. Op. cit., p. V

dessa força estranha, a que Zweig chamou demoníaca, ditava turbulentamente, sem contar o tempo, sem medida, sem ritmo, até que meus dedos entorpecidos não o pudessem mais acompanhar. Cumpriu como escritor uma das malditas e maravilhosas missões do ser humano sobre a terra. Reproduziu, como nos destinos dantescos, de maneira continuada e eterna, o que viu, ouviu e palpou da natureza na Amazônia. A morte o fez calar. Sua capacidade de produção, no entanto, ficou sendo um dos assombros do Brasil e a mais comovida lembrança de meu coração.¹¹⁸

Observa-se, a partir da leitura do *Prefácio* escrito por Robério Braga, que um grão de alegria ou felicidade vem acompanhado de um monte de fatos desagradáveis que angustiam e deprimem e ainda o fato de que o artista que logra sucesso parece receber o “olho gordo” dos invejosos que engendram estratégias para apagar qualquer vestígio do êxito alheio. Talvez por isso a notícia de que teria morrido, que se constata do *Prefácio*, seja uma maneira de silenciar, de esquecer, de desejar que realmente logo caia no olvido o escritor Raymundo Moraes, pois espalhou-se – divulgando o factual que parecia demonstrar metaforicamente o que se desejava, o total desaparecimento do escritor. Conta-nos o ex-secretário de cultura do Amazonas, Robério Braga, que Raymundo Moraes sofreu profunda e gravemente com a falsa notícia da sua morte, repercutida amplamente na imprensa, notícia que extrapolou o Pará e o Amazonas, ecoando nacionalmente, espalhada pelos adversários políticos e que deu em Moraes “grande abatimento emocional, selando seu desânimo para com a vida e os homens”¹¹⁹.

Depois do falecimento de fato, para comprovar que o artista não é reconhecido em sua terra, Raymundo Moraes amarga clausura. E é o desembargador Ricardo Borges quem questiona: Por quê? E talvez responda comentando:

Essas numerosas obras constituem um acervo admirável e mais admirável produção de dezesseis anos e que nesse exíguo espaço de tempo, precisamente o mais atormentado de sua existência, um escritor pobre e enfurnado na Amazônia caída em penúria, tivesse conseguido editá-las. Delas, *Na Planície Amazônica*, atualmente em oitava reedição, enquanto as demais de minguada ou nula repercussão, não que lhes falte valor¹²⁰.

Borges revela:

¹¹⁸ MORAES, Raymundo. *Um Eleito das Graças* (José Júlio de Andrade), p.5.

¹¹⁹ BRAGA, Robério. Op. cit., p. V

¹²⁰ BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*, p. 380.

Nenhum outro escritor e jornalista tão irritantemente presunçoso e pessoalmente de incontida e ferina agressividade; comprazia-se viver, ou era seu feitio, e viveu presumido de sábio e intocável. Esquisitice instintiva, irreprimível, que à sua de escritor resultaria limitar a sua repercussão; e na de jornalista criou-lhe implicação desoladora¹²¹.

O jornalista Malato, a respeito da “esquisitice” de que fala Borges, conta que “Raimundo de Moraes (sic) não era mau. Apenas não fazia concessão a quem lhe caísse no desagrado. O seu refrão predileto, e que me repetia continuamente era: o cadáver do inimigo sempre cheira bem”¹²². Mas ressalta: “Possuía ademais, uma integridade moral inóspita, agravada por um agudo sentido de pudor pessoal que levava às últimas conseqüências”¹²³.

Borges, diante do que acima escreveu Malato, comenta: “Justificação de amigo”¹²⁴. Diz Borges que a morte de Raymundo Moraes “não sensibilizou a população, teve pequeno acompanhamento, sobretudo de intelectuais”¹²⁵. Sublinha ainda que foi escritor de “renome nacional de muitas obras e jornalista de intrépida combatividade”¹²⁶.

E esse olvido a que venho me referindo constantemente não teria sido pelo fato de haver um processo criminal contra Raymundo Moraes?

1.2.2 – O que aconteceu ontem e o que se verifica contemporaneamente

Não há nenhuma referência ao nome de Raymundo Moraes na obra da Professora Marinilce Oliveira Coelho, *O Grupo dos Novos – memórias literárias de Belém do Pará*. Há citação a um livro de Dalcídio Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira*, editado em 1941, mas não é mencionado o livro *Cosmorama*, de Raymundo Moraes, editado um ano antes, em 1940. É certo que o livro da Professora Coelho cuida do que chama “Grupo dos Novos (período de 1946 a 1952) e inobstante Raymundo Moraes ter falecido em 1941, em razão da projeção que possuía como escritor, seguramente seu nome deveria ser mencionado por algum fato, como ocorre com seu contemporâneo Eustachio de Azevedo (falecido em 1943).

Esse é apenas um pequeno exemplo do não registro, talvez, já pelo olvido naquela época.

¹²¹ BORGES, Ricardo. Op. cit., p.380.

¹²² MALATO, João. *No Centenário de Raimundo Moraes*.

¹²³ MALATO, João. Op. cit.

¹²⁴ BORGES, Ricardo. Op. cit., p.380.

¹²⁵ BORGES, Ricardo. Op. cit., p.383

¹²⁶ BORGES, Ricardo. Op. cit., p.383.

Sem qualquer relação com a professora e seu trabalho aqui mencionado, o filho de Raymundo Moraes, Aldo Moraes, faz um comentário sobre um possível “esquecimento”. É que, provavelmente, esse olvido das obras de Raymundo Moraes seja porque, como disse certa vez seu filho Aldo, Raymundo Moraes não sabia ler francês¹²⁷ nem inglês, como era de bom tom para a elite e para a cultura nativas. Sabia ler fenômenos, interpretar a oleira marajoara, e memorizar canais insuspeitados e trechos obstruídos, falava um idioma diferente, a linguagem tribal do caboclo lecionando caça e pesca, o dialeto dos mapeamentos vegetais e das cartas geogênicas.

Aldo comenta que entende ser abusiva a opinião de alguns pretensos estudiosos da região, simples testemunhas dos métodos de análise da nossa época, “tentando fazer restrições à obra de Raymundo Moraes porque se serviu dos recursos de pesquisa que os cursos de economia, posteriores à geração de quem, como ele, detetou ‘O Homem do Pacoval’, vieram a difundir”¹²⁸.

E continua comentando Aldo que, ao tempo de seu pai, não tínhamos técnicos em planejamento nem em regiões mais adiantadas do Brasil, como a região sul. Leiamos o depoimento:

Observa-se, a propósito, que os intelectuais considerados mais cultos contemporâneos de Moraes, entregaram-se a influências da literatura francesa ou inglesa, tentando medíocre e servilmente uma repetição de ensaios sobre figuras e ambientes que contendiam com a nossa atmosfera¹²⁹.

Foi essa diferença de mentalidade – opina Aldo, procurando justificar o pai –, esse conflito intelectual de conceituação da

independência do artista e do pensador, em relação aos seus deveres perante a sua terra, tese advogada por Moraes, que levaram certos grupos de literatos a romper relações com o autor de “O Anfiteatro Amazônico” que cultuou e cultivou o aproveitamento da matéria-prima social de que ele próprio fazia parte¹³⁰.

Fui buscar na lembrança de Aldo essa memória das conquistas paternas:

¹²⁷ E se tornou membro da “Société des Américanistes de Paris”, conforme faz constar em seus livros.

¹²⁸ MORAES, Aldo. *Moraes, Raymundo (um século)*, p.369.

¹²⁹ MORAES, Aldo. Op. cit., p.369.

¹³⁰ MORAES, Aldo. Op. cit., p.369.

Embora o velho Moraes tivesse iniciado a projeção do seu nome daqui de Manaus, poucos anos depois se transferiu para Belém, sua terra natal, e por lá consolidou o seu direito de estar dicionarizado, bibliografado ou enciclopedizado, a exemplo do que ocorre com a compaginação de seu nome no Lelo Universal e em várias antologias¹³¹.

Para o escritor paulista Mário de Andrade, teria sido provocação? Um meio de aparecer como se diz hoje? Não consegui, em minha pesquisa, distinguir o que imaginou Mário de Andrade com a preocupação de Moraes. O certo é que Raymundo Moraes, no segundo volume de *O meu diccionario de cousas da Amazonia*, editado no Rio de Janeiro, em 1931, gráfica Alba, na letra “T” do dicionário, cita Theodor Koch Grunberg – Etnógrafo alemão. Moraes explica que “foi um dos derradeiros naturalistas que visitaram a Planície nas suas lindes do occidente”¹³².

Raymundo Moraes, nesse verbete, demonstra a importância do naturalista, segundo ele, “citado como um dos poucos homens civilizados que atravessaram o divisor de águas entre o Brasil e a Venezuela”¹³³.

E, então, o nosso escritor conterrâneo, assim escreve:

Os maldizentes afirmam que o livro Macunaíma, do festejado escriptor Mário de Andrade, é todo inspirado no Von Roroimã Zun Orinoco do sábio. Desconhecendo eu o livro do naturalista germânico, não creio nesse boato, pois o romancista patricio, com quem privei em Manáos, possui talento e imaginação que dispensam inspirações estranhas. Infelizmente o brasileiro só crê e exalta a obra do advena. É uma falha do nosso caracter¹³⁴.

Damos a seguir amostra de como o escritor Mário de Andrade respondeu a Raymundo Moraes, reproduzindo abaixo o que ele escreveu através de carta pública publicada no *Diário Nacional*, em São Paulo, no dia 20 de setembro de 1931:

Meu ilustre e sempre recordado escritor. Não imagina a intensa e comovida surpresa com que ontem, no segundo volume do seu Dicionário de cousas da Amazônia, ao ler na página 146, o verbete sobre Theodor Koch-Grunberg (naturalmente o sr. se refere a Koch-Grunberg, ou em nossa letra Koch-Gruenberg), topei com a referência a meu nome e a defesa que faz a mim. Mas como esta minha carta é pública pra demonstrar a admiração elevada que tenho pelo escritor de Na Planície Amazônica, acho melhor citar o trecho do seu livro para que os leitores se inteirem do que se trata¹³⁵.

¹³¹ MORAES, Aldo. Op. cit., p. 365.

¹³² MORAES, Raymundo. *O meu diccionario de cousas da Amazônia*, v.2, p.147.

¹³³ MORAES, Raymundo. Op. cit., v.2, p.147.

¹³⁴ MORAES, Raymundo. Op. cit., v.2, p.147.

¹³⁵ ANDRADE, Mário de. *A Raimundo Moraes*, p.426.

É ainda Mário de Andrade se manifestando a respeito do verbete de Raymundo Moraes:

Ora apesar de toda minha estilizada, exterior e conscientemente praticada humildade, me é lícito imaginar que embora o sr. não acredite na malvadeza desses maldizentes, sempre a afirmativa deles calou no seu espírito, pois garante o boato pra garantir com incontestável exagero, o meu valor. Sempre tive a experiência da sua generosidade, mas não deixou de me causar alguma pena que o seu espírito sempre alcandorado na admiração dos grandes, preocupado com sucurijs tão tamanhas e absorventes como Hartt, Gonçalves Dias, Washington Luis, José Julio de Andrade, presidentes, inventores, Ford e Fordlândia, se inquietasse por um pium tão giro que nem eu. E para apagar do seu espírito essa inquietação, tomo a desesperada ousadia de lhe confessar o que é o meu Macunaíma¹³⁶.

O escritor paulista passa a explicar então o que são os rapsodos de todos os tempos, contando que os cantadores nordestinos são os atuais rapsodos e compõem desafios ou outras histórias de amor vividos em Recife e que isso seria o *Macunaíma*, e os cantadores nordestinos seriam o próprio Mário de Andrade, que foi lendo “o genial etnógrafo alemão que me veio a idéia de fazer do Macunaíma um herói, não do ‘romance’ no sentido literário da palavra, mas de ‘romance’ no sentido folclórico do termo”¹³⁷.

E observa que “como o sr. vê, não tenho mérito nenhum, mas apenas a circunstância ocasional de, num país onde todos dançam e nem Spix e Martius, nem Schlichhorst, nem Von dem Steinen estão traduzidos, eu dançar menos e curiosar nas bibliotecas gastando o meu troco miudinho, miudinho, de alemão”¹³⁸.

Explica Andrade que Macunaíma era um ser apenas do extremo norte e que se preocupava rapsodicamente longe desses limites e foi tirando tudo de que precisava de outros cantadores do resto do Brasil e além de juntar modismos, locuções, tradições “ainda não registradas em livro”, fórmulas, processos, falas “temidas e refugadas pelos geniais escritores brasileiros da formosíssima língua portuguesa”¹³⁹. Afirma que “Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grunberg, quando copiei todos. E até o sr., na cena da Boiúna”¹⁴⁰.

E reafirma:

¹³⁶ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.426.

¹³⁷ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.426.

¹³⁸ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

¹³⁹ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

¹⁴⁰ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portuguesas coloniais, devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da *Revista de Língua Portuguesa*¹⁴¹.

Mário mostra que era inevitável isto acontecer, pois o herói de Koch-Grunberg pretendia escrever “um português de lei”, e observa que

o sr. poderá me contradizer afirmando que no estudo etnográfico do alemão, Macunaíma jamais teria pretensões a escrever um português de lei. Concorro, mas nem isso é invenção minha pois que é uma pretensão copiada de 99 por cento dos brasileiros! Dos brasileiros alfabetizados¹⁴².

E encerra a carta pública informando que é obrigado a confessar de uma vez por todas:

Eu copiei o Brasil, ao menos naquela parte em que me interessava satirizar o Brasil por meio dele mesmo. Mas nem a idéia de satirizar é minha pois já vem desde Gregório de Matos, puxa vida! Só me resta pois o acaso dos Cabrais, que por terem em provável acaso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertence a Portugal. Meu nome está na capa de Macunaíma, e ninguém o poderá tirar. É certo que tem em mim um quotidiano admirador¹⁴³.

Não tive ainda possibilidade de saber se Raymundo Moraes contestou a carta pública ou fez algum tipo de comentário público. Não tive como aferir a recepção dessa carta de Mário de Andrade ou que peso teve para Moraes.

É fato que há muitos dados nessa carta para análise, e o presente trabalho não tem esta pretensão e nem é seu escopo; contudo, a polêmica atrai um arvorar-se a algumas considerações, como, por exemplo, fica evidente a ironia de Andrade autoapelidando-se de pium ante as sicurijus (autoridades e gente importante) com que Moraes se envolvia, como se fosse um entrevero entre lambari e tubarão, um pequeno e um grande, David e Golias, parecendo Andrade considerar-se o David deste embate; que enquanto os outros dançam, ele estuda, ou seja, uma parecência com a fábula da cigarra e a formiga – “eu dançar menos e curiosear nas bibliotecas” – e que a questão da cópia é como se lembrasse a Moraes de que – copiei todos – todos copiam, ninguém é original, e que copiara até mesmo “o sr. na cena da Boiúna” e, satirizando sempre, confessa: “não tenho mérito nenhum”, significando dizer que Moraes também não tinha, apesar de ser pesquisador? E arremata no final, irônico: “tem em

¹⁴¹ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

¹⁴² ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

¹⁴³ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

mim um quotidiano admirador”¹⁴⁴.

Por outro lado, Moraes parece ter desejado a polêmica tentando granjear mais e maior projeção (já ganhara notoriedade em todo o Brasil, inclusive São Paulo, contudo, nunca é demais tentar ampliar a fama) no centro financeiro e cultural do Brasil que é São Paulo, donde Andrade esgrima, utilizando as ferramentas de que possui mais que Moraes, como, por exemplo, publicizar a carta em um matutino – *Diário Nacional* – talvez com o fito de “acabar” com Moraes que concorre de forma desigual, porque está em Belém, tida como o fim do mundo relativo à “pobreza” de seus habitantes em todos os sentidos.

Também é preciso alcançar aquilo que, ao que se deduz do texto, objetivava Moraes no sentido de defesa, quando diz no final do verbete: “Infelizmente o brasileiro só crê e exalta a obra do advena”, e sentencia categoricamente: “É uma falha do nosso caráter”¹⁴⁵.

Fato é que, polêmicas a parte, o “embate” entre o paulista e o paraense só deixou exposto o valor que este teve para a antropofagia oswaldiana empreendida pelo outro. Esse dado, muito mais do que o reconhecimento de presidentes da República, justifica a reivindicação que o presente trabalho traz a lume: colocar Raymundo Moraes no seu lugar de direito – questão mais do que enfatizada ao longo deste texto.

Raymundo Moraes, ao que tudo indica, trabalha no sentido de valorizar o que é nosso, não apenas da região amazônica, pois ele espraia para o Brasil e com isso parece claro que também defende os interesses de Mário de Andrade, enquanto escritor, e que também assim procede, quando no final de suas considerações em crônicas, *in casu* específico da carta a Moraes, afirma:

Só me resta pois o acaso dos Cabrais, que por terem em provável acaso descoberto em provável primeiro lugar o Brasil, o Brasil pertence a Portugal. Meu nome está na capa de Macunaíma, e ninguém o poderá tirar”, tal qual o pertencimento do Brasil a Portugal pela questão da “descoberta”¹⁴⁶.

Em todo caso, fica registrada a possível polêmica até como contraponto da fortuna crítica e como que para lembrar que durante a vida de um escritor, mesmo entre eles, existem esses embates.

E, a propósito, é bom atentar que na *Introdução* que Moraes fez do volume 2 de seu *Dicionário* [não custa nada repetir o título: *O meu diccionario de cousas da Amazonia*, portanto, é o “seu” dicionário], explica que não pretendeu fazer trabalho de consulta repetindo palavra, definição e que, se isso pretendesse, bastava

¹⁴⁴ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

¹⁴⁵ MORAES, Raymundo. *O meu diccionario de cousas da Amazônia*, v.2, p.147.

¹⁴⁶ ANDRADE, Mário de. Op. cit., p.427.

abrir e copiar mazorramente das chorographies e livros especializados [...] o que desejei e desejo é mostrar da Amazônia aquilo que se me afigura interessante; aquilo que eu julgo curioso, engraçado, notável, através da botânica, da zoologia, do vento, da água, da terra, do céu, do homem e da lenda...¹⁴⁷.

Nesse caso, o fato é significativo, porque mostra um escritor paraense, de Belém, Raymundo Moraes, altivo e apto a dialogar de igual para igual com seus colegas de locais onde poderiam avultar mais, como foi e é o caso de Mário de Andrade, que já naquela época era (e continua cada vez mais sendo hoje) de renome nacional, enquanto o caboclo Raymundo Moraes amarga clausura imposta talvez pelo fato de ter optado por ficar aqui e daqui tentar laborar sua fortuna literária, que, embora exista e seja uma realidade, ainda não despontou ou teve um realce e feneceu.

Retoma-se aqui, também, a antiga questão do original e da cópia, no sentido de verdadeiro, de existente, de ser, de “Daisen”, como pensado por Martin Heidegger¹⁴⁸, do permanente inacabar, o que ainda pode ser que será e fica mais evidente levando em conta a questão do colonizado e do colonizador, do forte e do fraco, do quem pode mais, do quem pode dominar e claramente, por comparação entre duas cidades e duas regiões distintas, ainda que do mesmo país, a predominância é do David, que, neste caso, pelas circunstâncias, seguramente, é Moraes, sendo Golias o próprio Mário de Andrade nesta metáfora arremedada, mas não remendada e nem emendada, ainda que possa ser arremessada com a funda para uma fenda, como janela, espaço de possibilidades se o “maior” deixar, permitir, e não será mais assim preciso, porque, como notamos na parte em que tratamos da periferia mais adiante nesta dissertação, está havendo movimento contrário, deixaremos definitivamente de ser cópia diante do que cresce a partir dos movimentos populares numa relação de entendimento diferente porque mais igual e mais democrática? Talvez estejamos na terceira margem, como diz Wander Miranda¹⁴⁹ – nem centro, nem periferia –, postula-se hoje como lugar de perlaboração da modernidade, desvelando o ideal europeu-ocidental de civilização. Só o tempo dirá, como previu Ângelo Giuseppe Roncalli¹⁵⁰, o famoso e lendário Papa João XXIII. Ao lhe perguntarem sobre os muitos que nada têm, os chamados despossuídos ou na linha de pobreza e exclusão social, ele proclamou: se vocês não derem, eles tomarão de vocês, relembrando ao mundo inteiro a necessidade de um repartir equânime de todos os bens, pois, do contrário, os que nada têm virão buscar a sua parte – pois é muito grande a desigualdade social, o número dos excluídos é abissal e cresce a cada momento em toda parte – ainda que seja em forma do que estamos presenciando contemporaneamente no mundo

¹⁴⁷ MORAES, Raymundo. Op. cit., v.2, p.9.

¹⁴⁸ Cf.: NUNES, Benedito. *Ser e Tempo*.

¹⁴⁹ MIRANDA, Wander Melo. *Discurso crítico na América Latina*, p.22.

¹⁵⁰ In: CARPI, Pier. *As profecias do papa João XXIII: a história da humanidade de 1935 a 2033*.

inteiro globalizado: saques e seqüestros e outros tipos de violências típicas das megalópoles.

Talvez se possa mencionar Canclini, para quem a “globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las”¹⁵¹ e a passagem da dominância européia para a americana tem como resultado ir do aprendizado da cidadania a ser consumidores que passam direto dos símbolos nacionais para o que propõem as televisões (a cabo ou abertas), o cinema, a propaganda, com as marcas de roupa, perfume, calçados, num processo sócio-cultural de apropriação de produtos, tão somente¹⁵².

Mário de Andrade teria achado que foi mesmo uma provocação do caboclo Raymundo Moraes?

¹⁵¹ CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, p.11

¹⁵² CANCLINI, Néstor Garcia. Op. cit., p.37.

1.3 – POR QUE NÃO É CONHECIDO E NEM ESTUDADO, NEM LIDO E NEM PESQUISADO?

Este trabalho é delimitado ao Estado do Pará.

Há pelo menos 20 anos, ou seja, de 1984 a 2004, não consta nenhum trabalho na área acadêmica da UFPA – curso de Mestrado em Letras – referente a Raymundo Moraes.

Esta afirmativa é feita com base em pesquisa procedida por mim no rol de dissertações na área da Teoria Literária (Estudos Literários). Aprofundo e analiso este assunto no capítulo 3, que tem por título *Raymundo Moraes na planície do esquecimento*, na penúltima parte deste trabalho.

Levando em conta que o Curso de Mestrado em Letras da UFPA é o único existente na região norte, podemos afirmar que Raymundo Moraes não é estudado na região amazônica, ou melhor, nas duas grandes capitais, Belém e Manaus, onde Raymundo Moraes trabalhou, produziu e lançou seus livros.

Ao que se pode analisar, o veto em primeiro lugar é nosso. Quais as razões de vetarmos o autor local? Seria a literatura um “discurso coibido”, de que nos fala Costa Lima¹⁵³.

Pressentindo essa condição – quem sabe? –, Raymundo Moraes valeu-se de calçar seu texto com farta documentação na sua ficção, como pode ser constatado um pouco mais adiante neste trabalho ou, como diz Costa Lima comentando Jorge Luis Borges,

“a ficcionalidade concede ao discurso que rege uma liberdade selvagem e ameaçadora a todo regime zeloso de sua *verdade*” de tal modo que possamos compreender a tese de Borges de que na América Latina, à condenação do ficcional correspondia a oferta ao escritor de um lastro de salvação: o lastro do documental¹⁵⁴.

A propósito, apresento abaixo interessante trecho no romance *Os Igaráunas*, em que está explícito o entrecruzamento que Raymundo Moraes faz do documento com a ficção, mais especificadamente, neste caso, em razão da personagem ser a cientista Emilia Snethlage, a primeira mulher a dirigir importante instituição, o Museu Goeldi (pesquisadora também no olvido, esquecimento que chamou a atenção de Raymundo Moraes e que, presentemente, é

¹⁵³ LIMA, Luís Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*, p.187.

¹⁵⁴ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.188.

uma exclusão que também chama a minha atenção), isto em pleno início do século XX, no Pará, cidade de Belém.

Antes, é bom apresentar a cientista: Emilia Snethlage é uma personagem baseada na figura real da pesquisadora do Museu Goeldi (1868–1929). São fato as viagens empreendidas pela pesquisadora pela região amazônica, e o autor resgatou esta figura real e representou-a em sua obra através da personagem homônima, simbolizando a presença de naturalistas e pesquisadores que marcaram presença na região, estudando e registrando as riquezas da fauna e da flora.

Essa personagem traz à obra a presença do cientificismo das instituições, em oposição ao caráter da sabedoria popular da Amazônia apreendido através dos demais personagens. A ficção lança esse personagem que é contíguo à realidade, pode ser verificado através desta, porém no corpo da obra é ornada por ações fictícias como através do relato da convivência da mesma com personagens tais como a nora de Igaraúna, resgatada pela tribo Apiacá.

A naturalista do Museu Goeldi converteu-se em personagem primordial. E, nesse sentido, aqui abro um parêntese para demonstrar que, no romance *Os Igaraúnas*, Raymundo Moraes faz da cientista alemã Emilia Snethlage, que trabalhou no Museu Goeldi, personagem, certamente para mostrar que aliava a ficção ao documental, como comprova Mariza Corrêa, embora entendendo que a personagem é dispensável no romance, em nada influencia a trama, opinião da qual não partilho.

Corrêa registra que o romance antropológico, com exceções, é contado por uma perspectiva masculina e questiona: “Por que, então, três mulheres que, por uma ou outra razão, fazem parte dele teriam atraído a atenção de três autores a ponto de se tornarem personagem de ficção?”¹⁵⁵. E responde:

uma naturalista alemã (Emilia Snethlage) parece bem pouco atraente como personagem literária [...]. Começando pela avaliação do tratamento dado à cientista pelo escritor Raimundo de Moraes (sic) que escreve um romance no qual a presença de Emilia Snethlage é inteiramente dispensável: nenhum dos episódios depende de sua presença, e mesmo a exortação final soa postiça em relação ao enredo. Dá, entretanto, um tom de otimismo à visão da natureza proposta no romance. Como vimos, são “forças naturais” as que liquidam com a família do coronel Igaraúna e, ainda na última edição do romance, de 1985, a terra é descrita na contracapa como sendo “tão famosa alhures por sua beleza, pela bondade de seu povo, e pela amplidão aterradora de sua natureza ainda e sempre vencedora”. Emilia serviria como contraponto como a voz da

¹⁵⁵ CORRÊA, Mariza. *Antropólogas & Antropologia*, p.65.

ciência mostrando o quanto esse terror pode ser dominado pelo ser humano, através do conhecimento?¹⁵⁶.

Seguramente, Raymundo Moraes desejava chamar a atenção para o importante trabalho que Snethlage produzia na área científica que agregava valor à Amazônia, confiando no poder do conhecimento epistemológico, também nessa ficção. Através de sua convivência com os demais personagens, emite discursos notadamente descritivos e objetivos à luz do cientificismo também cobrado à literatura da época.

Destaco a seguir um trecho ilustrativo:

— Não se assuste, disse ela. A Jaquiranaboia sempre foi inofensiva. É talvez o melhor símbolo da Amazônia. Tida essa região como maléfica pelos aventureiros escandalosos, os sábios a gabam, mostrando a beleza de seus panoramas, a espontaneidade de sua fartura, a bondade de seu clima. Assim, continuou, a Jaquiranaboia, julgada venenosa pela maioria dos escritores que vêm repetindo as mais sisudas asneiras deste trecho do planeta, é apenas uma cigarra esquisita porém tão foliona como as outras, que vivem a cantar e a estridular. (C. de Mello Leitão, no seu famoso livro Zoogeografia do Brasil, chama a este inseto de Jitirana boca. Estará com a razão? Cigarra, na língua geral, é jaqui; rana falso e bóia, cobra. Jaquiranaboia quer dizer cigarra-falsa cobra, porque a tromba, quando o ímpeto está de asas fechadas, lhe dá um aspecto de pequeno ofídio. Também não é fosforescente, capaz de justificar a classificação de *Lanternaria phosphorea*)¹⁵⁷.

Snethlage representa também toda a gama de pesquisas empreendidas por Raymundo Moraes sobre a região amazônica. No decorrer da obra, são citadas obras de referência sobre a Amazônia veiculadas através do narrador, bem como de Snethlage.

É Compagnon quem comenta: “Do renascimento ao final do século XIX, o realismo identificou-se sempre, cada vez mais, ao ideal de precisão referencial da literatura ocidental”¹⁵⁸.

O autor explora ao extremo os limites entre documento e ficção ao propor narrativas possíveis de serem empreendidas pelo caráter destemido e empreendedor de Emilia Snethlage, que se impregnou do cotidiano amazônico.

¹⁵⁶ CORRÊA, Mariza. Op. cit., p.77.

¹⁵⁷ MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*, p.57.

¹⁵⁸ COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria*, p.107.

1.3.1 – A pesquisadora Emilia Snethlage

A 13 de abril de 1868, nasceu na cidade de Kraatz, próximo de Gransee, na província prussiana de Brandenburg (ao norte de Berlim), Alemanha, uma menina de nome Henriette Mathilde Maria Elizabeth Emilie Snethlage, filha do reverendo Emil Snethlage, pastor luterano, e de sua esposa Elizabeth Rosenfeld.

Emilia era a segunda de uma prole de quatro filhos do casal que ficaram órfãos de mãe em 1872. Emilia foi educada rigidamente pelo pai e em 1904 obteve o grau de doutor em ciências (Ph.D) na Universidade de Freiburg e tornou-se assistente de Zoologia no Museu de Berlim no começo de 1905 e, em 15 de julho de 1905, aceitou o contrato de dois anos para ser assistente de Zoologia no Museu do Pará, junto ao chefe da seção e diretor, Emílio Goeldi.

Com sua chegada a Belém no dia 15 de agosto de 1905 (estava com 37 anos de idade, e os pais já haviam falecido), Emilia torna o Pará pioneiro no Brasil e na América do Sul em abrir portas ao ingresso da mulher nas atividades de nível superior e no serviço público. O Museu paraense foi o portão de entrada ao admitir um número cada vez maior de mulheres.

A mulher pioneira foi a Dra. Maria Emilia Snethlage, que chegou a ser diretora do Museu Paraense em 1914. Trabalhou 8 anos para produzir o *Catálogo das Aves Amazônicas*, viajando pelo interior, pesquisando, ultrapassando dificuldades.

Morreu aos 62 anos de idade, na madrugada do dia 25 de novembro de 1929, no hotel Brasil, na cidade de Porto Velho, hoje capital do Estado de Rondônia, falecimento súbito, de colapso, atestado pelo médico paraense Antonio Magalhães. As autoridades locais resolveram sepultar Emilia Snethlage no cemitério de Porto Velho numa modesta sepultura.

Conforme Osvaldo Rodrigues da Cunha, seu biógrafo,

Emilia Snethlage está hoje esquecida no Pará, apenas lembrada no Museu Paraense Emílio Goeldi, onde passou os melhores anos de sua vida, dedicada ao estudo da avifauna amazônica e paralelamente realizando explorações geográficas e etnológicas, entre os anos de 1905 e 1921. De origem germânica, Snethlage ocupou as mais altas e relevantes funções no Museu, desde chefe da seção de Zoologia até Diretoria efetiva do mesmo. Rompendo a velha tradição que inferiorizava a mulher, a jovem naturalista abandonava a sua terra natal, a família e o conforto, para viver definitivamente no Brasil, a sua segunda pátria, inicialmente na Amazônia e depois no Sul do país. Deu tudo de si para esta nova pátria, onde faleceu obscuramente, em um rincão longínquo da Amazônia, em 1929. Por incrível que pareça, até 1987, Emilia Snethlage não tinha uma homenagem oficial do Museu, como acontece, também, com outros cientistas e servidores que contribuíram para o engrandecimento da Ciência brasileira, o

desbravamento da região e para o elevado prestígio do Museu Paraense Emílio Goeldi¹⁵⁹.

E arremata:

Por estas razões devemos prestar homenagem a esta mulher singular, de rija têmpera, que, embora não sendo brasileira e foi por adoção, quando o Pará dela mais precisava, traçando nestas linhas os principais eventos de sua vida, para que no futuro, não fique mais apagada ainda a sua lembrança [...]. O Museu Paraense Emílio Goeldi reverenciará sempre a sua memória, pois nele passou os melhores anos de sua maturidade científica, ajudando com o esforço e o vigor do seu trabalho a impor essa instituição ao respeito de que desfrutava no seio da comunidade¹⁶⁰.

É ainda o biógrafo quem diz:

o famoso escritor paraense Raymundo Moraes também teve oportunidade de conhecer Emilia Snethlage durante os seus grandes momentos de exploradora. Raymundo Moraes tinha incomum admiração pela intrépida cientista a ponto de escrever um livro com o título “os Igaraúnas” (ou os que viajam em canoas negras), abordando em estilo romancado os costumes dos paraenses interioranos cujo principal personagem real é a extraordinária Emilia. A trama do romance é fictício, como a maioria das pessoas, mas Moraes aproveitou a descrição da viagem de exploração que Snethlage efetuou aos rios Tocantins e Araguaia em 1910/11 e 1927, para incluí-la no enredo de suas histórias, batizando-a de “dama de branco”. “Os Igaraúnas” foi uma homenagem que Raymundo Moraes, profundo conhecedor do rio Amazonas, prestou à modesta cientista do Museu Paraense Emílio Goeldi, feita a sua maneira, prevendo, em 1938, o esquecimento em que ela ficaria um dia¹⁶¹ (grifos meus).

Em certa passagem do livro, diz Cunha, Raymundo Moraes escreveu o seguinte sobre Emilia:

Quanto à naturalista, valia por um atestado de altas qualidades germânicas. Se não era formosa, possuía no entanto uma graça e uma simpatia que a tornavam envolvente, além de fina elegância, do trato ameno e da coragem que a sobrepunha, em qualquer momento, ao tipo comum da mulher. Possuía além disso um golpe de vista psicológico seguro sobre as pessoas, de maneira a surpreender pela máscara humana, os refulhos da alma¹⁶².

¹⁵⁹ CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e Atitude*. p.84.

¹⁶⁰ CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Op. cit., p.84 e 96.

¹⁶¹ CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Op. cit., p.98.

¹⁶² CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Op. cit., p.170.

Concluindo o seu romance, Raymundo Moraes assinalava de maneira veemente o seu apelo em memória de Emilia Snethlage:

Quem se deu ao esforço de verificar o labor de Emilia Snethlage, funcionária e diretora do nosso Museu, é que vê a indiferença com que os responsáveis pelo departamento científico lhe declinam o nome glorioso e memorável. Figura feminina emocionante, impávida e corajosa, basta ler-se-lhe a travessia por terra entre o Xingu e o Tapajós para se verificar o sentido da sua bravura. Temos no entanto, além dessa parte etnográfica, de referir o seu trabalho formidável sobre a avifauna, cujo documento é esse volumoso livro intitulado “Catálogo de Aves Amazônicas”¹⁶³.

Vetar o imaginário seria supervalorizar o documental? Ou o veto à Literatura é a tendência de controlar essa produção como nos demonstram alguns estudos literários? Talvez, por medo, a vetemos porque só com documento se prova algo, ou aquilo que chamam os juristas “a materialidade das provas” ou simplesmente prova material, um documento que expresse a verdade. E o ficcional não expressa tal verdade? Acredito que sim, ou pelo menos uma possibilidade de, conforme se pode depreender do conceito de verossimilhança de Aristóteles¹⁶⁴, pois a própria ficção já é em si um documento, embora ouçamos correr intracademicamente no decurso dos estudos literários a opinião contrária. Precisaríamos provar que somos de verdade, e o veto é o medo que instituições e sistemas passam ao que, junto com a elite, chamam periferia, para que esta não se levante. Vamos ver na etapa final deste trabalho que, queiram ou não, a periferia se levantará e dará seu recado, porque será inevitável que o discurso ficcional amazônico avulte, com ou sem veto, deixando de ser cópia para ser original, como se pode entender da análise de Santiago:

É neste entrecruzar de discursos, já que é impossível apagar o discurso europeu e não é possível esquecer mais o discurso popular, é neste entrecruzar de discursos que se impõe o silêncio do narrador-intelectual e que se abre a batalha da paródia e do escárnio, é aí que se faz ouvir o conflito entre o discurso do dominador e do dominado¹⁶⁵.

¹⁶³ MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*, p.206.

¹⁶⁴ ARISTÓTELES. *Poética*, p.73.

¹⁶⁵ SANTIAGO, Silviano. *Apesar de dependente, universal*, p.39.

Entende Santiago que é nesse “entre-meio”, para usar uma expressão de Paulo Maués Corrêa¹⁶⁶, lugar de dialética, que o intelectual brasileiro encontra hoje o “solo vulcânico onde desrecalcar todos os valores que foram destruídos pela cultura dos conquistadores”¹⁶⁷.

E vai no ponto certo Santiago, quando conclui: “É aí que se constitui o texto-da-diferença, da diferença que fala das possibilidades (ainda) limitadíssimas de uma cultura popular preencher o lugar ocupado pela cultura erudita, apresentando-se finalmente como a legítima expressão brasileira”¹⁶⁸.

Certamente, também legítima expressão amazônica, ainda que “limitadíssima” porque também aqui é o local da cultura de que nos ensina Bhabha¹⁶⁹.

Poderia tecer enormes considerações sobre o que seja autor local ou autóctone. Fico, no entanto, com a resposta da Biblioteca Pública Arthur Viana. “Autor local é o nascido no Pará”, conforme constatei na entrevista com a gerente do setor Circulante da Biblioteca Pública Arthur Vianna, Elisabete Gonçalves, em 20 de abril de 2005, para o trabalho acadêmico *A Literatura Paraense no setor Circulante da Biblioteca Pública Arthur Vianna*, da disciplina Literatura e Recepção, ministrada pelo Professor Sílvio Holanda, Curso de Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará.

1.3.2 – Existe “literatura paraense”? Existe autor na “literatura paraense”?

Não é objetivo deste trabalho ocupar-se dessa discussão que, entendo, é desnecessária. Todavia, é o escritor Raymundo Moraes, paraense, de Belém e é assim denominado. É imprescindível que, trabalhando com Raymundo Moraes, não tenhamos que, justamente pelo fato de ser paraense, fazer a dialética. Uma ressalva é importante expor neste momento para que fique evidente que aqui apresentarei, nesta questão de existir ou não literatura paraense, tão somente os pontos de vista, *in casu*, de Nunes, Pantoja e Fernandes.

É o Professor Paulo Nunes quem diz: “hoje, sinceramente, não creio na existência de uma literatura paraense”¹⁷⁰, e argumenta que a expressão, além de acanhada, fere a universalidade, princípio básico a qualquer manifestação que se deseja artística, e continua:

¹⁶⁶ CORRÊA, Paulo Maués. *Leituras: literatura e [Homo]Erotismo*, p.31.

¹⁶⁷ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.39.

¹⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.39.

¹⁶⁹ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*.

¹⁷⁰ NUNES, Paulo. *Literatura Paraense Existe?*

Talvez o fato de aceitarmos esta denominação – literatura paraense – para a manifestação literária dos autores nascidos no Pará, signifique que caímos numa armadilha fácil, montada por aqueles que tentam perpetuar-nos como frutos de uma cultura exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos universalistas¹⁷¹.

É ainda Paulo Nunes quem argumenta:

Da década de 80 pra cá, ficou-nos a necessidade, cada vez mais premente, de superar as fronteiras que a nós se impunham. Não nos restava outra ação senão a de buscarmos o limiar, a terceira margem. Afinal, somos amazônidas, sujeitos em *incessante busca do entre-lugar do discurso amazônico na cultura nacional*. Precisamos, hoje, mais do que nunca, deixar de pensar acanhadamente. Até mesmo porque se formos aplicar a denominação pátrio-adjetiva para as literaturas regionais, teremos uma superfragmentação da chamada Literatura Brasileira. Sob esta ótica fragmentária, pensemos em alguns nomes paradigmáticos. Carlos Drummond de Andrade, por alguns considerado nosso poeta maior, nesta ótica, seria um *expoente da literatura mineira*? E Manuel Bandeira faria parte da *literatura pernambucana*? Jorge de Lima seria estudado somente por alagoanos? Oswald de Andrade é exclusivamente paulista? Os gênios de Machado de Assis e Guimarães Rosa seriam classificados como pertencentes, respectivamente, às *literaturas carioca e mineira*? Será que nossa expressão literária nacional sobreviveria diante de tão incisiva fragmentação? / Por essas e outras - embora sendo professor de Literatura da Amazônia -, tenho optado por uma expressão que considero mais conseqüente em se tratando de literatura da/sobre a nossa região: *literatura brasileira de expressão amazônica*. Afinal, está na hora de (como fizeram os primeiros modernistas) os demais brasis redescobrirem este Brasil que está ao norte, e é demarcado pela linha do Equador. E a literatura, penso, é mais que pretexto, ela é, sem trocadilhos, o passaporte. E que ela não seja somente paraense, seja brasileira, quiçá, universal!¹⁷²

Não custa ouvir o que tem a dizer sobre o assunto o Professor Benedito Nunes:

Regionalismo é um termo histórico-literário datado, prevalecente em fins do século XIX, profuso na América latina, mas raro na Europa. Significa principalmente na narrativa, de modo particular na ficção romanesca, demarcar, pelos limites de uma região geográfica, com as suas características distintivas, a temática, os personagens, as situações e a linguagem de uma obra literária. Em geral, esses aspectos se articulam no regionalismo, cuja marca histórica, entretanto, ficou sendo, entre nós, o realismo (descrição de costumes) e o naturalismo (primado dos instintos primários, da hereditariedade, dos traços raciais etc.), como no romance “A bagaceira”, de José Américo de Almeida ou, em dose mínima, em “Menino de engenho”, de José Lins do Rego. Por aí se vê que o regionalismo nasce com uma filosofia: obedece a uma idéia de realidade, senão a uma idéia de natureza. Diz-se dessa idéia que é o pressuposto filosófico do regionalismo, proveniente do século XIX e que integrou tanto o

¹⁷¹ NUNES, Paulo. Op. cit.

¹⁷² NUNES, Paulo. Op. cit.

romantismo quanto realismo. Mas regionalismo não é uma rubrica filosófica. A Filosofia nunca é regional no sentido acima. Não se conhece obra filosófica propriamente dita que seja regionalista. / Acho que convém distinguir entre regionalismo e regional. A literatura pode ter regionalidade sem que, forçosamente, seja regionalista. A filosofia está acima das regiões; ela reside na amplitude das questões que levanta: amplitude universal. Certa literatura, como a de Guimarães Rosa, que aproveita matéria regional abundante, constitui uma espécie de suprarregionalismo. Quando alguém escrevesse sobre a visão amazônica do mundo estaria aplicando um conceito filosófico (visão do mundo = Weltanschauung) para tirar o sumo das lendas, crenças e comportamentos do homem amazônico, no intuito de configurar um conjunto de pensamentos, idéias e atitudes¹⁷³.

Vejamos agora o Professor Edílson Pantoja:

Enquanto pensava a respeito do texto *Literatura Paraense existe?*, de autoria do professor Paulo Nunes, tive repetidas vezes, a afirmação – “a palavra distingue o homem entre os animais, a linguagem, as nações entre si – não se sabe de onde é um homem antes de ele ter falado” (J-J Rousseau) – borbulhando em minha reflexão. Resolvi torná-la epígrafe de minha argumentação. Quis ver aí um mote que talvez me permita pensar uma perspectiva diferente daquela enfocada pelo professor Nunes. O pequeno trecho, constante do Ensaio sobre a origem das línguas tem por tema, conforme o próprio título da obra enuncia, a linguagem – linguagem verbal, deixe-se frisado. E é oportuno que se observe a relação entre universal e particular aí referida. Aprecio nele a importância que dá ao lugar (*topos*) – ao elemento pátrio, portanto – como sendo essencial para a construção da identidade, como aquilo que concede características próprias ao particular, ao regional, como aquilo que lhe fornece o seu *quid*, que o reveste da cor local. Afinal, “não se sabe de onde é um homem antes de ele ter falado”¹⁷⁴.

Comenta então Pantoja: “Não se pode, em nome do desejo de universalização, suprimir o regional. O universal não existe sem o particular, o nacional não existe sem o regional, de modo que, em nome do primeiro, não se pode ignorar o segundo”¹⁷⁵. E o arremate:

Não vejo sentido, também, na mera substituição de um adjetivo pátrio por outro. Até por que “literatura brasileira de expressão amazônica”, embora seja mais largo que literatura paraense, não escapa ao regional. A própria denominação (pátria) literatura brasileira, se considerada a perspectiva mais global, é também apenas regional¹⁷⁶.

¹⁷³ NUNES, Benedito. *A Filosofia nossa de cada dia*, p.8-9.

¹⁷⁴ PANTOJA, Edílson. *Não existe uma literatura paraense?*, p.1.

¹⁷⁵ PANTOJA, Edílson. Op. cit., p.1.

¹⁷⁶ PANTOJA, Edílson. Op. cit., p.2.

Pantoja finaliza assim:

não pretendo apresentar a verdade absoluta, mas tão somente uma, entre outras possíveis maneira de ver. Quero crer que a universalidade da obra literária não é medida pela aprovação ou não dos homogeneizadores do gosto, mas pelo fato do leitor, qualquer que seja seu topos, nela se reconhecer, seja por questões existenciais, seja pela comunhão com o Belo ali presente¹⁷⁷.

Fernandes, para a questão do entre-lugar, encontra a expressão bem nativa denominada de entremeagem e comenta: “Minha hipótese é que o caráter nacional ou regional da produção amazônica, ou amazônida, é menos uma questão conceitual e mais um exercício metodológico, por mais que entre teoria e prática a distância seja a mesma”¹⁷⁸.

E adiante completa: “local e universal perdem, em parte, seu caráter de conceitos fechados e ganham em possibilidade de ‘entremearem’ um novo discurso, mais dialético e aberto a vozes de expressão local, atentando para o universal”¹⁷⁹.

Comenta ainda: “a teoria da literatura da Amazônia, em meu entender, deve se preocupar, pelo menos em princípio, em elaborar *constructos* e não em apontar quem seja mais ou menos literato amazônida, que fale com mais ‘precisão’ de que cor é o açaí ou o tucupi”¹⁸⁰. E fecha:

Por fim, acredito que a descoberta – não falo nem em redescoberta – pelos outros brasis desse Brasil literário “que está ao Norte” depende muito mais das condições de circulação e recepção dessa produção, que indiscutivelmente é de qualidade, por seu caráter local que desfralda o universal¹⁸¹.

Ligado na questão universal, esse caráter que os técnicos desejam que exista, o escritor albanês Ismail Kadaré – inobstante em seu primeiro romance, *O general do exército morto*, ir na contramão dos romances que apostam na velha regra do ser universal ao mostrar a dimensão mais fortemente local – constantemente se manifesta contra a idéia do autor ligado à tradição local. Reivindica uma universalidade coerente com os Balzacs, Zolas, e Flauberts. Para Kadaré, é uma violência a definição de nacionalidades literárias, e diz claramente: “A

¹⁷⁷ PANTOJA, Edilson. Op. cit., p.3.

¹⁷⁸ FERNANDES, José Guilherme dos S. *Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Literatura Amazônica ou Literatura da Amazônia?*, p.181.

¹⁷⁹ FERNANDES, José Guilherme dos S. Op. cit., p.188.

¹⁸⁰ FERNANDES, José Guilherme dos S. Op. cit., p.181.

¹⁸¹ FERNANDES, José Guilherme dos S. Op. cit., p.188.

literatura tem que ser global, universal. Ela não pode ter ligação apenas com o seu país se quiser ser boa, se quiser ser grande. A verdadeira literatura não conhece fronteiras jamais”¹⁸².

A aceitar esse ponto de vista, então, toda literatura que se preza tem que ser universal. Nem pode ser denominada brasileira ou francesa ou inglesa ou egípcia, tem que ser universal.

Na matéria que Fabrício Carpinejar escreveu para a revista *EntreLivros*, há a seguinte passagem:

De acordo com o crítico Antonio Carlos Secchin, “parece que apenas poetas cariocas e paulistas não precisam de gentílico. Difícil ler ‘o poeta carioca Vinicius de Moraes’ ou ‘o paulista Oswald de Andrade’. Mas, lemos a toda hora ‘o pernambucano João Cabral’. Infelizmente apenas os do Rio e de São Paulo estão dispensados de exibir a carteira de identidade”¹⁸³.

Em sua argumentação, Secchin aponta a resistência da crítica em absorver distintos sotaques:

Todo escritor alheio a esses territórios será estadual. Nos melhores casos, alcança ressonância nacional, em que estarão – ou não – valorizados os traços de origem, de poeta regional. Assim, os estaduais João Cabral e Manoel de Barros se alçaram ao nacional por meio do elevado e consistente teor de regional que impregna suas obras¹⁸⁴.

O Professor José Arthur Bogéa comenta que a literatura amazônica é uma ilustre desconhecida no Brasil, afirmando que nem os próprios paraenses conhecem sua história e seus autores “A disciplina Literatura Paraense foi retirada do currículo do curso de Letras da Universidade Federal do Pará e também não é mais oferecida como disciplina opcional para outros cursos de graduação”¹⁸⁵.

Numa rápida e despretensiosa pesquisa, constatee o que é voz corrente: o paraense não conhece seus autores e nem suas obras, não conhece e por isso não valoriza sua cultura, logo, não valoriza o que é seu. Mostro esta pesquisa na penúltima parte deste trabalho, *Raymundo Moraes na planície do esquecimento*.

O que não se compreende muito é por que a implicância com a arte literária no que tange a se dizer Literatura Paraense. Não observamos o peso que se dá à literatura, por

¹⁸² Apud WERNECK, Alexandre. *O Chão por Testemunha*, p.B1.

¹⁸³ CARPINEJAR, Fabrício. *Mário Quintana, um par de sapatos para a posteridade*, p.51.

¹⁸⁴ Apud CARPINEJAR, Fabrício. Op. cit., p.51.

¹⁸⁵ BOGÉA, José Arthur. *Literatura amazônica é uma ilustre desconhecida no Brasil*, p.9.

exemplo, quando se fala em arte musical. A carga parece não existir quando se diz música paraense, teatro paraense, filósofo paraense.

Tomemos, como exemplo, um folheto de divulgação do curso de História da Filosofia com o Professor Benedito Nunes no Centro de Cultura e Formação Cristã em Ananindeua – Pará, que contém os informes sobre o evento, mencionando que o professor é “Benedito Nunes, filósofo paraense”, e o mais interessante é que não há o menor preconceito; contudo, se mencionar *escritor paraense* a alguém, o mundo vem abaixo no sentido de que deve-se pronunciar apenas: escritor, tão somente.

Não seria vergonha de se dizer paraense?; não seria reflexo da baixa-estima, do “acanhamento” a que se refere Paulo Nunes?

É impossível uma arte divorciada do mistério que a produz: o lendário e o imaginário. O artista, o escritor é um mistagogo, e o mistério não se explica, se contempla.

Se é a denominação que nos ocupa, cremos que isto é um acessório. O essencial é o texto literário, o produto. E queremos que tudo se torne homogêneo na Literatura? É certo que vivemos hoje o descartável, o imediato, vivemos a ideologia da pressa no mundo pós-moderno e neoliberal.

O que falo, o que conto aqui é a minha história, da qual me aposso, da qual estou impregnado, existe em mim, se enforma e se informa em mim e eu nela, e quando isso acontece de forma consciente através das lendas, dos mitos, do lendário total e do imaginário total – total aqui no sentido do que consigo me apossar ou apropriar –, surge uma realidade que eu quero trazer como História para contar, para mostrar que não é cópia, é a própria região quem fala, não sou apenas eu, autor, escritor, é toda uma sociedade amazônica que reivindica, que quer, ela não é cópia, é original (mesmo que sejamos uma sociedade formada pelo negro, pelo europeu e pelo índio, segundo Walcyr Monteiro, que afirma: “a formação étnica amazônica, como a do resto do Brasil, fez-se pela miscigenação de brancos portugueses, negros africanos e indígenas nativos”¹⁸⁶ – acrescente-se também a contribuição de outros povos, como árabes, sírios, libaneses, turcos, japoneses...), e desse original partimos para realizar o que uma sociedade consciente sabe fazer, e muda, vai mudar, vai reverter. Leva tempo, é verdade, mas acontece. E como diz Antonio Gramsci, o grande mérito de Karl Marx foi “chamar a atenção para os problemas sociais de seu tempo”¹⁸⁷, e a mudança cultural

¹⁸⁶ MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*, p.193.

¹⁸⁷ BAZCKO, Broniskaw. *Les imaginaires sociaux*, p.54.

também é uma mudança social, porque uma boa reforma social começa com uma boa reforma do sistema escolar, da educação e da cultura.

O modo de ser e de falar forma a identidade paraense (não obstante Hall¹⁸⁸ comentar que ao invés de se falar em identidade [...] devíamos falar em identificação e vê-la como um processo em andamento, além de entender que “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global [...] mais as ‘identidades’ se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’”¹⁸⁹). Porém, Isidoro Alves entende que o Círio de Nazaré “é a mais forte manifestação da identidade paraense – a idéia da identidade regional”¹⁹⁰, idéia que sobrevive através da palavra, da arte literária, para ficarmos paraensados, porque a Literatura se dá no espaço paraense, e o espaço é o lugar do acontecimento. Os símbolos que usamos já são universais: luz, água, árvores, peixes, ovo, serpente. A linguagem simbólica é entendida numa determinada cultura, por exemplo, a cultura amazônica, porém, o poder da imagem é universal, e ultrapassa espaço, tempo e cultura, logo, queiram ou não, gostem ou desgostem, o certo é que existe sim uma produção literária feita no Pará, por paraenses ou não, e que se tem denominado de *literatura paraense*, logo, entendo que existe literatura paraense, sim, se é próprio ou não chamá-la assim, isso é outra história.

1.3.3 – Há valor no que Raymundo Moraes produziu?

Vou expor, no presente tópico, breve apanhado acerca de um certo juízo de valor a respeito da obra de Raymundo Moraes. Para tanto, lanço mão, basicamente, de argumentos de Flávio Kothe. Nessa linha de raciocínio, Kothe começa mostrando que existe uma Literatura mais adulta que o cânone nacional a ser cuidada, uma que é arte, e não apenas aparelho ideológico do estado, instrumento de propaganda de uma linha política, de um racismo e de uma seita religiosa: os clássicos universais – argumento que o professor usa para demonstrar existir outra opção na Literatura Brasileira, que é o retorno aos grandes escritores e pensadores, porém, segundo Kothe, “nenhum dos quais é, por enquanto, brasileiro”¹⁹¹.

Para este pesquisador, o cânone é um “retorno eterno” da mesma estrutura rondante, precisa apenas de “novos disfarces para impor a mesmice”; está no tempo e fora dele simultaneamente e contém sucessão de escolas e períodos literários, “que reiteram a mesma

¹⁸⁸ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*, p.39.

¹⁸⁹ HALL, Stuart. Op. cit., p.75.

¹⁹⁰ ALVES, Isidoro. *A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré*, p.320.

¹⁹¹ KOTHE, Fávio René. *Pólemos e o Belo: o sistema canônico brasileiro*, p.64.

estrutura como se tudo acontecesse para nada acontecer, como se tudo mudasse para ficar sempre igual. As obras são reduzidas a seu momento e local de gênese”¹⁹², como é o caso dos escritores da Amazônia, especialmente os do Pará e notadamente de Belém, como é o do promotor cultural Raymundo Moraes.

Segundo o professor, o cânone do Brasil chega a dar impressão de ser uma literatura de medíocres que se acham muito sábios só porque são poderosos, na medida em que fazem o que corresponde “à ideologia dominante e o que interessa à estrutura vigente do poder” e que a literatura dita brasileira é um instrumento de “dominação interna para aniquilar a língua, a cultura e a identidade espiritual de todas as ‘minorias’ que formam a maioria do povo dito brasileiro”¹⁹³.

Tem-se, nesse sentido, fortes indignações e repúdios de escritores do Pará, como, por exemplo, Eustachio de Azevedo, Dalcídio Jurandir e Raymundo Moraes, além de outros mais recentes. Nesse contexto, Moraes é bem o modelo, não figura no sistema, e por isso, também no cânone, por que não seria suportável a convivência dos dominadores com a cultura amazônica expressa nos textos de Moraes?

Essa construção da identidade de que há contribuição de Moraes, para o poder, deve inexistir? Kothe registra que a Literatura manifesta a voz do dono passando a versão da história que convém ao mandarim, “impondo a todos uma falsa identidade como se fosse sua mais autêntica expressão, reiterando as estruturas mentais, impedindo o livre pensar sob a aparência de melhor pensar” num faz-de-conta, parecendo ter poder e domínio, quando, na verdade, é frágil a autenticidade de sua identidade e por isso mais autoritário e superficial se torna. É Kothe quem registra que, *in casu*, “cultua-se o narcisismo e o elogio mútuo num culto de autores bem longe do que seria realmente um ‘escritor’”¹⁹⁴.

Embora não concordemos totalmente com esse ponto de vista, o Professor Kothe diz textualmente que “o cânone brasileiro é uma extensa demonstração da permanência de obras de baixa qualidade”. Destacamos essa “permanência” como nociva, pois, segundo Kothe, “faz-se de conta que tem valor o que permanece, porque permanece por ter valor, enquanto, de fato, é mantido porque interessa ao sistema que permaneça por motivos ideológicos, distantes de qualquer valor artístico”¹⁹⁵.

E o que expõe a seguir diz de perto a situação aqui na região Amazônica e fala mais ainda da situação de Raymundo Moraes, que abordamos, quando trata que

Há também o que nunca pôde ser escrito, embora fosse necessário, e o que foi escrito mas sequer consegue aparecer, assim como há o que morre por ser publicado apenas

¹⁹² KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.65.

¹⁹³ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.67.

¹⁹⁴ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.68.

¹⁹⁵ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p. 75

em uma pequena editora, revista ou jornal. Há grandes segmentos populacionais que não encontram espaço na literatura para se expressarem, embora o cânone faça de conta que deu voz a alguns¹⁹⁶.

Os exemplos que se seguem se coadunam com o que se está mostrando relativo a Raymundo Moraes. Kothe expressa a situação de Homero, que foi esquecido, mas Virgílio “que é inferior a ele”, como diz Kothe, foi valorizado porque a igreja achava que, ao descrever Iúlio (querendo legitimar a família Julia que o patrocinava), o autor estava profetizando o advento de Jesus Cristo. Rabelais sofreu perseguição de seu bispo por ser leitor de grego e latim, e Kothe completa: “Se o monopólio da escrita pelos monges propiciou que falsificassem documentos, que lhes deram propriedades e privilégios, eles podiam inventar também um passado literário assim como apagavam outro”¹⁹⁷, e comenta que Shakespeare não foi considerado um grande autor enquanto preponderou o neoclassicismo francês. Heine e Vitor Hugo foram exilados. Baudelaire e Flaubert tiveram por prêmio serem perseguidos pela Justiça. Quanto a Goethe, não tivesse providenciado tradução e uma edição alemã, sua obra não existiria. E mais recentemente, Kafka e Joyce e outros foram menosprezados.

Reproduzo a seguir trecho em que Kothe retrata o que sempre acontece com o texto literário aqui produzido, no qual Raymundo Moraes se insere como exemplo:

Toda literatura que apresente o ponto de vista e a vivência dos excluídos e marversados do cânone – como índios, negros, mulatos, caboclos, imigrantes –, não tem tido efetiva chance nesse sistema – embora este aparente incorporá-los, e incorpore, até como autores, à medida que adotem e representem a perspectiva do senhorio¹⁹⁸.

Ainda é Kothe quem leciona:

Isso significa que, ou se desenvolve uma literatura de gueto, que realmente seja de gueto, portanto de exclusão da esfera pública brasileira, ou se aparecer alguma literatura de gueto oficializada, ela será sempre uma forma de traição do que realmente deveria ser a perspectiva e a vivência desse gueto¹⁹⁹.

Comenta Kothe que no primeiro a tendência é um silêncio (que existe, diz o estudioso, por exemplo, em relação à literatura brasileira em língua alemã) e, no segundo caso, “os

¹⁹⁶ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p. 75.

¹⁹⁷ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p. 76

¹⁹⁸ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.79.

¹⁹⁹ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.79.

oportunistas de sempre hão de se glorificar”, cujo discurso servirá para fazerem o “silêncio sobre aquilo que realmente precisa ser dito”. E então o sistema permanecerá assim: o “alienado é que pretende ser o autêntico, a máscara quer ser o rosto para melhor ocultá-lo”.

E finaliza Kothe, explicando que “os excluídos não são reconhecidos como boa literatura, boa crítica, boa filosofia. Quando não se percebe a limitação do canônico, ao invés de ele ser um horizonte para novos avanços, converte-se em barreira que impede produções melhores²⁰⁰”.

Que é exatamente o que se dá com a Literatura produzida aqui no extremo norte, da qual Dalcídio Jurandir é o exemplo-mor, passando por Raymundo Moraes, foco central desta pesquisa, e outros, tudo de acordo com o que vimos demonstrando ao longo deste trabalho.

O trabalho literário de Raymundo Moraes – o significado artístico da obra –, elaborado com técnica narrativa que considero boa, sem dúvida que contribui, agregando valor, para a construção de nossa identidade, mas permanece, em consequência dessa cooperação com esse conteúdo regional, fora do sistema literário, carimbado, quais os demais nessa perlaboração para não integrar nenhum dos vários sistemas literários da própria América Latina e Caribe, digo até mais, nem do sistema local, no seu caso específico, situação que vimos examinando desde o começo deste trabalho e que se aclara pela confirmação da inexistência de seu nome no rol deste ou destes sistemas, e, portanto, podemos considerar, como de fato está, sua produção, à margem.

No campo da Literatura Amazônica, o que mais nos identifica: a água, o barco, a floresta, o lendário ou nem mesmo o homem que habita esta região? Eis, abaixo, uma mostra exemplar de como se manifesta a perplexidade do que vem de fora, como é o caso do diretor da minissérie *Amazônia*²⁰¹, gravada nas matarias da região, Marcos Schechtman:

Na Amazônia, a gente vê a humildade do homem perante a floresta. As dificuldades naturais, como lidar com a logística das águas, o excesso de calor e a grandeza da natureza perante o homem, existem, mas, muito mais que isso, *o maior desafio é capturar a alma do local e de seus habitantes*²⁰² (grifo meu).

Ouçamos agora as vozes de alguns escritores do lugar:

²⁰⁰ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.81.

²⁰¹ Veiculada em Belém, pela TV Liberal, afiliada na rede Globo, a partir do mês de janeiro de 2007, no horário das 22:00 horas.

²⁰² SCHECHTMAN, Marco. *Amazônia abre as asas da imaginação*, p.8.

complexa e variada é a moldura hídrica de Belém [...] a água figura como peça fisiográfica e como elemento cênico, como moldura e agente modelador. Tanto geográfica como historicamente, a cidade floresceu em função da água. “Flor das águas” – eis uma autonomásia que se ajusta muito bem à capital paraense, tal a significação do elemento hídrico na sua vida²⁰³.

Ou como nas carícias poéticas de nossa escritora conterrânea Eneida de Moraes: “ruído das águas velando meu dormir”²⁰⁴. Ou ainda o *Chão D’água*, do vigilengo José Ildone, misturando com a *Viola d’Água*, da Belemense Aline Brandão. De um modo mais geral, Josebel Fares afirma:

A intimidade e a dependência do amazônico com a água (...) provocam fortes experiências estéticas, escritores se ocupam em representar a aquosidade da paisagem. Se autores, como [Pero Vaz de] Caminha, referem-se à água como elemento de prosperidade e redenção, outros são arautos da dimensão trágica. Euclides da Cunha metaforiza a água como “ruína”. Edson Carneiro trata o amazônico como “escravo do rio”. Tiago de Mello fala na Amazônia como a “pátria das águas”. Giovanni Gallo aponta a “ditadura das águas” no Marajó. Ruy Barata recria Raul Bopp e afirma o “rio como rua”. Dalcídio Jurandir constrói grande parte de sua obra através de metáforas das águas. Portanto, ratifica-se: a compreensão do espaço amazônico ilumina-se com o farol das águas. Estas sinalizam o modo de vida do homem, indicam o comportamento na estação²⁰⁵.

Também vale lembrar aqui a observação de Bachelard sobre a água, a nossa água doce: “A água doce é a verdadeira água mítica”²⁰⁶. E as águas interiores dos rios amazônicos são doces²⁰⁷ e, para nós, cheias do nosso misticismo e dos seus mistérios. E sobre essa importância, é o próprio Raymundo Moraes quem nos oferta o texto a seguir, intitulado *O Relógio Amazônico*:

O miraculoso relógio da Amazônia é a água. Polimórfica, serena, cantante, a linfa esplende numa clepsidra gigantesca, principalmente no Pará, onde a vida se rege ao sabor das cordas fluviais. Sonora nos seus vagalhões, ciciante nos seus beijos lacustres, a vaga, desperta e adormece. Nem o sol, nem as estrelas, nem a lua, nem os cometas possuem a influência aquática no anfiteatro. Porque a água não marca somente as horas, as semanas, os meses e os anos, mas a escassez e a fartura, a alegria e a tristeza. / É na corrente dos rios e na superfície dos lagos que se decidem os nossos problemas. De maneira que o homem, em vez de consultar a marcha dos astros na decifração dos enigmas, consulta a altura da água. A vazante e a enchente, o

²⁰³ MOREIRA, Eidorfe. *Flor das águas*, p.45.

²⁰⁴ MORAES, Eneida de. *Cão da Madrugada*, p.26.

²⁰⁵ FARES, Josebel. *Representações Poéticas das Águas Amazônicas*, p.3-4.

²⁰⁶ BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*, p.158.

²⁰⁷ Conforme Pandolfo, a reserva hídrica da Amazônia Legal é de 1/5 das reservas mundiais de água doce (PANDOLFO, Clara. *Amazônia Brasileira: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras*, p.41).

adiamento ou atraso dos repiquetes nos longínquos manadeiros, o vigor das sigízas, a mansidão das quadraturas, o conflito das pororocas no estuário esclarecem e guiam os habitantes na divisão do dia e da noite²⁰⁸.

Fui buscar apoio em Cornejo Polar para o que aqui se informa no tocante a estar fora do sistema por ser de uma possível margem ou da periferia:

Suspeito que a categoria de sistema é, pelo menos em parte, algo assim como um subproduto talvez imprevisto da infatigável inoperância de nossa historiografia literária. Incapazes de superar as bases conceptuais do positivismo, quase todas as histórias da literatura latino-americana imaginam sua matéria como uma seqüência unilinear, supressora e perfectiva. Épocas, períodos e mesmo gerações se sucedem num tempo único e abstrato, obscuro mas firmemente governado pelo imperativo do Progresso. Permanece fora de sua consciência a perturbadora simultaneidade de opções literárias contraditórias e beligerantes, inclusive dentro do represamento da arte hegemônica, e certamente a coexistência, ainda mais inquietante, de várias literaturas paralelas e pouco menos que autônomas²⁰⁹.

Seguramente que, nessa investigação que tenta entender a não inclusão de Raymundo Moraes no sistema literário, nos situamos no rol da Literatura paralela represada e quase nada autônoma (a luta é também para libertar-se do sistema [que não nos contempla] para essa autonomia [que não deixa de ser um veto ao ficcional], de vez que temos determinação).

E vou buscar novamente auxílio em Cornejo Polar, que fala de um sistema literário que procura fazer do diverso unidade, para conseguir uma ordem “tão perfeita e harmoniosa como postiza”²¹⁰. Essa consideração de Polar remete também à reflexão crítica de Roberto Schwarz, a respeito “do caráter *postizo*, *inautêntico*, *imitado* da vida cultural que levamos”²¹¹ – adiante retomo tal ponto. Faz uma advertência: “Antes de arriscar uma explicação a mais, digamos portanto que o mencionado mal-estar é um *fato*”²¹². E conclui nauseado: “As suas manifestações cotidianas vão do inofensivo ao horripilante. O Papai Noel enfrentando a canícula em roupa de esquimó é um exemplo de inadequação”²¹³.

E retomando Polar, vem a negação da História, da nossa História, e, por conseguinte, “sistema sem história é uma abstração ilegítima e enganosa”²¹⁴. Polar informa que “quase não

²⁰⁸ MORAES, Raymundo. *Amphitheatro Amazônico*, p.231-232.

²⁰⁹ POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*, p.47.

²¹⁰ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p.47.

²¹¹ SCHWARZ, Roberto. *Nacional por Subtração*, p.29.

²¹² SCHWARZ, Roberto. Op. cit., p.29.

²¹³ SCHWARZ, Roberto. Op. cit., p.29.

²¹⁴ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p.48.

temos conhecimento da história das literaturas populares e indígenas”, exatamente onde se entrecruza o texto de Raymundo Moraes, e que essas literaturas debilmente autônomas nela (na História) se inscrevem pairando no submerso do ritmo coletivo “muito mais reiterativo que mutável, precisamente porque insistir é uma forma de resistência cultural e um modo de vencer a interferência predadora do opressor”²¹⁵.

Neste caso de Moraes, seria uma literatura heterogênea? Acredita Polar que essa literatura marginal é capaz de “reproduzir as rupturas socioculturais da América Latina e operam no espaço ambíguo da ressemantização de formas e conteúdos alternativos”²¹⁶. Conclui o autor:

Os sistemas maiores de nossa literatura têm consistência diferenciais, cada qual com sua própria história, quase totalmente desconhecidas no caso das literaturas marginais, mas também, ao mesmo tempo, funcionam dentro de um jogo de ressonâncias múltiplas, imprevisíveis e contraditórias, cujos ecos vão e vêm no seio de uma história que é o fato único a nos identificar com “todos os sangues” de nossa América²¹⁷.

E nessa História da América está contemplada a da Amazônia, onde Raymundo Moraes se nutriu para escrever suas 17 obras? Quem nos responde é Ana Pizarro, ao afirmar que existe um espaço cultural que praticamente não tem sido considerado nos estudos da cultura latinoamericana, “Se trata do caminho relativo à Amazônia”²¹⁸.

Pizarro comenta que, durante muito tempo, por inúmeras razões, não foi possível olhar a Amazônia como um tipo cultural e reconhecer ser uma “completa unidade no plano simbólico”, mas nas últimas décadas três fatores despertaram o interesse pelas formas de vida de sua população nativa, graças ao surgimento de uma concepção ampla de cultura. Assim, o desenvolvimento das comunidades, diversidade social e cultural – a Amazônia –, entende Pizarro, não é apenas terra dos índios, os sujeitos sociais são múltiplos e seu imaginário dá conta da turbulenta história; outro fator é o impacto ambiental, o homem e o meio-ambiente amazônico; e o terceiro fator é a defesa da região ante a ameaça de interferência externa que tem sido uma constante em sua História. E menciona uma “comunidade imaginada”²¹⁹ de espaços nacionais e nações amazônicas.

Pizarro comenta que se entrecruzam olhares e interesses divergentes sobre a

²¹⁵ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p.49.

²¹⁶ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p.50.

²¹⁷ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p.53.

²¹⁸ PIZARRO, Ana. *Imaginário Y Discurso: La Amazonia*, p.130.

²¹⁹ PIZARRO, Ana. Op. cit., p.130-131.

Amazônia, segundo se definem em função de um “pertencimento nacional, internacional e transnacional...”²²⁰.

E faz a pergunta: quais são os elementos constitutivos de articulação cultural que aponta a unidade da Amazônia? E comenta a enorme bacia hidrográfica que gera formas diferentes de relação do homem com a vida que significa também formas diferentes de produção dos imaginários sociais e do imaginário constituído de articulações comuns.

É Pizarro quem afirma em sua tese que “A Amazônia é uma construção discursiva”²²¹ de um discurso externo sobre ela, entre os quais, entre os séculos XV e XVIII, o europeu com as inúmeras expedições em que se sobressaem a holandesa, inglesa, francesa, espanhola e sobretudo a portuguesa, tecendo uma imagem dum El Dorado que se soma ao universo mítico de que o nativo se valeu para suas necessidades físicas e espirituais e assim foi-se construindo a imagem amazônica de um lugar paradisíaco ou, para aproveitar o título do livro de Alberto Rangel, um *Inferno Verde* dos nativos, discurso este que, na continuidade da construção de sua construção, agora é do religioso por meio da Igreja Católica e depois segue com os viajantes, vindo em seguida o período da borracha, a Paris dos Trópicos e que passa por Euclides da Cunha conceituando através do texto de que é a última página do gênese ainda a ser escrita, portanto, “sem história”, e mais presentemente pela situação da dominação estrangeira, como bem demonstra Santiago: “O conquistador europeu usurpa e, ao camuflar este gesto com a noção de propriedade, já aí institui como indispensável para o contrato social futuro a noção de roubo”²²². É dessa dominação monopolista resultante hoje do capital multinacional que corre mundo atrás de atraentes investimentos rendosos a curto prazo e aqui se dando através da venda, da exploração internacional de madeira, da energia hidráulica e da extração de minérios que surgem os embates travados sobretudo com garimpeiros, índios e quilombolas, gerando a violência de que se tem notícia e a presença do homem que se manifesta através da arte literária, da qual Raymundo Moraes é um dos exemplos que procuram informar, denunciar, interpretar e cantar, dizer desse mundo estético do imaginário popular amazônico, entre duras dores também de prazeres, permanecendo o questionamento: é possível uma poética de tudo isso, ou seja, uma relação entre homem e natureza através do imaginário de sua gente encantada/desencantada? Tais apontamentos e questões são

²²⁰ PIZARRO, Ana. Op. cit., p.132.

²²¹ PIZARRO, Ana. Op. cit., p.133.

²²² SANTIAGO, Silviano, *Nas Malhas da Letra*, p. 196.

evidenciados por Pizarro em uma longa extensão de seu estudo²²³.

Essas constatações nos levam a entender que a nossa Literatura nos trópicos “vale quanto pesa”, tomando carona nas concepções teórico-literárias de Silviano Santiago, e, dependendo do peso..., um escritor do naipe de Raymundo Moraes, entendemos, injustamente, amarga descaso e veto se não houver critério ético que propicie pelo menos expor sua obra para que haja razoável recepção.

E em se tratando de veto ao ficcional, é o que está posto em dialética, Costa Lima aborda o tema observando o partilhar do *corpus* canônico do veto ao ficcional²²⁴, e a pergunta: por que pensamos que um produto escrito só é digno quando o chamamos de literário? A literatura é apenas um entre vários discursos, de cuja rede depende a história cultural de um povo²²⁵. Costa Lima²²⁶ apelida o documental de muleta, embora assegure que há, certamente, um critério de verdade no discurso ficcional.

Por que a obra de Raymundo Moraes não seria digna de ser chamada de literária? E isso é motivo para se enclausurar – como vem acontecendo há mais de sessenta anos – o seu discurso ficcional numa espécie de censura ou veto ao ficcional de uma sociedade disciplinadora (aqui lembrando Michel Foucault, quando demonstra o controle feito pela chamada “sociedade do discurso”²²⁷)?

Essa produção de Moraes seria suplementar, não o suplementar de que ensina Bhabha no sentido de subverter as estratégias do discurso advindo das minorias? Seria uma espécie de performance? Bem que merecemos o título de literatura performativa no sentido de incorporar significados que imanam da floresta, os quais só quem está ligado capta no ambiente que é meio natural? E qual melhor meio do que quem está no tráfego cotidiano do elemento água, das águas amazônicas que o comandante Raymundo Moraes singrou com maestria e revelou com louvor de doutorado? Eis então o local que tem dimensão aquosa na temporalidade das marés, conforme Bhabha²²⁸: local enquanto dimensão temporal.

Seria a famosa experiência do *postigo* de que fala Schwarz? O autor inicia seu texto afirmando que “Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do

²²³ PIZARRO, Ana. Op. cit., p.134-151.

²²⁴ LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*, p.211.

²²⁵ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., p.219.

²²⁶ LIMA, Luiz Costa. Op. cit., p.220.

²²⁷ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*, p.39.

²²⁸ HOMI, K. Bhabha. *Local da Cultura*, p.199.

caráter *posticho*, *inautêntico*, *imitado* da vida cultural que levamos”²²⁹ – claro fique que esses conceitos advêm do sistema literário, o mesmo da cópia, cuja questão, para Schwarz, “não é falsa”, desde que devidamente cuidada pragmaticamente, de um “ponto de vista estético e político, e liberto da mitológica exigência da criação a partir do nada”²³⁰.

E pelo que expusemos, a aguardar sentado pelo sistema literário dominante, o valor literário da produção de Raymundo Moraes deverá amargar uma eternidade para ser ao menos mostrado, que é a licença que pedimos por meio deste conteúdo baseado em alguma episteme, ancorado nos doutos pesquisadores do labor ficcional ou estudos literários.

O que permite que um texto literário seja considerado bom e possa figurar no cânone, digamos, particular de algum professor numa instituição de ensino superior?

Em apreciação crítica, acerca do romance *Maldita Morte*, do madrileno Fernando Royuela, que faz alegoria da Espanha liliputiana surgida na ditadura de Franco, o também romancista Miguel Sanches Neto, paranaense, tece as seguintes considerações:

Alguns conceitos literários, quando cultuados de forma cega, viram inevitavelmente preconceitos. A literatura contemporânea instituiu idiossincrasias que se tornaram dogmas. A idéia de alta literatura é uma delas. A alta literatura seria somente aquela em que o autor busca uma economia de meios, evitando adjetivos e repetições e banindo as metáforas mais estapafúrdias, e em que haja uma discussão teórica implícita. A sisudez, o senso de medida e uma certa aridez emotiva parecem estar onipresentes. E aí temos a receita de boa parte do que se consome hoje nos prestigiados banquetes culturais. / Afastadas desse padrão, há inúmeras outras formas de literatura que não são reconhecidas²³¹.

Diante das inúmeras questões que nortearam o desenvolvimento do presente texto até esta passagem, cumpre-me expor ainda outras mais:

- a) Os estudantes conhecem Raymundo Moraes?
- b) Os professores conhecem Raymundo Moraes?
- c) As Instituição de Ensino Superior – IES proporcionam condições para que se estude Raymundo Moraes?
- d) Como está essa situação no momento presente?

Tais interrogações serão detalhadas no capítulo III, *Raymundo Moraes na planície do esquecimento*.

²²⁹ SCHWARZ, Roberto. *Nacional por Subtração*, p.29.

²³⁰ SCHWARZ, Roberto. Op. cit., p.48.

²³¹ SANCHES NETO, Miguel. *De Pizza e de Circo*, p.57.

Ainda que os meios de comunicação social tenham se multiplicado e haja maior divulgação da produção literária, em termos percentuais o quadro de apagamento da figura do escritor paraense pouco se alterou, embora, sem dúvida, haja mais que ontem consciência de que o paraense deve valorizar o que é seu, sua cultura, e insere aí a Literatura aqui produzida.

Faz-se necessário ir à gênese da questão.

Os portugueses vieram expulsar os franceses do Maranhão em 1615 e resolveram explorar e colonizar o Norte, fundando Belém do Grão Pará em 1616 para ser uma base na região que não pertencia oficialmente a Portugal, e se tornara a nova Andaluzia, pois era propriedade da Espanha pelo Tratado de Tordesilhas.

Em meados do século XVIII, houve uma intervenção política e cultural aqui, perpetrada pelo famoso Marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal, que enviou seu irmão Francisco Xavier de Mendonça para resolver a questão com a Espanha e marginalizou os nativos da região adotando reforma educacional baseada na cultura iluminista e introduzindo valores culturais europeus, dizimando a cultura nativa que se refugiou na floresta ampliando os preconceitos entre o povo da cidade e do interior, situação que até hoje perdura. Ou seja, o de fora sempre procurando impor sua cultura, seu valor, sua moda, seu modo, objetivando destruir o que é autóctone.

1.4 – COMO MUDAR ESSE QUADRO?

Estou certo de que o quadro de esquecimento em que a Literatura Paraense se encontra – e Raymundo Moraes é apenas um exemplo – não é um fato facilmente contornável. Entretanto, há medidas que poderiam ser implementadas no sentido de amenizar consideravelmente o problema, dentre as quais destaco as seguintes: política pública cultural efetiva, formação de leitor, propagação de bibliotecas, valorização do que é nosso num sentido geral, mais amplo que o literário aqui enfocado.

Outro fator determinante seria o estímulo ao estudo, sem preconceito, das obras de todos os autores e deixar que a seleção seja a mais natural possível, inclusive aquela feita pelo próprio tempo. Não canonizar e sim socializar. Nesse aspecto, vejamos o que pensa Leyla Perrone-Moisés:

Valorizar o cânone ocidental não é fechá-lo; é apenas não o esquecer nem censurar, sob o pretexto de que não gostamos de nossa história passada, logocêntrica, machista, colonialista, etc. Por outro lado, defender o cânone ocidental com unhas e dentes, barricadas e fossos, como fazem os conservadores, é uma empresa vã e perigosa. Querer dirigir e ou orientar a cultura de modo autoritário é sempre nocivo para a mesma. O cânone, como a cultura, segue seu caminho. O que podemos fazer é contribuir para que esse caminho não seja desprovido de memória e projeto²³².

A pensadora nos diz que o cânone “sempre esteve aberto a novas inclusões (assim como suporta exclusões); sabe-se que ele é sujeito às mudanças históricas, que é sempre provisório”²³³. E sem querer empurrar quem quer que seja de um lado ou de outro, para ingresso ou exclusão em algo que, sinceramente, não é essencial, mas se é próprio (o conceito de cânone) de nossa cultura, que Raymundo Moraes não amargue milênios para estar nessa cesta básica da Literatura autóctone. E se perquire: diante do que propõe Perrone-Moisés, como ficamos?

Ficamos quase na mesma situação, pois se verifica que não houve mudanças significativas. Não ampliamos as possibilidades, ainda que exista tecnologia própria para isso.

²³² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*, p.202.

²³³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit., p.197.

Houve pouco avanço no sentido de que essa Literatura aqui produzida não é tão conhecida em outros centros, salvo exceções, mas principalmente por ser desconhecida também no seu próprio berço. Nesse sentido, tomemos as palavras do Professor Bogéa: “nem os próprios paraenses conhecem sua história e seus autores”²³⁴.

Um dos fatores mais significativos para a instalação de um quadro destes é que não possuímos uma crítica isenta e bem estruturada, com o apoio institucional para se propagar. Mas o que nos diz a respeito disso um intelectual jornalística contemporâneo?

A crítica tem papel fundamental no crescimento de uma produção cultural, obviamente quando honesta, bem dirigida. Não falo da que é feita para satisfazer este ou aquele, ou ganhar alguns trocados ou, ainda, acertar em cheio desafetos. Eis o grande problema da crítica: muitas vezes em função do mito, alguns artistas são destruídos com a má atuação de um crítico²³⁵.

Outro aspecto que contribui para o não conhecimento de nossos autores é a falta de indicação de professores. Desse modo, resulta que muita vez o educador não adota o livro, não fala no autor, não valoriza, simplesmente devido ao fato de não tomar conhecimento de tal produção, o que é mais um efeito da falta de uma estruturação melhor no que diz respeito à produção e, principalmente, à avaliação e à distribuição da produção literária local.

A seguir apresento comentário do analista em que põe em discussão de que realmente não existe mais a crítica literária, pelo menos nos moldes das que existiam, e afirma que há um consenso, entre os literatos, de que a crítica literária acabou, enquanto juízo criterioso e autônomo de uma pessoa bem formada e isenta. Foi substituída pela resenha publicitária, em que se pré-determina se um livro vai ser elogiado ou condenado, conforme as conveniências dos grupos de poder, na área editorial e jornalística²³⁶.

Segue o ponto de vista de que talvez a crítica sem isenção não acabou, porque também jamais existiu. Havia, com exceções discurso de reforço de comentário de crítica aparente do discurso da ficção procedida conforme a perspectiva “e os interesses da oligarquia mais ou menos esclarecida”²³⁷, não havendo passado de glórias a lamentar em razão de um péssimo que é imposto como se fosse presenteado. E fecha:

²³⁴ BOGÉA, José Arthur. *Literatura amazônica é uma ilustre desconhecida no Brasil*, p.9.

²³⁵ LEAL, Cláudio de LaRocque. *Entre a crítica e o árduo trabalho de fomento à arte*, p.6-7.

²³⁶ KOTHE, Fávio René. *Pólemos e o Belo: o sistema canônico brasileiro*, p.82.

²³⁷ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.83.

A crítica literária é algo ainda a ser construído, num país sem sólida tradição iluminista [...] A crítica não foi apenas substituída pela resenha publicitária, feita de acordo com as diretrizes de grandes casas editoriais: enquanto juiz autônomo e competente ela sempre foi antes uma esperança que um fato. Nem o passado foi tão bom ou tão mau quanto se quer acreditar, nem os jornais e as editoras são apenas instâncias repressivas ou permissivas do talento. Todo autor tende a achar que é um gênio, a ser recomendado pela imprensa [...] Os jornalistas de carteirinha fizeram do jornal, por lei, uma reserva de mercado, passando a invadir o território de outras profissões, como o economista e o crítico de arte²³⁸.

Kothe comenta que, inobstante a oligarquia afirmar o inverso, “a tradição brasileira é sobretudo autoritária, prepotente, intolerante, incapaz de debater e aceitar diferenças. Não é de admirar que isso se reproduza na literatura”²³⁹.

E essa acriticia maior ainda, aqui debaixo do Equador, é pela desvalorização do nosso texto, digamos assim? Então, por preconceito em razão do lugar, de estar no Norte do Brasil, onde não há tantas editoras, onde o povo é predominantemente pobre (embora a região seja a mais rica do Brasil em recursos naturais), onde são poucos leitores, bibliotecas, livrarias – a mistura, o hibridismo que faz surgir o mestiço (e há uma gama deles no Brasil, basta olharmos uns aos outros); por um pequeno valor econômico de uma região que conta pouco no campo político, financeiro, pelas enormes diferenças sociais, por costumes, por uma série de fatores, parece haver um certo olhar de descrença literária.

Essa questão das possibilidades econômicas e político-sociais faz lembrar Luis Augusto Fischer, que, na introdução e notas ao livro de Simões Lopes Neto – *Contos Gauchescos* –, nos diz que o maior mérito do autor ainda não foi reconhecido pelo Brasil de maneira suficiente e escreve que talvez isso se deva à dificuldade de entender a complexa equação do regionalismo na Literatura e até adverte que não vale a pena reconstituir aqui todo o tortuoso debate a respeito do assunto²⁴⁰ e, seguro, avisa:

Tomemos a questão pelo seu centro efetivo: toda a discussão em torno do regionalismo é, em última instância, subordinada ao poder político e econômico, ou,

²³⁸ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.83.

²³⁹ KOTHE, Fávio René. Op. cit., p.111.

²⁴⁰ Concordo com ele como fica fácil perceber essa tomada de posição, quando, no tópico em que me detive neste assunto, pergunto: existe Literatura Paraense? E sublinhei que deixaria apenas evidenciar a dialética entre Paulo Nunes, Edílson Pantoja, José Arthur Bogéa e Benedito Nunes.

para usar um termo reposto em circulação recentemente e ficar em terreno mais ameno, ao cânone literário²⁴¹.

E o que seria regionalismo? Fischer responde: “No Brasil, regionalismo é tudo o que diz respeito às regiões não centrais do país, e/ou ao ambiente rural...”²⁴². Explica que a partir da Independência do Brasil, ou seja, desde 1830, “até hoje”, a idéia do regionalismo segue na mesma monótona batida: “aquilo que representa os interesses diretos da organização ideológica da identidade vista a partir do centro é abençoado como ‘nacional’, às vezes como ‘universal’”²⁴³.

E para não deixar passar despercebido, Fischer registra que “o conceito (e o preconceito) em torno do regionalismo ainda vive(m)”²⁴⁴.

De um modo geral, a região Norte é vista como sendo diferente, parecendo ótica distorcida. O que temos na prática? Nenhum artista, dedicando-se exclusivamente ao labor na arte literária, conseguiu aceitação e reconhecimento.

Um bom exemplo de demonstrar isso é fazer a identificação do escritor²⁴⁵ com seu Estado, local de nascimento ou “pertencimento”, como sugere Hall²⁴⁶. Assim, há casos em que, quando se fala em um nome, logo vem o adjetivo pátrio a que pertence, quase automaticamente. Vejamos alguns nomes que creio se encaixam em tal perfil:

- José de Alencar – Ceará
- Jorge Amado – Bahia
- Manoel Bandeira - Pernambuco
- Érico Veríssimo – Rio Grande do Sul
- Gonçalves Dias – Maranhão
- Machado de Assis – Rio de Janeiro
- Mário de Andrade – São Paulo
- Guimarães Rosa – Minas Gerais
- Carlos Drummond de Andrade – Minas Gerais
- José Lins do Rego – Paraíba

²⁴¹ FISCHER, Luis Augusto. *Uma edição nova e inovadora*, p.11.

²⁴² FISCHER, Luis Augusto. Op. cit., p.11.

²⁴³ FISCHER, Luis Augusto. Op. cit., p.11.

²⁴⁴ FISCHER, Luis Augusto. Op. cit., p.12.

²⁴⁵ É certo que, atualmente, há uma tendência em se ligar os nomes dos escritores Márcio Souza e Milton Hatoum (Amazonas), Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir (Pará).

²⁴⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*, p.76.

- Graciliano Ramos – Alagoas

E no Pará? José Veríssimo? Inglês de Sousa? Dalcídio Jurandir? No Amazonas? Mário Ypiranga Monteiro? Márcio Souza? Milton Hatoum? E no Amapá, no Acre?...

Infelizmente, aqui na região Norte e sublinhadamente no Pará, não é automaticamente que se liga o nome do escritor ao seu Estado de origem. Até parece, ante o que tem sido dito, que a imprensa, as editoras, as livrarias situadas no sul e sudeste do Brasil não se interessam pela produção literária e cultural produzida aqui. Como proceder? Valorizar o que é nosso; as IES (algumas) passarem a usar a produção cultural autóctone. A diversidade pode gerar qualidade.

Como acreditar na seriedade das IES, na honestidade, em critérios de justiça, em paridade de oportunidade, se nem conhecimento têm de um escritor paraense – Raymundo Moraes – que publicou 17 obras, que teve visibilidade intelectual, jornalística, política, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, teve como leitor presidentes da república inclusive do porte de Getúlio Vargas, que teve inúmeras edições da mesma obra e com tiragem surpreendente para a época, pode ser desconhecido, sobretudo, na academia?

Se fosse um desconhecido, que não teve sorte de ser editado, mesmo assim seria imperdoável, muito mais quando este escritor – Raymundo Moraes – teve atuação política, inclusive?

O que faz grande parte da academia nesse sentido? Ignora e anda? Mantém seu “cânone” inacessível? – salve as exceções!!! Uma das possibilidades de divulgação da obra de escritores locais (no sentido geográfico da expressão) é a sua eleição para leitura obrigatória do PSS – Processo Seletivo Seriado, o antigo “vestibular”. Porém, há que se destacar, sem demérito para os ungidos, a pouca variedade de nomes indicados.

Como pode – como é o caso de Raymundo Moraes – voltar ao limbo quem já esteve no Paraíso? Por que voltou ao limbo? Em razão de quê? Moraes é apenas um caso ilustrativo.

Nesse sentido, para o que apontam os Cursos de Mestrado? Veja-se o rol das dissertações. Quais foram os escritores, na variedade do existente (refiro-me aqui aos que não são os mesmos do cânone privilegiado usual), que surgiram como objeto de estudo, de análise?

Nessa perspectiva, qual o sentido, a razão dos trabalhos? Eles na verdade têm uma função? Ficam apenas nas bibliotecas para a consulta esporádica de poucos? Onde está o

impacto desses trabalhos? Como a sociedade toma ciência dessas produções, como fiscaliza, como vê retratados seu crescimento e sua sapiência por meio dessas produções que seriam demandadas da imanência dela mesma para sua fruição ou necessidade?

Ao fim e ao cabo, umas das funções dos Cursos de Mestrado seria justamente dar fomento ao desenvolvimento local e regional, para implementar pesquisa, para ser eco e, muita vez, ouvidoria da sociedade e dela fazer também análise e retornar. Isso é feito? É procedido? Ficam as interrogações!!!

Um das formas de execução dessa função primordial seria a partir da implementação de políticas de melhor avaliação da produção aqui efetivada, bem como do acesso a toda a produção para que a própria sociedade – esta sim, com legitimidade – elege-se seu cânone, especialmente por meio da disponibilização de trabalhos de pesquisa acerca das obras. Estou certo de que teremos nova maneira de fazer estudos (talvez novas tendências de estudos culturais, o comparar, a diminuição da noção de espaço-fronteira para se chegar a outro tipo de cânone, se é que haverá necessidade, ou fará sentido a consecução de algo similar) com novas ferramentas que suplantem a teoria e a crítica literárias, surgindo Cursos de Mestrado mais próximos e que promovam as condições das mudanças de um novo tempo com novos modos teóricos nessa mutação célere do corpo social, um novo jeito de ser Universidade como caixa de ressonância de uma sociedade que se manifesta porque preparada pela própria Universidade para isso, e, na verdade, aí entendo, está todo o mérito de uma Instituição de Ensino Superior. E, falando a linguagem popular para entendimento rápido e fácil, sem ser simplória e superficial, da episteme amealhada e que deve retornar à sociedade, esta finalmente se libertaria e construiria novas formas para a mudança necessária à melhor vivência do ser humano.

CAPÍTULO II

A LITERATURA E O JOGO DAS IDENTIDADES

CULTURAIS: O UNIVERSAL E O LOCAL

2.1 – AS POSSIBILIDADES DE UM PLANO DE VIAGEM: ENTRE A AVENTURA LITERÁRIA E O DIALETO ACADÊMICO

Creio na possibilidade de tentar elaborar o melhor trabalho que me é possível e estou consciente de meus limites. Se terminarei, é incerto, e quero ter a possibilidade de errar e abrir os caminhos do conhecimento que também vem do erro – o direito ao erro, para mim, é o direito de escrever conforme as minhas convicções que não abrem mão da tolerância por ter respeito às diferenças. Sei que estou diante de uma fascinante aventura literária limitada pelo dialeto acadêmico que não me deixa livre, perturbando meu vôo, desnecessariamente, impondo-me um plano de viagem que espero tornar agradável. Procurei usar sempre de bom senso e me recordo das observações de Descartes, no início de *Discurso do Método*: O bom senso é coisa do mundo mais bem distribuída, porquanto cada um acredita estar tão bem provido dele que, mesmo aqueles que são os mais difíceis de contentar em qualquer coisa, não costumam desejar tê-lo mais do que já o têm:

Não é provável que todos se enganem a esse respeito. Ao contrário, isso prova antes que o poder de julgar e distinguir bem o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens. Desse modo, a diversidade de nossas opiniões não se origina do fato de que alguns são mais racionais que outros, mas somente pelo fato de dirigirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas²⁴⁷.

Desse modo, creio mais ainda que estarei razoável ao seqüenciar este empreendimento de cunho epistemológico que tem a pretensão de tentar fazer uma mostra, ainda que pequena, simples, leve, superficial, de quem foi ou de quem é hoje Raymundo Moraes, de relembrar o homem, o escritor, o político, um multiprofissional, autor de uma considerável obra literária, dissertação esta que escrevo na língua brasileira, paraense, com sotaque amazônico e também aqui passo a me valer do que disse Descartes no final de seu trabalho:

Se escrevo em francês, que é a língua de meu país, e não em latim, que é a de meus mestres, é porque espero que aqueles que se servem somente de sua razão natural totalmente pura julgarão melhor minhas opiniões do que aqueles que não acreditam senão nos livros antigos²⁴⁸.

²⁴⁷ DESCARTES, René. *Discurso do Método*, p.13.

²⁴⁸ DESCARTES, René. Op. cit., p.76.

E prossegue: “Quanto aos que unem o bom senso ao estudo, os únicos que desejo como meus juizes, tenho certeza de que não serão de forma alguma tão parciais em favor do latim que recusem ouvir minhas razões porque as explico em língua popular”²⁴⁹.

E como explico também em língua popular, logo devidamente identificado como velho e sou, passemos à questão da identificação. De acordo com Antonio Carlos Secchin,

parece que apenas poetas cariocas e paulistas não precisam de gentílico. Difícil ler “o poeta carioca Vinicius de Moraes” ou “o paulista Oswald de Andrade”. Mas lemos a toda hora “o pernambucano João Cabral”. Infelizmente, apenas os do Rio e de São Paulo estão dispensados de exhibir a carteira de identidade²⁵⁰.

Em sua argumentação, Secchin aponta a resistência da crítica em absorver a distintos sotaques:

Todo escritor alheio a esses territórios será estadual. Nos melhores casos, alcança ressonância nacional, em que estarão – ou não – valorizados os traços de origem, de poeta regional. Assim os estaduais João Cabral e Manoel de Barros se alçaram ao nacional por meio do elevado e consistente teor de regional que impregna suas obras. O estadual Leminski chegou ao nacional com dosagem infinitamente menor do regional²⁵¹.

Num processo de mutação que se denomina globalização, a questão da identidade cultural nas sociedades modernas – “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”²⁵² – é fruto da desagregação e deslocamento do sujeito moderno e, por isso, não seria próprio falar-se de “identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”²⁵³ (grifo do autor).

Podemos então falar de identidade cultural do paraense num processo em construção e seria a identidade social e não individual. É possível denominar-se então cultura amazônica aquilo que é também paraense, nesta, constante sua Literatura.

Nessa mutação, segundo Hall, a “língua é um sistema social e não um sistema individual”²⁵⁴. Desaparecendo a língua, somem o indivíduo e a sociedade.

²⁴⁹ DESCARTES, René. Op. cit., p.76.

²⁵⁰ Apud CARPINEJAR, Fabrício. *Mário Quintana, um par de sapatos para a posteridade*, p.51.

²⁵¹ Apud CARPINEJAR, Fabrício. Op. cit., p.51.

²⁵² HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*, p.14.

²⁵³ HALL, Stuart. Op. cit., p.39.

²⁵⁴ HALL, Stuart. Op. cit., p.40.

Para que isso não venha a ocorrer, estamos avidamente interessados em valorizar o que é nosso, como forma de subsistência enquanto povo, sociedade, e vamos defender a Literatura feita pelos autores locais, ainda que considerando ou tendo ciência e consciência da pós-modernidade global e de que a cultura nacional é feita da junção das locais e, assim, a global se realiza.

Mas, o questionamento vem: e meu sentido de pertencimento? Pertencer, entendo, é estar ligado a alguma coisa – nação, língua, costume, religião, tradição, sentimento de lugar. Como é esse procedimento para o homem da Amazônia? É expresso através do telurismo? ou de uma mistura, poção que certamente é uma compreensão que se estuda porque, embora sensitiva pela imanência, precisa dessa compreensão de diferenças do outro para que haja uma razoável conexão nessa mixórdia em que as relações globais se tornaram e uma alternativa é encaminhar pelo viés que propõe Hall : “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”²⁵⁵. E aqui neste país de Raymundo Moraes chamado Pará, como isso se dá? Hall comenta:

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo do poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade²⁵⁶.

E completa: “as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar”²⁵⁷. Para assegurar: “a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do ‘global’ nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do ‘local’”²⁵⁸.

Isso nos leva a deduzir que há outra possibilidade, e esta sim estaria mais próxima do hibridismo. Contudo, vamos continuar insistindo no “local” como dialética, e por isso, segue nossa idéia da valorização do local para no futuro, contrapor e tirar as conclusões.

Valendo-me da referência que Santiago faz a Montaigne, no tocante ao contraponto entre o grego e o bárbaro, especificamente no confronto militar entre o rei Pirro e o exército romano, quando o monarca observou no “outro” configuração bélica similar à sua, posso

²⁵⁵ HALL, Stuart. Op. cit., p.62.

²⁵⁶ HALL, Stuart. Op. cit., p.65.

²⁵⁷ HALL, Stuart. Op. cit., p.69.

²⁵⁸ HALL, Stuart. Op. cit., p.97.

questionar sobre o lugar que ocupa o discurso literário paraense em confronto com as demais regiões brasileiras: “a metáfora em Montaigne guarda em essência a marca do conflito eterno entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado, entre Grécia e Roma, entre Roma e suas províncias, entre a Europa e o Novo Mundo etc.”²⁵⁹; poderíamos também parodiar, escrevendo: norte, sul; entre Belém e Rio de Janeiro; São Paulo e Belém, o mesmo preconceito entre civilizados e bárbaros, entre brasileiros e índios etc.

E de repente se descobre que aqui na Amazônia, em Belém do Pará, há vida inteligente, há escritores, existe quem produza textos em prosa, como é o caso de Raymundo Moraes que deixou 17 livros.

Então o preconceito sobre os romanos disseminados pelos gregos constata que há um exército bem organizado “e que nada fica a dever ao dos povos civilizados”²⁶⁰.

Constatam os gregos que o outro também cultiva organização, tem noção e pode fazer até melhor, e diz Santiago “que a admiração do rei Pirro revela um compromisso inabalável com o julgamento de qualidade que ele inaugura. Apesar das diferenças econômicas e sociais, os dois exércitos se apresentam em equilíbrio no campo das batalhas”²⁶¹.

O que o velho mundo produz é original, o que o novo faz é cópia, porque qualquer outro, que não eu, civilizado, é “bárbaro”, inobstante o velho mundo deseje que a minha cópia seja cada vez mais semelhante ao original, porém este original, a civilização européia apagou quando aqui exerceu seu domínio e fez apagar a língua nativa que poderia gerar o seu original.

Há de predominar o “original” imposto, contudo, Santiago nos mostra que há misturas porque os códigos lingüístico e religioso perdem sua pureza e se “deixam enriquecer por novas aquisições, por miúdas metamorfoses por estranhas corrupções [...] O elemento híbrido reina”²⁶². E leciona:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida em que o trabalho de contaminação dos latino-

²⁵⁹ SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*, p.10.

²⁶⁰ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.10.

²⁶¹ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.10.

²⁶² SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.10.

americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma²⁶³.

Santiago constata que, para que nossa produção não seja tida como mera cópia, é preciso deixar que haja a invasão estrangeira e que, sem essa cínica contribuição, nosso produto continuaria mera cópia e por isso mesmo a reação deve ser de falsa obediência e que falar e também escrever deve ser o escrever contra e falar contra, e pergunta:

— qual seria o papel do intelectual hoje em face das relações entre duas nações que participam de uma mesma cultura [...] mas na situação em que uma mantém o poder econômico sobre a outra? / [...] — qual seria a atitude do artista de um país em evidente inferioridade econômica com relação à cultura ocidental, à cultura da metrópole e finalmente à cultura do seu próprio país? [...] / Nossas obras seriam denominadas de parasitas porque respaldadas nas teorias advindas de fora o que nos daria apenas o status de artistas súditos porque apenas se nutrem e não acrescentam nada próprio, autóctone e seria precária porque aprisionada pelo brilho e prestígio da fonte que se torna estrela intangível que sem deixar-se contaminar, contamina [...] / Brilha para os artistas dos países da América latina, quando estes dependem de sua luz para o seu trabalho de expressão. Ela ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos²⁶⁴.

A afirmativa é de Santiago: “O escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a festa, colônia de férias para turismo cultural”; e arremata:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a *obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão*, – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana²⁶⁵. (grifo meu).

“A expressão literária surge e se desenvolve, na América latina, marcada por um veto: o veto ao ficcional” – eis uma afirmativa de Luiz Costa Lima²⁶⁶, que acrescenta: “na América Latina, à condenação ao ficcional correspondia a oferta ao escritor de um lastro de salvação: o lastro do documental [...] que se entende por ficcional, que se toma por documental?”²⁶⁷.

Seguramente não havia essa consciência em Raymundo Moraes, que objetivava mais a

²⁶³ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.16.

²⁶⁴ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.20.

²⁶⁵ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.26.

²⁶⁶ LIMA, Luís Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*, p.187.

²⁶⁷ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.187.

mostra da potência de sua região, preocupado em fazê-la conhecida, valorizada e tentando defendê-la da cobiça nacional e internacional, desejando que a população amazônica usufruísse desses bens e tivesse desenvolvimento econômico, social, graças às imensas riquezas de solo e subsolo.

Ainda que não houvesse essa preocupação com o documental da forma como nos expõe Costa Lima, o escritor Leandro Tocantins constata, na *Introdução* que fez à obra *Na Planície Amazônica*, de Raymundo Moraes, que:

sua prosa tem algo de científico no modo de ser experimentalista, pesquisador e observador, e muito de literário na sua expressão verbal [...] daí as páginas de suas obras revelarem aspectos geográficos, históricos, sociológicos, etnográficos, antropológicos, essenciais à compreensão da Amazônia. Por isso mesmo, ele, autodidata, foi investigar nos cientistas, nos analistas²⁶⁸.

É interessante que se mostre algumas das obras nas quais o autor d'*O Aluvião* foi abeberar-se de conhecimento científico ou formal dos livros, para escrever sua ficção, e quem nos auxilia nessa tarefa é a Professora Célia Bassalo²⁶⁹, que selecionou alguns títulos que contribuíram para o enriquecimento da cultura do autor, aguçado pela especialização amazônica. Diz Bassalo na *Apresentação* que fez para *Os Igaraúnas*:

Para escrever os livros que se referem à Região Amazônica, Raimundo Moraes (sic) fundamentou-se em trabalhos científicos, como por exemplo: / Geologia do estado do Pará, de Friedrich Katzer; Rios e águas correntes, de Carvalho de Mendonça, Estados Unidos do Brasil, de Elisée Reclus, Geologia Elementar, de John C. Branner; Viagens de Américo Vespuccio, de Navarrete, Fitogeografia do Brasil, de A. J. Sampaio, Etnografia do Brasil, de Paul, Estudos Arqueológicos e Etnográficos, de Carlos Cuervos Marques, Origem do Índio, de Gregório Garcia, O Muirakitã e Velósia, ambos de Barbosa Rodrigues, O Selvagem, de Couto de Magalhães, A Pesca na Amazônia, de José Veríssimo, O Descobrimento da América, de Humboldt²⁷⁰.

Baseado nesses trabalhos, comenta Bassalo, o autor discorre sobre a situação geográfica do rio Amazonas, com seus furos, canais, paranás, igapós, pântanos e outros acidentes, o encontro das águas deste com o Negro, a canoa como um importante e quase único meio de transporte do caboclo, a arqueologia, mitos e lendas, usos e costumes.

Eis o que o escritor Leandro Tocantins tem a nos dizer sobre esse assunto:

²⁶⁸ TOCANTINS, Leandro. *Um Escritor Nativista*, p.13.

²⁶⁹ Professora aposentada de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará.

²⁷⁰ BASSALO, Célia. *Apresentação*, p.7-8.

De minha parte, posso acrescentar a leitura dos Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi, das obras de Henry Walter Bates, de Alfred Russel Wallace, de Euclides da Cunha, de Louis Agassiz (escreveu um volume: À margem do livro de Agassiz), de Capistrano de Abreu, de Spix e Martius, de Henri Coudreau, de La Condamine, de Alcide D'Orbigny, do Príncipe Adalberto da Prússia, de Jacques Huber; do Barão de Santa Ana Néri, de Vicente Chermont de Miranda, de Torquato Tapajós, de Inglês de Sousa, de Artur Viana, de Orville Derby, de José Veríssimo, entre muitos outros. Uma bibliografia amazônica representativa da mais alta expressão intelectual²⁷¹.

Depois dessa comprovação de leitor e pesquisador que foi Raymundo Moraes, retomemos ao que se analisava linhas atrás e que, segundo Costa Lima, o veto ao controle do imaginário se origina na Europa e se espalha pelo Novo Mundo, onde se inclui o Brasil e aqui começa no século XIX, a partir das análises e reflexões sobre o papel do escritor e da Literatura, um controle que visa a existência do “cânone documental na prática literária brasileira”²⁷².

Para tanto, vamos encontrar o teatro mental que Costa Lima destaca em Paul Valéry na mostra de fundo e forma, ornamento e arabesco: “O arabesco valeryano afirma uma recusa e insinua uma resposta que nos importa diretamente. Recusa-se, quanto ao texto literário, seu caráter de documento, o ser prova de alguma verdade”²⁷³. Na verdade, temos o caráter não documental da Literatura, condição de que a Literatura não se despoja automaticamente da qualidade de documento e completa: “A documentalidade incorporada a tudo que o homem toca é de variação infinita”²⁷⁴.

Os exemplos borbulham como em Balzac, demonstra Costa Lima sobre as provas tipográficas que atestam uma vontade de estilo, e o exame das correções de Pound sobre o original datilografado documenta não ter sido das menores sua influência sobre Eliot, e nesse sentido, fica claro que falar do inevitável no documento que o olhar do homem percebe, vê, atinge, de certa maneira, procede porque tudo, na verdade, documenta sempre algo desconhecido, pois, de acordo com Costa Lima, “o que faço documenta algo desconhecido e inesperado. O que faço documenta não só o que sei, mas também o que desconheço”²⁷⁵.

E demonstrando melhor a questão do teatro mental, diz Costa Lima, que ele é uma

²⁷¹ TOCANTINS, Leandro. Op. cit, p.14.

²⁷² LIMA, Luís Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*, p.190.

²⁷³ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.191-192.

²⁷⁴ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.192.

²⁷⁵ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.193.

“metáfora iluminadora do discurso ficcional”²⁷⁶. E vale lembrar que o ficcional põe em jogo, em movimento, as palavras.

Um e outro denotam a manipulação de antigos e novos na chamada indústria cultural, que indica o que é literário e que um produto escrito divulgando e documentando a miséria, opressão, sofrimentos, só seria digno se fosse literário ou só teria valor se assim fosse denominado: “A literatura é apenas um entre os vários discursos de cuja rede depende a história cultural de um povo”²⁷⁷.

Se a Literatura – comenta Costa Lima – é uma construção ideológica, o documento é um mito e, por conseguinte, não é algo que por si testemunha a veracidade do que atesta.

E na discussão do que seja documento e ficção, literatura e teatro mental, aquilo que poderia se confundir com discurso ficcional,

há por certo um critério de verdade no discurso ficcional. Porém sua verdade não é nem de ordem geral (filosófica ou científica) nem de ordem pragmática. Como diz Collingwood, a arte oferece o conhecimento de “uma situação individual” [...] A produção poderá aos poucos interpretar aquilo de que a refração é “documento”. Mas temos de escrever as palavras entre aspas, porque a ficção não documenta se não estamos em uma área discursiva onde se admite a movência do sujeito²⁷⁸.

E conclui raciocinando que seria pretensão querer antever todas as conseqüências do que escreve na sua análise, mas garante que disso tudo não se deduz que o discurso ficcional esteja preso em si mesmo e que por isso seja estranho ao mundo de onde teria ficado alheio e sabe dizer, inferindo que o discurso ficcional não se atém ao tema de única cena, a que “simplística e dogmaticamente chamamos de ‘realidade’. Toda vez que se lhe exige isso, ele se torna apenas ilustração do que decretamos ser o mundo”²⁷⁹.

E ainda que *dependente, universal*, vem nos dizer Silviano Santiago ao mostrar que o Novo Mundo “serviu de palco para onde deslocar o beco-sem-saída das guerras santas que se desenrolavam na Europa, introjetando aqui um padrão cultural da colonização em que o ‘desconhecido’ se torna o ‘conhecido’”²⁸⁰.

Assim, a civilização, além de desalojar o nativo (o índio) de sua cultura, converte-o para que se revolte contra o que é seu e por último retira-lhe sua terra, e assim se fazia a

²⁷⁶ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.195.

²⁷⁷ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.219.

²⁷⁸ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.238-239.

²⁷⁹ LIMA, Luís Costa. Op. cit., p.239.

²⁸⁰ SANTIAGO, Silviano. *Apesar de dependente, universal*, p.13-14.

colonização, transportando para a mente indígena valores e culturas que não as suas, para que memorize uma ficção alienígena. Seremos amigos, desde que você me obedeça. Então, enquanto isso me der lucro, vale a empresa. Ontem como hoje, imutável.

Somos explicados e destruídos; somos constituídos, mas já não somos explicados, conforme nos assegura Santiago:

ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos – eis o falso dilema para o intelectual brasileiro, que gera, na sua simplificação, todas as formas do discurso autoritário entre nós, tanto o populista, quanto o integralista. É preciso buscar a “explicação” da “nossa constituição” (vale dizer da nossa inteligência) através de um entre-lugar²⁸¹.

Santiago, então, sublinha: Antonio Cândido desde as primeiras páginas alerta o leitor da *Formação da Literatura Brasileira*: “comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime”²⁸². Santiago é categórico: “o objeto livro de ficção circula de maneira limitada, deficitária e claudicante numa média de 3 mil exemplares (cada edição) num país de 110 milhões de habitantes²⁸³, segundo as últimas estatísticas”²⁸⁴.

Santiago avisa que sua meditação é no sentido demonstrativo do que tem nutrido de conhecimento a população brasileira através do “objeto livro de ficção”. Pela ausência de xenofobia do leitor, o romance de fora tem mercado aqui, em detrimento do aqui produzido, e por isso nossa produção ainda não conseguiu sucesso internacional.

Santiago demonstra então que, por circular em edições máximas de 3 mil exemplares, o livro sai caro e se torna artigo de luxo, sendo “difícil” de ser encontrado e, justamente por isso, “impróprio para circular num país de analfabetos”, e é objeto marginalizado numa nação onde tudo “é feito para incrementar os meios de comunicação de massa e nada para incentivar a rede bibliotecária” e censurado quando deseja ir mais além²⁸⁵. Comenta Santiago que o ficcionista não escolhe seus possíveis leitores e por isso teríamos público leitor de ficção muito reduzidos até em razão de que o livro é um objeto do desejo de classes em nosso país e uma vez que entra na biblioteca particular e individual é um sinal certo de *status* social. Nessa configuração, o autor de ficção se dirige a uma determinada e sempre mesma classe,

²⁸¹ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.17-18.

²⁸² SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.20.

²⁸³ Em 2006, conforme as estatísticas, o Brasil tem 200 milhões de habitantes. O Pará contribui com 10% dessa população, e a média da tiragem dos livros de ficção em Belém é de 1 mil exemplares.

²⁸⁴ SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: a ficção brasileira modernista*, p.25.

²⁸⁵ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.26.

“esperando dela o seu aplauso e a sua glorificação mais profunda que é dada pela leitura”²⁸⁶.

Lição direta é assim demonstrada:

Não podendo ser profissional numa sociedade em que a sua mercadoria não circula e não é rentável, em que tampouco pode crer em dispositivos estatais ou empresariais que o amparem economicamente e em que o produto estrangeiro e concorrente é adquirido com mais constância²⁸⁷.

Santiago vai mostrar que o discurso ficcional,

antes de refletir sobre os problemas do país, da nação ou da região em perspectivas diferentes e complementares, em visões até mesmo antagônicas, antes de refletir sobre as aspirações multifacetadas e contraditórias da população em geral, o discurso ficcional é a réplica – no duplo sentido: cópia e contestação – do discurso de uma classe dominante, que quer se enxergar melhor nos seus acertos e desacertos, que quer se conhecer a si mesma melhor, saber por onde anda e por onde anda o país que governa ou governava²⁸⁸.

O romance brasileiro, diz Santiago, “não pode impedir sua vertente elitista ou mais cinicamente: esse seu engajamento com o espelho retrovisor num carro que avança blindado e calhambeque por estrada asfaltada, cuja sinalização obviamente é pouco democrática”²⁸⁹.

Santiago²⁹⁰ fala ainda de um dilema frustrante que é a tentativa de uma escrita ficcional populista. O que, para uns, poderia ser uma sublitteratura pelo fato de ser popular, ser originada no meio popular, seria uma espécie de tradução, talvez o que não existiu e por isso não pode ser. O “contar direito não pertence ao dominado”²⁹¹, tem que ser o contar “corrigido”.

Nesse sentido, se assim procedesse – o contar “corrigido” –, possivelmente Raymundo Moraes teria ficado *ad aeternum*, não apenas na Literatura Paraense, mas na Brasileira, e quem sabe teria feito vôos mais altos? Ora, tão importante quanto constatar este entrecruzamento da narrativa erudita com a narrativa popular ou mítica seria dizer que, em ambos os casos, trata-se da busca de um discurso que seria exemplar da cultura brasileira, em

²⁸⁶ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.28

²⁸⁷ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.28.

²⁸⁸ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.28.

²⁸⁹ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.28.

²⁹⁰ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.29.

²⁹¹ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.35.

toda sua extensão e com todas as ambigüidades²⁹². Seria diferente? Como o autor pode, vamos dizer assim, driblar a situação? Vejamos uma possível saída:

É neste entrecruzar de discurso, já que é impossível apagar o discurso europeu e não é possível esquecer mais o discurso popular, é neste entrecruzar de discursos que se impõe o silêncio do narrador-intelectual e que se abre a batalha da paródia e do escárnio, é aí que se faz ouvir o conflito entre o discurso do dominador e do dominado. É neste pouco pacífico entrelugar que o intelectual brasileiro encontra hoje o solo vulcânico onde desrecalcar todos os valores que foram destruídos pela cultura dos conquistadores. E aí que se constitui o texto-da-diferença, da diferença que fala das possibilidades (ainda) limitadíssimas de uma cultura popular preencher o lugar ocupado pela cultura erudita, apresentando-se finalmente como a legítima expressão brasileira. É ainda neste entrelugar que o romancista vê no espelho, não a sua imagem refletida, mas a de um antropólogo. Um antropólogo que não precisa deixar o seu próprio país. E como tal, o romancista vive a mesma ambigüidade e a mesma condição desse cientista social²⁹³.

Mas Santiago fala da inversão das realidades sociais e fecha num lamento que realmente entristece no sentido de que é restritiva uma edição pequena. Ainda que um autor do porte de Moraes, em sucessivas edições, tenha chegado a quase 20 mil exemplares, por exemplo, do livro *Na Planície Amazônica*, é pouco demais:

É aí que o bisturi literário, mais impiedoso e menos comprometido com as instituições burguesas (tanto a universidade quanto os centros de pesquisa), mais anárquico e bandido, mais marginal enfim, pode cortar com rigor e vigor as carnes esclerosadas da classe dominante brasileira. Pena que o conhecimento praticado por essa cirurgia fique restrito a uma edição de 3 mil exemplares num país de 110 milhões de habitantes. Que eficiência pode ter?²⁹⁴.

Como repartir as descobertas, com quem dividir? Gramsci nos mostra que temos um pertencimento, pela própria concepção do mundo, a algum grupo onde os elementos sociais compartilham *similium modum* de pensar e agir e assim justifica:

E se é verdade que toda linguagem contém os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar da maior ou menor complexidade da sua concepção do mundo. E por isso, criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas

²⁹² SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.38.

²⁹³ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.39.

²⁹⁴ SANTIAGO, Silviano. Op. cit., p.40.

“originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, socializá-las²⁹⁵.

E Gramsci diz que é

necessário distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura e ideologias arbitrárias, racionalistas, “desejadas”. Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam²⁹⁶.

Canclini²⁹⁷ vem nos falar de texto fora do cânone ou um movimento²⁹⁸ de resistência marginal. E os estudos culturais por si sós seriam também entendidos preconceituosamente como fora do cânone ou um movimento de resistência marginal como algumas linhas poéticas contemporâneas, mesmo com mais de vinte anos de investigação epistemológica que vêm contribuindo para ajudar a pensar de outro modo os vínculos dos textos literários com a cultura e a sociedade?

E é pela polêmica da sociedade sobre o assunto, que se vê as políticas culturais, inobstante o predomínio da tradição e as contradições entre o local, o nacional e o global, em cuja revisão teórica é definir o objeto da identidade e heterogeneidade e a hibridação multicultural, e se pode questionar de onde falam os estudos culturais? Canclini demonstra que depende dos lugares de enunciação, o desigual nos feitios de conceber a multiculturalidade, alertando que é bom “deslocar-se entre as interseções, nas zonas onde as narrativas se opõem e se cruzam”²⁹⁹.

Em se comparando com o ponto de vista de Konder, vamos encontrar uma premissa de que é no campo da linguagem que quem observa os fenômenos ideológicos encontra um manancial, porque é exatamente na linguagem que os valores ideológicos constantes demonstram suas pretensões ao universal, ao global e, certamente, suas limitações

²⁹⁵ GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história: introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico*, p.13.

²⁹⁶ GRAMSCI, Antonio. Op. cit., p.62-63.

²⁹⁷ CANCLINI, Nestor Garcia. *O mal estar nos estudos culturais*, p. 1

²⁹⁸ Na página 127 e seguintes deste trabalho tecemos mais comentários sobre a questão da resistência marginal, o que vem da periferia.

²⁹⁹ CANCLINI, Nestor Garcia. Op. cit., p.13.

particulares. Nesse sentido, Konder completa: “É na linguagem que se revelam os movimentos da busca do conhecimento, das aspirações generosas, mas também os movimentos dos medos, dos desejos subterrâneos, dos preconceitos, das ambigüidades”³⁰⁰. Agregando todos os conceitos e preconceitos, Konder, por tudo isso, emite um juízo: “o povo sempre foi olhado com desprezo e receio pelos de cima”³⁰¹.

Diante disso, é importante se referir a um privilegiado observador, o mestre Walter Benjamin, para quem a arte de narrar está desaparecendo, está em vias de extinção. O filósofo alemão assegura que descrever um narrador como Leskov não significa trazê-lo mais perto de nós, mas sim ampliar a distância que nos separa dele. De acordo com Benjamin, isso é importante de vez que nossa experiência do dia-a-dia demonstra que ninguém mais é capaz de narrar devidamente, pois ele mesmo diz: “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”³⁰².

Seria possível que o texto de Raymundo Moraes se enquadrasse nessa “arte de narrar” a que alude Benjamin, pois manifesta a “sabedoria” atrelada ao “lado épico da verdade”, pois se localiza no entrecruzamento centro/periferia ou ribeirinho, que pode ser o interdito de que se vale o sistema para manter o artista local, quando muito, apenas no seu local, sem chance de ampliação de seu campo de atuação, assunto de que vamos nos ocupar no tópico seguinte – além do descentramento já esperado, há um *deslocamento*, para um além, outro entre-lugar.

³⁰⁰ KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*, p.151.

³⁰¹ KONDER, Leandro. Op. cit., p.152.

³⁰² BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, p.201.

2.2 – TÃO UNIVERSAL QUANTO LOCAL

Melhor seria começar dizendo: porque é local, é universal! – assim, tão-somente, de maneira simples e, conseqüentemente, profunda. A tensão de sempre entre local e global. Formação de entre-lugares, esse entrecruzar o centro e a periferia, espaços moventes e movediços.

O que foi imposto pelos esquemas de dominação da sociedade (disputas, concorrências, rixas que existem no tecido social e aprofundam o fosso entre pobres e ricos, sendo uma permanente ameaça à paz, ao entendimento) é freqüente porque os governos disputam poder e influência com toda atenção aos que detêm a economia, ficando o povo à mercê da pobreza e da violência, e nessa condição, nessa contínua necessidade e violência, torna-se refém do egoísmo local, nacional, internacional.

Sobre a percepção dos brasileiros acerca da corrupção e dos desvios éticos, conforme a pesquisa de opinião divulgada pelo Ibope no início do mês de abril de 2006, o levantamento mostrou que, se tivessem oportunidade,

75% dos entrevistados cometeriam pelo menos um dos 13 atos de corrupção relacionados pela pesquisa; 69% já transgrediram alguma lei ou descumpriram alguma regra contratual, cientes do que estavam fazendo; 59% afirmaram que, se fossem autoridades, contratariam familiares ou amigos para cargos de confiança e 43% aproveitariam viagens oficiais para lazer próprio e de familiares³⁰³.

Interessante observar que a estimativa realizada por um professor³⁰⁴ da Fundação Getúlio Vargas de que a “corrupção no Brasil, em todos os níveis, consome 9,68 bilhões de reais por ano. O valor equivale quase a metade dos 20 bilhões de reais do total de investimentos previstos no orçamento federal para o ano de 2006”³⁰⁵.

As deduções do que expõe Faro são as de que, pelas contas das Nações Unidas, em todo o mundo são pagos em subornos quase 1 trilhão de dólares todos os anos, contravenção que atrapalha o desenvolvimento e gera ainda mais pobreza.

Vale observar que essa soma é superior ao PIB do Brasil, em 2005. E então entende-se cristalinamente que a corrupção custa caro para a sociedade e muito mais para as camadas

³⁰³ FARO, José Antonio. *Editorial*, p.3.

³⁰⁴ A fonte utilizada por mim não identificou o referido professor.

³⁰⁵ FARO, José Antonio. *Op. cit.*, p.3.

mais pobres da população, para os que dependem de recursos públicos para ter acesso ao mínimo de educação, saúde, assistência social.

Logo, devemos combater decisivamente a corrupção, os pequenos e grandes desvios éticos nas esferas pública e privada. No “jeitinho”, naquela propina ao guarda de trânsito e naquele presentinho ao funcionário público, assim é o grande começo dos desvios na administração pública. E sobre as corrupção instalada em nosso sistema, esse “jeitinho” do brasileiro, tomemos as explicações de DaMatta que menciona no Brasil a prática de um

hedonismo místico que, rejeitando parcelas *deste mundo*, se concretiza abertamente em religiosidades relacionais que acenam com reparações, legitimam inconsistências, oferecem compensação moral e garantem a salvação de todos. O resultado é a monumentalidade do carnaval, a multiplicação de todos os tipos de jogo de azar, o aumento de uma comensalidade pantagruélica e compulsiva, a institucionalização da patronagem e do “jeitinho [...] e que rejeita qualquer preocupação com o mundo impessoal do civismo e da ‘coisa pública’”³⁰⁶.

Diante disso, o que o presente trabalho conclama é a efetivação de uma avaliação acurada das obras do escritor aqui enfocado (nome que se configura, diante da situação geral, como mera amostragem), bem como a abominação da utilização de critérios outros para a atribuição de valor literário, para que a qualidade de fato não fique a mercê daquilo que Roberto Schwarz chama de “prática geral do *favor*”³⁰⁷.

Há um jeito e uma esperança que é o fator pedagógico que o tornará livre: é o livro, a leitura, a cultura, a educação. Feito o investimento aí, o povo, na medida em que vai deixando de lado uma mentalidade de minoria (que é maioria) sem educação e cultura, assumindo-se como sujeito da História, aprende a ser livre na liberdade das escolhas e faz então todas as mudanças necessárias, inclusive por mais literatura e menos assédio da politicagem que se nutre de formas escusas e sub-reptícias, para o que foi destinado, viver bem, viver feliz, viver em paz, tendo tudo em comum.

Livros!!! O que é produzir, escrever livros, numa província chamada Pará, entre 1920 e 1940? Aqui cabe verificar o que destaca Coelho: “por volta de 1920 e de 1930, a decadência econômica era visível na paisagem da capital paraense, onde inúmeros estabelecimentos

³⁰⁶ DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*, p.96.

³⁰⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, p.12.

comerciais faliram e famílias abastadas mudaram-se para outros Estados brasileiros”³⁰⁸. Apenas quando é lido é que o texto literário produz seu efeito. A teoria estético-recepcional não dá chance apenas de se apreender e explicar sentido e forma da obra literária, mas sim a sua compreensão, seu significado histórico num contexto também histórico, social e político, a consciência do leitor.

Entendendo-se que sempre tivemos Literatura com poucos leitores, isto para não dizer sem leitores e que o que é escrito assim se sucede para ser lido, pode-se entender que havia quem se interessasse pelas letras e não fosse leitor, apreciasse, fosse até, digamos, uma moda, conceito, *status*: tem livro, então é pessoa refinada, é intelectual.

No entanto, é preciso o cuidado para não fazer da estética da recepção um controle dessa recepção, porque aí poderia entrar o interdito, o veto: receber apenas “os consagrados” e excluir os novos, incorrendo em grande injustiça e numa mesmice editorial. E apesar de todos os avanços e conquistas, um grande entrave, interdito, vedação ainda é a passagem do texto pela dialética universal/local, filtro que teria o condão de abrir as portas ou fechá-las, conforme conveniências nem sempre justas e honestas.

2.2.1 – Esta reflexão contemporânea

Walter Benjamin³⁰⁹ observou bem que a reprodução técnica da obra de arte ataca a raiz do estatuto da obra original, tornando-a supérflua.

Entendo que é interessante escrever na linguagem comum, espontânea, para que haja recepção, para que a periferia entenda, tal como apregoa Oswald de Andrade, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”³¹⁰ – preceito seguido por diversos modernistas, como Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Logo, é importante não se fechar na cultura canonizada. Talvez a felicidade se encontre justamente naquilo que muitos podem considerar uma mera tolice inconsciente. Devemos usar da submissão para fazer domínio total pela razão, porém, paradoxalmente, conciliando-a com o mito, aplicando então o logos ao mito. Cadê o brado da libertação? A

³⁰⁸ COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias Literárias de Belém do Pará*, p.40.

³⁰⁹ BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*.

³¹⁰ ANDRADE, Oswald de Andrade. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, p.327.

expressão da beleza transformada em expressão artística que chega impotente, sem ter uma finalidade, e somente desse modo é tolerada por uma sociedade que foi fundada sobre a dominação.

Não sou marxista, embora admire Marx, por ele nos dar a chance de meditar a relação entre a sociedade e o capital no sistema capitalista que precisa dar suporte às empresas, para quem só o lucro interessa, pois o objetivo é facilitar a acumulação de bens. É um controle privado do que deve ser editado e divulgado dentro de um esquema editorial multinacional. Não é a relação pessoal de conhecimento pelo saber e ser e sim pelo ter. Nesse sentido, a reação não é solidária e nem fraterna, o incômodo é o caos urbano que se instala e cresce, e o que fazem as igrejas no meio desse drama sócio-cultural das cidades? O símbolo é capitalista, a luta pelo lucro, e quem não produz lucro é excluído, fica à margem, segue para a periferia ineditorial. E onde livros, espaços de leitura? Segue a utopia?

O jornalista Mário Sabino, a respeito da matéria que escreveu sob o título *A utopia dissecada*, para analisar o romance *Um amor Anarquista*, do escritor Miguel Sanches Neto, comenta que o referido autor paranaense

não é badalado pelos editores dos cadernos culturais, não faz parte de panelinhas literárias, não tem lobistas na universidade, não reivindica financiamento estatal nem posa de injustiçado pelas “elites intelectuais”. Não bastassem essas qualidades (grandes qualidades, enfatize-se), ele é um ótimo escritor. O melhor da sua geração³¹¹.

Sérgio Cardoso, professor de Filosofia Política na faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em matéria de divulgação da revista *Cult*, diz: “nossas revistas de cultura procuram apenas ampliar e sofisticar um pouco o que fazem os ‘cadernos B’ dos grandes jornais, *que são pautados pela indústria cultural (editoras, gravadoras, show bizz etc.)*”³¹² (grifo meu).

Não é um mirrado acervo de obras o que temos produzido aqui no Pará desde que conhecemos as obras de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha até os dias de hoje!!! Julgam uma obra segundo critérios eminentemente estéticos e segundo sua posição dentro de uma tradição literária.

O curioso é que uma obra passa a prestar – será ungida, entra no cânone – se for hermética e altamente incompreensível, ou seja, se não atingir o grande público leitor ou se

³¹¹ SABINO, Mário. *A utopia dissecada*, p.122.

³¹² CARDOSO, Sérgio. *Cult* 100, p.28.

este nada entender. Haveria, entendo, certa contradição. Enorme contradição! Tornando-se obra popular, tendo êxito de vendagem, imediatamente é execrada, não serve, não presta, é excluída.

A pátria de um escritor poderia ser a Literatura?

Entendo que ninguém pode juntar só os grandes escritores, aqueles de vanguarda ou todos como gênios – embora sejam importantes! –, pois há que se ler e dar vez e importância aos demais. Não se pode trabalhar sempre com os mesmos nomes, como se outros não existissem.

O livro é uma mercadoria e como tal tem que estar no comércio para ser vendido, e isso tem regras, mas cultura não é um produto qualquer. O livro não é artigo de primeira necessidade.

E tudo isso ainda encontramos hoje, mesmo diante da queda de fronteiras entre os gêneros literários que também parece decorrer de uma vivência em um mundo pós-moderno, bipolar, mercantil, violento, brutal – é um soco na boca do estômago de quem quer uma realidade única, linear, apenas visível, que é também temível e terrível, porque a história nos impõe, nos compõe e decompõe, trata e destrata, constrói desconstruindo, desfazendo, dasarrumando e então o jeito é transmigrar para dentro da vida o texto que é uma gulodice de palavras que caem no útero e saem no prazer do encontro pessoal, aditivo, virando gênero e forma, arte literária, semente que é vida e se torna narrativa que é a própria fala que não se confunde com a linguagem, mas contém substantivas substâncias polissêmicas porque advindas da raiz de quem produz: a sociedade na sua dinâmica mutativa constante, subindo e descendo do erudito para o popular e versa-vice e fazendo-se híbrida para interagir num cotidiano de trocas mercantis.

Vale dizer que, nesta sociedade de mais interesses privados e individuais que públicos e que nos estimula à cultura da cobiça, ao consumismo desenfreado, a palavra tem que ser semanticamente reflexão e ato concreto de pensar o que se pensa e pensar o que se faz. Que tipo de Cânon – *ordo missae*, segundo cânon, cânon judaico –, na verdade, qual tipo de cânone?

CAPÍTULO III
RAYMUNDO MORAES NA PLANÍCIE DO
ESQUECIMENTO

3.1 – A AMAZÔNIA NA UNIVERSIDADE, A LITERATURA E A CULTURA NA SOCIEDADE AMAZÔNICA

É da constituição da Universidade Federal do Pará, a missão de:

gerar, difundir e aplicar o conhecimento nos diversos campos do saber, visando a melhoria da qualidade de vida do ser humano em geral e, em particular, do amazônida, aproveitando as potencialidades da região mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão; por sua vez sustentados em princípios de responsabilidade, de respeito à ética, à diversidade biológica, étnica e cultural, garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado, de modo a contribuir para o exercício pleno da cidadania, fundada em formação humanística, crítica, reflexiva e investigativa, preparando profissionais competentes e atualizados para o mundo. Ufpa/2002³¹³.

Se o papel primordial de uma universidade é produzir conhecimento e fazer de tudo para que essa produção seja do conhecimento de todos, onde está a produção que a UFPA ameahou ao longo de 50 anos³¹⁴? Onde suas pesquisas?

Existe uma madrastra distribuição de recursos nas áreas da educação, da ciência e da tecnologia. No geral, privilegia-se a região sudeste e sul. O norte, a região amazônica, entra em desigualdade forte. Não há recursos para a pesquisa, para formar e remunerar pesquisadores. Logo, também a UFPA e as demais IES sofrem o preconceito.

E a exclusão abordada neste trabalho coloca em foco discussão há muito já explorada por diversos estudiosos: a pouca valorização da obra de escritores da região amazônica, sendo Raymundo Moraes o exemplo que aqui se ilustra e quanto a tal aspecto há de se fazer referência à *Literatura Paraense* de José Eustachio de Azevedo, em que o autor discute e denuncia a negligência da crítica especializada em relação à Literatura aqui produzida, fazendo reprimenda inclusive a um estudioso conterrâneo, o conhecido José Veríssimo.

³¹³ www.ufpa.br/portalufpa/histórico_estrutura.php, consulta em 31 de janeiro de 2007.

³¹⁴ A UFPA foi criada pela Lei 3.191, de 2 de julho de 1957.

E vamos imediatamente mostrar a indignação de Eustachio de Azevedo, escritor e homem ligado às questões culturais em Belém, no final do século XIX e primeiras décadas do XX: “a história da literatura paraense, propriamente dita, ninguém, que eu saiba, até hoje tratou, nos vários compêndios e estudos que abordam o assunto e conhecidos são de todos nós”³¹⁵.

Como exceção, Azevedo pontua que sua *Antologia Amazônica* – com larga circulação e já em segunda edição – e a *Lira Amazônica* (publicada até o terceiro fascículo) de Paulino de Brito “fazem justiça às letras regionais, divulgando produções dos poetas”³¹⁶.

Azevedo expõe que mesmo José Veríssimo, “saudosos escritor brasileiro e paraense erudito”, na sua *História da Literatura Brasileira*, “de nós não cuidou, nem de leve, ao menos...”³¹⁷. Azevedo comenta que, na opinião de Veríssimo, “abalizado crítico e ríspido analista, nas suas resenhas e estudos literários... ‘o Pará é impossível figurar’ e a quem com pesar dizia, ‘a civilização brasileira nada, absolutamente, deve’”³¹⁸. E Azevedo, indignado, comenta: “Se isto não é dura injustiça que nos faz, não sei que outro nome possa ter”³¹⁹.

O autor da *Antologia Amazônica* comenta que Coelho Neto, embora não seja paraense e por isso mesmo com menos obrigação de nos conhecer, usou de prodigalidade na sua obra *Compêndio de Literatura Brasileira* e faz justiça às nossas letras, fazendo citação a dois ou três nomes do Pará na área literária, embora de maneira muito superficial e, de certa forma, equivocada por não ter maiores dados e esclarecimentos seguros do que aqui se passa e aponta como um dos nossos romancistas o poeta Flexa Ribeiro, “cuja pena jamais se abalançou a rabiscar um capítulo, sequer, de romance”³²⁰.

Azevedo acha muito estranha a opinião de José Veríssimo publicada na *Revista Amazônica*, mas é ele mesmo quem confirma no recente estudo que fizera sobre a literatura brasileira inserida na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, coleção, como disseram,

³¹⁵ AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura Paraense*, p.9.

³¹⁶ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.9.

³¹⁷ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.9.

³¹⁸ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.9.

³¹⁹ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.9. Como adendo, na página 9, Azevedo faz, em nota, a seguinte ressalva: “José Veríssimo só menciona Tenreiro Aranha, à vol d’oiseau, no capítulo em que trata da escola Mineira. O resto ele desconhecia... porque não citou.”

³²⁰ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.10.

das “produções literárias mais célebres do mundo na qual estão representados os autores mais geniais dos tempos antigos, medievais e modernos”³²¹ (grifo de Azevedo).

Eustachio de Azevedo mostra que, em todos os escritos de Veríssimo, “o Pará brilha pela ausência” e que “desta vez ao menos o esquecimento foi a nosso favor”, porque os “24 grossos e grandes volumes” da obra do crítico obidense foram mal revisados, e a coleção está cheia de

tantos erros crassos e de tantas inverdades, que não passa de um produto de fancaria que não merece crédito. É um verdadeiro *conto do vigário*, deixem-me assim expressar, passado à boa fé de seus incautos assinantes [...] e há muita celebridade de encomenda, ao passo que ficaram no olvido escritores consagrados, nacionais e estrangeiros³²² (grifo do autor).

Eustachio comenta que há muito contra-senso na obra de Veríssimo e vai apontando em alguns volumes os inúmeros disparates e imprecisões que faz a pergunta: “assim, que valor poderá ter a obra?” Há, também, aponta Azevedo, “estudos conscienciosos” de Vicente de Carvalho sobre a literatura paulista e de outros sobre as literaturas pernambucana, maranhense e outras; de “José Veríssimo, sobre a literatura brasileira, etc., estudos que abrem a primeira página de alguns volumes da obra”³²³.

Diante disso, comenta: “Só não mereceu a honra de um delicado convite um intelectual da Amazônia, para dizer algo do movimento literário dos dois estados do extremo norte da República! / E por que essa cruel exclusão, ou essa ojeriza inconcebível? / Mistério”³²⁴. É por isso que, ainda conforme Azevedo, teve razão Paulino de Brito quando escreveu no 1º fascículo da *Lira Amazônica*:

Não somos, literariamente, ricos; mas, da nossa mediana, ou mesmo pobreza, para essa indignidade vergonhosa que nos atribuem, a diferença é grande. Já possuímos alguns nomes nas letras, que podemos com orgulho apresentar à consideração do país e do estrangeiro: e algumas produções literárias que os mais conspícuos poetas da língua, quer antigos, quer modernos, poderiam assinar sem deslustre, antes, com glória, para a sua reputação. / Donde, pois, esse abatimento, que nos infligem, esse desprezo profundo e injustificável *pouco caso* com que são tratados, as letras e os

³²¹ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.10.

³²² AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.10.

³²³ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.11.

³²⁴ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.11.

literatos da Amazônia? Disto, se duvida: que se não aprecia o que por absoluto se desconhece³²⁵ (grifo do autor).

Eustachio de Azevedo assume dizendo que o defeito é nosso e vem de nenhuma divulgação de nossas letras; da nossa “tradicional indolência provinciana”, que seria proveniente do nosso retraimento inato à expansão de nosso mérito próprio e, também, com maior verdade, da “falta de recursos dos nossos intelectuais, ricos de espírito, porém pobres de pecúnia para a publicação e expansão de seus livros”³²⁶.

O fato a seguir é digno de registro, que é o que está fazendo Eustachio de Azevedo. E podemos sentir como é grave a colocação que faz, porque é restritiva, de exclusão, como se na verdade não houvesse outros, não deixa de ser um cânone particular, de uma eleição *in pectoris*. Leiamos: “Sempre que se referem à intelectualidade paraense vêm à baila, como chapas sedições, apenas o nome de Tenreiro Aranha e, não raro, o de Bruno Seabra, como se fossem estes os dois únicos representantes das nossas letras”³²⁷; e comenta que existem outros, pois, claro, sem desmerecer estes dois, o Pará possui muitos que são “superiores em estro poético e por outros predicados de seu espírito esclarecido e culto!”³²⁸.

Eustachio de Azevedo chega para dizer que

Arcando contra esse esquecimento lamentável, que nos relega ao nível dos apedeutas, dos povos sem cultura intelectual nenhuma, é que publiquei a “Antologia Amazônica” como um brado de revolta, e agora me abalanço a dizer algo do movimento literário do Pará, desconhecido ou deslembado até hoje, infelizmente, pelos nossos máximos escritores e críticos³²⁹.

E para comprovar a assertiva de Azevedo, podemos relembra o que disse, em 2001, o escritor amazonense Márcio Souza, que na época era presidente da FUNARTE – Fundação Nacional da Arte, em entrevista a Priscila Faulhaber, pesquisadora titular da coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi e que coordenou, juntamente com Peter Mann de Toledo, o livro *Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia*. Souza

³²⁵ Apud AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.11.

³²⁶ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.11.

³²⁷ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.12.

³²⁸ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.12.

³²⁹ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.12.

comentava sobre a intelectualidade de sua terra e informou à entrevistadora que, ao final do ciclo econômico da borracha, Belém entrou em decadência, que se acelerou depois dos anos sessenta. Acrescentou que o Pará perdeu sua identidade cultural, a primazia do capital cultural e científico da região Amazônica. Nas palavras do entrevistado: “Hoje, por exemplo, o *Pará não tem literatura*, o Pará não tem música, o Pará não tem nada. O Pará não tem teatro, não tem dramaturgia...”³³⁰ (o grifo é meu).

Eustachio de Azevedo, para demonstrar essa desvalorização delatada pela fala de Souza, se estriba no *Prefácio* que Domingos Antonio Raiol escreveu, em 1868, para o livro de seu conterrâneo Vilhena Alves [Francisco Ferreira]. Vale destacar que Domingos Raiol estava, nessa data, com 80 anos de idade, e Eustachio afirma sobre os assuntos do que cuida o prefácio, de que “são verdades puras”:

Há mais de 200 anos que vivemos e quais são os homens que se tem enobrecido por trabalhos literários? Todas as províncias têm tido, mais ou menos, seus juriconsultos, seus publicistas, seus poetas. Mas o Pará, até hoje, que nome oferece, a par de Dirceu, Magalhães, Dias e outros? A política, a infernal política, absorve tudo no império; é uma verdadeira esponja, que embebe todos os talentos³³¹.

Raiol, no referido prefácio, demonstra a riqueza de flora e fauna que nos cercam, a natureza, o horizonte, e todavia pouco se aproveita: “só de vez em quando um Ribeiro de Souza ou um Santa Helena Magno quebra esta mudez...”³³².

E, como Eustachio de Azevedo³³³ escrevia sobre a Literatura Paraense, é natural que dissesse algo a respeito do escritor Raymundo Moraes:

Raimundo Moraes (sic), escritor paraense laborioso e tenaz, aprofundou-se na literatura [...] e tornou-se aos poucos, o etnógrafo e o vulgarizador inteligente dos segredos da planície, apenas conhecidos dos cientistas que a têm tratado em seus livros valiosos [...] por seu gênio desabrido, quer política, quer literariamente

³³⁰ FAULHABER, Priscila & TOLEDO, Peter Mann de (Orgs.). *Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia*, p.604.

³³¹ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit., p.42.

³³² RAIOL, Domingos Antônio apud AZEVEDO, Eustachio de. Op. cit., p.43.

³³³ Na cronologia organizada pelo pesquisador Vicente Salles, para o volume 7 da Coleção Lendo o Pará, da Secretaria de Cultura do Pará, exatamente o livro *Literatura Paraense*, de José Eustachio de Azevedo, há a informação de que nasceu em Belém a 20 de setembro de 1867, considerado um dos mais fecundos escritores paraenses, era poliglota e tradutor emérito. Adotou o pseudônimo de Jacques Rolla, foi da Mina Literária e publicou *Literatura Paraense* e *Antologia Amazônica*, entre outros. Faleceu a 05 de setembro de 1943.

falando, cria-lhe numerosos inimigos que, justamente melindrados pela sua linguagem áspera e pelos seus escritos irônicos, devolviam-lhe as frases desgraciosas, vituperando-o também³³⁴.

Ainda sobre o nosso escritor Raymundo Moraes, Azevedo conta que um de seus biógrafos – seu amigo e admirador fervoroso, não nomeado – reafirma e confessa verdades em tom encomiástico: “o espetáculo da vida violenta dos altos rios deixou-lhe, entretanto, uma cortante ironia para o terçar o florete da polêmica; e certa mordacidade desconcertante para o prélio político”³³⁵.

Mas, nos diz Azevedo, o “panegerista equivocou-se: A ‘cortante ironia’ e a ‘mordacidade desconcertante’ eram-lhe inatas, estavam-lhe na massa sanguínea”³³⁶.

Afirma Azevedo que Raymundo Moraes não era impecável no estilo e, “como folclorista, exagerava, às vezes, suas descrições, pelo inverossímil da narrativa”³³⁷. No mesmo tom do comentário de Azevedo, o folclorista José Coutinho de Oliveira, em seu livro *Folclore Amazônico – lendas*, volume I, faz a seguinte consideração:

Raimundo Morais (sic) *inventou* uma versão sua [Coutinho se reportava à lenda do Jurutaí], que publicou numa revista dos marítimos da Amazônia. Não chegamos a ler a lenda de Morais, mas pela “Folha do Norte”, alertamos os folcloristas contra a mesma. Sabemos, aliás, que as penas do jurutaí são usadas em certas regiões como amuleto de preservação da castidade feminina. Morais parece ter, pelo que nos disse em palestra, gizado a sua lenda em torno desta crendice³³⁸.

“Foi, porém – continua Azevedo –, um trabalhador infatigável, um espírito fecundo e de talento...”³³⁹.

Penso que seja papel das academias, em primeiro lugar, saber, para poder lecionar, dizer, ensinar, mostrar quais são e quem são os escritores – no caso da UFPA, da UEPA, da UNAMA e de outras mais – do Pará. Essa, no meu entender, é uma tarefa básica, simples e essencial.

Depois, devem informar o que os autores produziram e o que contemporaneamente estão produzindo. Talvez com este expediente, comece a haver o que Nunes chama de

³³⁴ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.134.

³³⁵ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.134.

³³⁶ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.134.

³³⁷ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.135.

³³⁸ OLIVEIRA, José Coutinho de. *Folclore Amazônico – lendas*, p.154.

³³⁹ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.134.

“adesão” – o prazer de si no prazer do outro – para se ter um melhor entendimento do que Jauss denomina de “O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*”, que consistem em “libertar o espectador dos interesses práticos e das implicações de seu cotidiano, a fim de levá-lo, aí sim, através do prazer de si no prazer do outro, para a liberdade estética de sua capacidade de julgar”³⁴⁰.

Em seguida, o autor continua sua argumentação, explicitamente apoiado em Ricoeur:

É justamente nesses dois movimentos, ou, se quiserem, nesses dois momentos de um só movimento, adesão (o prazer de si no prazer do outro) e volta a si (liberdade estética da capacidade de julgar), que a experiência de leitura transita para a experiência comum do leitor. O leitor volta a si compreendendo o texto. Compreendendo o texto compreende-se a si mesmo, ou vice-versa. Mas então, como se poderá afirmar com Paul Ricoeur, compreender é compreender-se diante do texto³⁴¹.

Parece que ainda não fizemos, a quem passou ou a quem está na academia, a experiência da adesão para que haja esse compreender que, valorizando o que é nosso, tomemos consciência do que somos e, por extensão, do que seremos, bem como de que devemos nos somar para termos a referida adesão e alcançarmos o estágio do ser.

E, em terceiro lugar, sem que essa ordem seja necessária, a academia deve ainda dar publicidade, conhecimento dessas produções, editá-las ou estimular ou subsidiar as edições dessas obras ou na maneira das co-edições ou incentivando que as editoras o façam.

E, na seqüência, estudar as obras e os autores, sem discriminação. Na verdade, o que perdemos todos desconhecendo, não valorizando, deixando na clausura o escritor Raymundo Moraes e outros, como Silvio Meira (e não quero discutir seu valor estético, mas conclamo outros a fazê-lo, até para, se for o caso, justificar seu olvido), autor de romances amazônicos que enfecham uma trilogia: *O Ouro do Jamanxin*, *Os Naufragos do Carnapijó* e *Os Balateiros do Maicuru*; ou Vilhena Alves, autor do livro *Monodias*; Jacques Flores, autor de *Cuiapitinga*; Eneida de Moraes, autora, dentre outros, de *Cão da Madrugada*; e muitos outros escritores que também permanecem na cafuá?

Conforme a proposta teórica deste trabalho, pretendo, tão-somente, realizar a primeira parte ou apenas uma parte da primeira parte.

³⁴⁰ NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*, p.181-182.

³⁴¹ NUNES, Benedito. Op. cit., p.182.

A preocupação minha, o objeto do meu desejo, é retirar esse grosso, pesado e encaronchado encerado ou sanefa que tapa, que esconde, que veda, que interdita o acesso para que se conheça Raymundo Moraes e suas obras.

Estas são razões pelas quais tenho muito mais massa informativa sobre Raymundo Moraes que propriamente referenciais e análises teóricas, embora estejam presentes e subsidiem esta dissertação.

Para este objetivo, faz-se mesmo necessário informar, reinformar, pisar e repisar de forma até recorrente tal informação. É proposital, precisamos agora marcar este espaço para Raymundo Moraes e para os autores paraenses, reivindicar posição.

Raymundo Moraes surge então como motivo, mostra hiperbólica do que queremos para chegar ao natural do que desejamos: que se estabeleça conhecimento normal do que aqui se produz em termos de Literatura, porque estaremos interessados, atentos, pesquisando essa produção, tentando retirar esse veto ao que é nosso, que parece vir ou teve início com e desde José Veríssimo, passa por Francisco Ferreira Vilhena Alves, Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir e vai *buiar* em Ildefonso Guimarães, Ruy Barata, Alfredo Oliveira. Tem sido sempre essa a estrada. Contra essa desvalorização, já se queixava e se insurgia José Eustachio de Azevedo³⁴², conforme já afirmado anteriormente, reclamando de José Veríssimo³⁴³ valor ao que é nosso: “José Veríssimo, esquecendo-se sempre dos intelectuais paraenses”³⁴⁴.

³⁴² Conforme Vicente Salles, que organizou a Cronologia do livro *Literatura Paraense*, de J. Eustachio de Azevedo, correspondente ao nº7 da Série Lendo o Pará, Eustachio foi “um dos mais fecundos escritores paraenses (...) era poliglota e tradutor emérito. No meio e na época era figura querida e respeitada. Além de traduções publicou 14 obras originais e deixou apreciável produção esparsa em jornais e revistas...”. É sua a famosa publicação *Antologia Amazônica (Poetas Paraenses)*. Adotou o pseudônimo de Jacques Rolla e reuniu em sua casa artistas e intelectuais que fundaram a *legendária* associação denominada de Mina Literária, que foi a primeira entidade de letras fundada em Belém do Pará – 01 de janeiro de 1895.

³⁴³ Vejamos o que diz o próprio Eustachio de Azevedo: “José Veríssimo de Matos, escritor dos mais notáveis, membro fundador da Academia Brasileira de Letras, nasceu no Pará a 08 de abril de 1857 e faleceu no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1916. Começou no Pará a sua vida literária e pública, escrevendo artigos críticos, estudos, contos e novelas regionais, na ‘Revista Amazônica’ e fundando o ‘Colégio Americano’ de sua propriedade e direção, estabelecimento de educação moderna, ao lado dos vultos mais proeminentes do professorado da capital. Mais tarde passou a residir no Rio de Janeiro e ali ocupando os cargos de Diretor do Ginásio Nacional e da Escola Normal daquela cidade, em cujo posto humilde faleceu, deixando traços inapagáveis de sua competência e saber. / Publicou o seu primeiro livro ‘Primeiras Páginas’, em 1878 e daí por diante, a longa série de suas obras literárias, da qual fazem parte as ‘Cenas da vida amazonica’, em 1886, ‘Estudos Brasileiros’, literatura, história, geografia e crítica (1889 – 1894), ‘Estudos da Literatura Brasileira’, ‘Lendas Amazônicas’, ‘A pesca na Amazônia’ (1895), ‘História da Literatura Brasileira’ 1914-1916, etc. Era um escritor consagrado” (AZEVEDO, Eustachio de, *Literatura Paraense*, p.65).

³⁴⁴ AZEVEDO, José Eustachio de. Op. cit, p.25.

A Professora Marinilce Oliveira Coelho, em seu livro *O Grupo dos Novos*, ensina que “procurando mostrar a situação social do escritor local, Dalcídio Jurandir testemunha em causa própria”³⁴⁵, no prefácio de seu romance *Chove nos campos de Cachoeira*, publicado em 1941. Dalcídio escreve sobre as dificuldades para se publicar um livro no Pará, entre os anos de 1930 e 1940 (período em que Raymundo Moraes publica grande parte de sua obra e, como já se viu neste trabalho, com os mesmos reclamos), e pelo título do prefácio, *Tragédia e comédia de um escritor novo no Norte*, pode-se avaliar o que conta.

Coelho comenta que “dois pontos são levantados pelo romancista: primeiro a escassez material do escritor e segundo o fraco apoio governamental em relação aos autores locais”, que, guardadas as devidas proporções, deslocando no tempo para o ano de 2006, é a mesma situação, com pequenas diferenças nesse “apoio” em que toca Dalcídio, pois agora, nos âmbitos federal, estadual e municipal, existem as famosas Leis de Incentivo à Cultura³⁴⁶, carentes de ajustes para que esse “apoio” realmente se efetive; com relação a “escassez material do escritor”, até hoje, pelo menos no Pará, ainda não surgiu nenhum que não se queixe também dessa mazela. Leiamos o que muito bem selecionou Coelho do que comenta Dalcídio no citado prefácio:

Muita gente pensa que o Pará é terra de seringueiros coronéis. Aparece uma turminha de malandros metidos a literatos, cantoras etc. e caem em cima do governo, sangrando o tesouro. *Os da terra ficam no peixe frito*³⁴⁷. Ah! É notável a influência do peixe frito na *literatura paraense*! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-O-Peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa almoço comprado em casa. Ao chegar o meio-dia, o pobre se tem a felicidade de haver arranjado dois mil réis leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. *A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe-frito*³⁴⁸. Conheço, profundamente esse drama. Sempre fui empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará) morando numa barraca na São João, com a família e perseguido pelos camisas verdes³⁴⁹ (grifos meus).

Diz Coelho que “A crítica dalcidiana, contundente e eficaz, contém a marca da resistência de uma geração de escritores, a ‘geração do peixe frito’”³⁵⁰, como Dalcídio

³⁴⁵ COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos: Memórias Literárias em Belém do Pará*, p.48.

³⁴⁶ Respectivamente: Leis Rouanet, Semeiar e Tó Teixeira.

³⁴⁷ Essa prática não mudou, sobretudo quando os artistas são vinculados à forte rede nacional de televisão.

³⁴⁸ O peixe, de um modo geral, além de ser hoje um produto caro, a exportação o faz rarear. Porém, o costume de comer peixe-frito – que bom!!! – permanece.

³⁴⁹ JURANDIR, Dalcídio apud COELHO, Marinilce Oliveira. Op. cit., p.48-49.

³⁵⁰ COELHO, Marinilce Oliveira. Op. cit., p.49.

Jurandir frisou. Como se sabe, o paraense, até por habitar em região de rios piscosos, cultivava o costume simples de fazer do peixe sua base alimentar e em decorrência fez Dalcídio se identificar com esse hábito cultural e demonstrar “toda revolta e irreverência contra a cultura do *proteccionismo governamental em relação aos artistas de fora e descaso com os locais*”³⁵¹ (grifo meu). Vale sublinhar que a geração do peixe frito era composta de “rapazes paupérrimos que faziam heroicamente literatura lutando com todas as dificuldades econômicas possíveis”³⁵², insere Coelho em seu livro citado acima, esse comentário feito por Ruy Barata que participou da “geração mais remediada”, que sucedeu a do peixe-frito e que destaca também as poetas Adalcinda Camarão, Miriam Moraes (sic) e Dulcinéia Paraense. Relembramos que a “Miriam Moraes” (sic) citada é a filha de Raymundo Moraes, objeto deste trabalho. Ressalte-se ainda que ela foi, inclusive, repetimos, secretária do pai.

É de Dalcídio Jurandir o desabafo: “Conto tudo isso para mostrar como é que se escreve no Brasil”³⁵³.

O Professor Edílson Pantoja, autor do romance *Albergue Noturno*, premiado no gênero pelo Instituto de Artes do Pará – IAP, em 2006, afirma, em sua dissertação de mestrado:

respeitáveis esforços têm surgido com o fim de destacar a grandeza e importância da obra dalcidiana – fenômeno este iniciado, de certa forma, com *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir (1998/2001), de Paulo Nunes, a quem cabe o mérito da *redescoberta acadêmica do escritor após décadas de silêncio e descaso*³⁵⁴ (grifo meu).

Mas agora vamos a alguns fatos concretos contemporâneos a respeito de preconceito ou de não valorizar o que é nosso ou de ater-se somente a um pequeno cânone – neste caso, trabalhar com dois ou três autores como se fossem os únicos representantes de nossas letras.

Convém buscar respaldo na autoridade literária que já citamos há pouco, o sempre importante escritor J. Eustachio de Azevedo:

Sempre que se referem à intelectualidade paraense vêm à baila, como chapas sedições, apenas o nome de Tenreiro Aranha e, não raro, o de Bruno Seabra, como se fossem estes os dois únicos representantes das nossas letras... / Quanto, todavia, sem

³⁵¹ COELHO, Marinilce Oliveira. Op. cit., p.49.

³⁵² COELHO, Marinilce Oliveira. Op. cit., p.49. Também conhecidos como Academia do Peixe Frito, onde se destacavam os escritores Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Rodrigues Pinajé, Pedro Tupinambá, Jacques Flores, Dalcídio Jurandir e muitos outros que se reuniam no mercado de carne à travessa oriental do Mercado.

³⁵³ JURANDIR, Dalcídio apud COELHO, Marinilce Oliveira. Op. cit., p.50.

³⁵⁴ PANTOJA, Edílson. *O Extremo-Norte: finitude e nihilismo em Dalcídio Jurandir*, p.40-41.

desmerecer dos méritos destes dois, o Pará possui, que lhes são superiores em estro poético, e por outros predicados de seu espírito esclarecido e culto!³⁵⁵

Logo, parodiando Azevedo, podemos nos referir, no momento presente, aos nomes de Dalcídio Jurandir³⁵⁶, Haroldo Maranhão, Mário Faustino (que é piauiense), Inglês de Sousa, Max Martins, Age de Carvalho, Paulo Plínio Abreu e alguma vez Bruno de Menezes, paraenses, e o amazonense Milton Hatoum.

Vamos corroborar isso, reproduzindo abaixo a entrevista que o escritor carioca Sérgio Sant’Anna concedeu à jornalista Luciana Araújo, publicada na revista *EntreLivros*, ano I, n.10, São Paulo, em fevereiro de 2006:

EL – Ainda em Paraty, você contestou a unanimidade de Machado de Assis. Por quê? / [Responde Sant’Anna:] A crítica que fiz ao *culto obsessivo de Machado* repercutiu de uma forma sensacionalista (ou jornalística). Saiu até no Financial Times, de Londres, que usou o adjetivo boring, na minha boca. Mas, repito aqui agora que *a canonização de Machado é aborrecida, repetitiva, chata, como se o Brasil não tivesse produzido outros escritores de primeira linha*. Tem muita gente que não quer sair do século XIX³⁵⁷. (grifo meu).

Há, parece, um subcânone, em que aparecem: Bruno de Menezes, Maria Lúcia Medeiros, Eidorfe Moreira, Eneida de Moraes, Ildefonso Guimarães, Lindanor Celina, dentre outros não tão numerosos.

Quando me reportei a ungidos, cânone local, parece até que citar e trabalhar com estes mesmos autores é denotativo de ser intelectual, saber das coisas é que dá *status*. Creio ser sinalagamático de uma dependência ao mandarim.

Na modesta, rápida, simples e pequena pesquisa que efetuei, há uma mostra do que acima se afirma:

1ª Mostra – Após pedidos verbais sem respostas, resolvi protocolar, no dia 17 de fevereiro de 2006, solicitação à direção do curso de Letras da UFPA, que, para subsidiar pesquisa, informar se há na grade curricular a disciplina Literatura Paraense ou similar ou com outra nomenclatura ou ainda qual a disciplina na qual a Literatura produzida no Pará é estudada e

³⁵⁵ AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura Paraense*, p.12.

³⁵⁶ É sempre bom falar cada vez mais de Dalcídio Jurandir e outros, aqui não se aplica a repetição porque só agora se começa a divulgar trabalhos desses grandes escritores.

³⁵⁷ ARAÚJO, Luciana. *Sérgio Sant’Anna: “A qualidade é sempre um ato de ruptura”*, p.22.

quais são os autores paraenses estudados. Embora solicitado e inúmeras vezes pessoalmente reiteradas, até este momento, não obtive resposta à perquirição;

2ª Mostra – À direção do então Centro de Letras e Artes da UFPA, solicitei, no dia 21 de dezembro de 2005, o nome das disciplinas do curso de graduação em Letras, com suas respectivas ementas, dos últimos cinco anos. Obtive a resposta e verifiquei que na única ementa onde era pertinente essa abordagem, as disciplinas Literatura Brasileira I, II, III e IV, não há referência específica à Literatura Paraense. No programa e nos objetivos, não constam referências. Na bibliografia, não há autor paraense que cuide de teoria. Na bibliografia de apoio, encontrei a única referência: José Veríssimo, com a obra *História da Literatura Brasileira*;

3ª Mostra – Na grade de disciplinas ofertadas ao curso de Mestrado em Letras / Estudos Literários, de 1998 até o 2º semestre de 2006, as únicas disciplinas referentes são: Seminário de Literatura Regional e Oralidade e Literatura. Na relação de obras a serem trabalhadas, além dos já citados, há Benedicto Monteiro;

4ª mostra – Certamente que os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) refletem o que o aluno teve em sala de aula. Assim, no curso de Letras, no período de 1999 a 2004, os nomes mais freqüentes em alguns trabalhos são: Machado de Assis, Paulo Plínio Abreu, Álvares de Azevedo, Lima Barreto, Haroldo Maranhão, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Dalcídio Jurandir, Manuel Bandeira, José Saramago, Murilo Rubião, Mario de Andrade e Augusto dos Anjos; e

5ª Mostra – No curso de Mestrado em Letras / Estudos Literários da UFPA, único na região norte do Brasil, na Amazônia, no período de 28 de junho de 1983 até 23 de janeiro de 2007, as dissertações de mestrado contemplavam estudo e pesquisa com Paulo Plínio Abreu, Age de Carvalho, Haroldo Maranhão, Milton Hatoum, Inglês de Sousa, sendo que a maioria teve como objeto as obras do escritor Dalcídio Jurandir. E, naturalmente, há exceção, aparecem nesse período, dois trabalhos com material dos poetas Ruy Barata e José Ildone (um trabalho cada).

Embora os trabalhos citados representem um percentual pequeno, o que bem demonstra que não se valoriza o autor paraense, e embora os temas sejam escolhidos pelos mestrandos, estes têm orientadores, ou seja, parece haver uma tendência da academia em apontar, sugerir e encaminhar os trabalhos para os autores citados, como uma linhagem que deve ser obedecida e seqüenciada.

O resultado do acima exposto é o que avulta da pesquisa feita com alunos (dos ensinos médio e superior), professores (dos ensinos médio e superior), escritores, populares e as Instituições de Ensino Superior – IES:

- 1 – Não se conhece o autor paraense e nem sua obra; e
- 2 – As bibliotecas³⁵⁸ – quando existem – não possuem obras de autores paraenses.

Parece haver uma espécie de vergonha em citar, em falar, em dizer ao menos o nome do autor autóctone ou citar o nome Pará ou paraense – tudo isso referente ao campo da arte literária.

Inobstante as outras artes parecerem sofrer do mesmo preconceito, parece mais acentuada na arte literária essa questão ligado ao Pará, paraense, paraensismo, pois, se for no campo da Literatura, é melhor não falar nas coisas do Pará. Escreveu, é excluído!

Citemos exemplos concretos. Em quase todos os estados brasileiros, há, ultimamente, feira de livro³⁵⁹. Vejamos como elas se nomeiam no ano de 2006:

- 7ª. Bienal Internacional do Livro do Ceará
- 4ª. Festa Literária Internacional de Parati – Rio de Janeiro
- 6ª Feira do livro de Ribeirão Preto – São Paulo
- Feira nacional do Livro de Natal – Rio Grande do Norte
- Feira nacional do Livro de São Luis – Maranhão
- 7º. Salão do Livro de Minas Gerais
- 25ª Feira do Livro de Brasília
- 14ª Feira do Livro de Veranópolis – Rio Grande do Sul
- Feira do Livro de Londrina – Paraná

³⁵⁸ A biblioteca do curso de mestrado em Letras da UFPA, atendendo meu pedido, informou no dia 22 de novembro de 2006, que “não consta em seu acervo” nenhum livro do escritor paraense Raymundo Moraes; embora exista boa parte de suas obras na Biblioteca Central da mesma universidade, conforme informado por escrito em resposta ao que solicitei. Na biblioteca do museu da UFPA, no acervo “Vicente Salles” há várias obras do autor.

³⁵⁹ Em entrevista feita pelo jornalista Jones Santos ao Jornal *Beira do Rio*, órgão da Universidade Federal do Pará, edição 46, ano IV, de dezembro de 2006, página 12, sob o título *Educação deve estar vinculada aos direitos sociais*, o pesquisador Luiz Percival Leme Britto diz que “na verdade feiras de livro são do interesse dos empresários do setor livresco, do setor editorial e caberia a eles bancar essas feiras. Evidente que esse tipo de evento torna possível para segmentos médios da população um pequeno acesso a algum tipo de informação. Os pobres vão simplesmente para ver. Enquanto evento cultural, eventos culturais são bons pra vida, divulgam escritores, mas o efeito prático dessas feiras é insignificante e, se for feito um levantamento mais detalhado do que é que se vende propriamente nessas feiras, pode-se perceber que são livros de pouco valor cultural e que pouco contribuem para a mudança da cultura”.

- 52ª Feira do Livro de Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Agora vejamos como se nomeia a Feira do Livro do Pará:

- 10ª FEIRA PAN-AMAZÔNICA DO LIVRO

Mesmo quando extrapola o estado ou a região, quem se orgulha do que é seu nomeia, assim:

- 4ª Festa Literária Internacional de Paraty
- Feira Nacional do Livro de São Luis
- Bienal Internacional do livro do Ceará.

Vejamos a gora a nível internacional:

- 24ª Feira Internacional do Livro de Madri
- 11ª Feira Internacional do Livro da Bolívia
- 17ª Feira do Livro Infantil e Juvenil de Buenos Aires
- IV Feira Internacional do Livro de Guatemala
- 58ª Feira do Livro de Frankfurt
- 16ª Feira Internacional do livro de Monterrey
- 9ª Nairobi International Book Fair

Mesmo internacional, as nações não deixam de divulgar o seu lugar: Buenos-Aires, Frankfurt, Madrid, ainda que o nível, o alcance, seja mundial, internacional.

Apenas aqui, em Belém, local da feira, não se diz que é PARAENSE ou do PARÁ. Ao invés de Feira do Livro do Pará, temos Feira Pan-Amazônica... É como se fosse interdito, proibido mencionar que é do Pará, o que é Paraense.

No entanto, quando é em outra área, como por exemplo na área da Música, a citação é:

- IXX FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DO PARÁ

Na área da Filosofia, o Centro de Cultura e Formação Cristã, no município de Ananindeua, efetivou, no ano de 2006, um curso de História da Filosofia e convidou o

Professor Benedito Nunes para ministrar. No folder de divulgação, conforme já exposto anteriormente, o professor é apresentado como:

- BENEDITO NUNES, FILÓSOFO PARAENSE.

Nome de instituições ligadas à cultura:

- INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ – IAP
- MUSEU DO ESTADO DO PARÁ
- GASTRONOMIA DO PARÁ

No âmbito nacional:

- ARTE BRASILEIRA

Aqui, estas, para citar como alguns exemplos. No entanto, não se pode deixar de mencionar que aqui e ali surgem manifestações mais arraigadas a um sentimento de pertença ao Estado do Pará.

No jornal *Comunicado*, da Universidade da Amazônia – Unama, na parte de Literatura, há um destaque:

- AUTORES PARAENSES GANHAM DESTAQUE EM PESQUISAS.

A matéria inicia com a frase de Leon Tolstoi que “reafirma a necessidade de se valorizar aquilo que é natural do ser humano: a casa, a rua, o bairro, a cidade, a pátria” – “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”.

A Professora Célia Brito, da UFPA, quando faz a apresentação do livro *Escreve(a)*, da Professora Célia Bassalo, menciona que “Na coletânea selecionada, ficam patentes o reconhecimento expresso a *escritores paraenses*”³⁶⁰ (grifo meu).

E a Professora Célia Bassalo, da UFPA, autora da obra acima citada, escrevendo sobre o seu livro, diz: “com a intenção de servir de apoio às redações, selecionei textos que levarão ao conhecimento do aluno *algo pouco divulgado nas escolas de nosso Estado – a literatura paraense*”³⁶¹ (grifo meu).

E, por não haver divulgação, por não haver grande interesse nem a devida valorização de parte significativa da produção artística local, o resultado é o que estampam as manchetes e

³⁶⁰ BRITO, Célia. *Apresentação*, p.6.

³⁶¹ BASSALO, Célia. *Escreve(a)*, p.7.

notícias dos jornais. Por não haver leitura, interesse pelo livro, bibliotecas, acervos, a educação que temos para poucos privilegiados não tem condições de se contrapor, e os resultados são a alta corrupção, imoralidade, falta de ética, fraudes, impunidade, insegurança, cenários da modernidade.

Nesse sentido, as IES, ao não usarem o autor local, contribuem para piorar o quadro. Vejamos como um pequeno concurso literário no Rio de Janeiro sublinhou que o certame só aceitaria “contos que tenham como cenário o Rio”³⁶².

Aplica-se ao autor paraense, ao autor autóctone, às nossas coisas, a não valorização do que é nosso, o texto abaixo. É só colocar no lugar da dominação portuguesa a dominação de um pequeno grupo local, do mandarinato que impõe um cânone particular, e assim se “matam” inúmeros autores locais, conforme o texto *Depoimento de um cronista da época*, que expõe como o padre jesuíta Antonio Vieira, em 1655, definiu a dominação portuguesa na Amazônia:

só desde o ano de 1615 até 1652 tinham morto os portugueses com morte violenta para cima de dois milhões de índios, fora os que cada um chacinava às escondidas. deste cômputo se pode inferir quão inumeráveis eram os índios, quão numerosas as suas povoações, e quão juntas as suas aldeias, de que agora apenas se acham as relíquias³⁶³.

Vieira chama atenção do leitor curioso que deve se questionar como se matava tão livremente e com tal excesso os índios? E recomenda ao leitor ir buscar a resposta nos autores que falam nesta matéria e acrescenta:

Eu só direi, que havia tanta facilidade nos brancos em matar índios, como em matar mosquitos com a circunstância de que estavam em tal desamparo e consternação os tapuias que tudo tinham contra si, de sorte que chegando os brancos a alguma sua povoação, faziam deles quanto queriam; e se eles estimulados o matavam era já caso de arrancamento, e bastante para se mandar logo contra eles uma escolta, quer a ferro e fogo tudo consumia³⁶⁴.

Talvez com a constatação de que o paraense é caboclo mestiço que provém do cruzamento entre várias etnias, essa elite prefira a cultura de fora, notadamente a francesa, imaginando-se superior, em detrimento do que é nosso. Certamente, para essa elite, convém relembrar aqui o que diz Benedito Nunes:

³⁶² PublishNews, 2006, p.1.

³⁶³ JOÃO DANIEL, Pe. *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*. P. 36

³⁶⁴ JOÃO DANIEL, Pe. Op. cit. p. 36

Belém de Paris também era a Paris de Belém. Em constantes viagens de uma para outra, os seringalistas e os grandes fazendeiros, membros de prol da classe abastada, dominante, aproximaram e até confundiram as duas metrópoles. Famílias mandavam lavar a roupa em Londres ou encadernar livros em Paris³⁶⁵;

ou como diz Sá: “a gente poderia pensar em termos de Belém [...] naquelas famílias que mandavam os filhos para estudar na Europa”³⁶⁶.

Mas ocorre que a realidade chega e põe todos de pé no chão, nem inferior, nem superior, e por isso é possível ler:

- “O escritor amazonense Milton Hatoum e o filósofo paraense Benedito Nunes autografaram ontem à noite”³⁶⁷.
- “Não se pode ter a ilusão da superioridade”³⁶⁸ – finaliza a matéria o escritor amazonense Milton Hatoum.

Nesse sentido, é bom entender o que diz Gramsci:

Os livros estrangeiros, quando traduzidos, são lidos e procurados obtendo freqüentemente enorme sucesso. Tudo isso significa que a totalidade da “classe culta”, com sua atividade intelectual, é separada do povo-nação, não porque o povo-nação não tenha demonstrado ou não demonstre se interessar por esta atividade em todos os seus níveis, dos mais baixos (romances de folhetim) aos mais elevados – tanto isto é verdade, que ele busca os livros estrangeiros adequados – mas sim porque o elemento intelectual indígena é mais estrangeiro diante do povo-nação do que os próprios estrangeiros³⁶⁹.

Numa argumentação que segue o mesmo raciocínio da anterior, Gramsci arremata: “Todo povo tem a sua literatura, mas ela pode ser importada de um outro povo, isto é, o povo em questão pode ser subordinado à hegemonia intelectual e moral de outros povos”³⁷⁰.

E, finalizando, para azar da elite intelectual mandarinada, essa cultura autóctone se torna autônoma, como podemos apreciar na seqüência.

³⁶⁵ NUNES, Benedito. *Crônica de duas cidades*, p.32.

³⁶⁶ SÁ, Samuel. “O Imaginário: Discussão e Conceitos”, p.141.

³⁶⁷ *Jornal O Liberal*, 2006, p.10.

³⁶⁸ *Jornal O Liberal*, 2006, p.10.

³⁶⁹ GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*, p.107.

³⁷⁰ GRAMSCI, Antonio. Op. cit., p.93.

Por ser difícil fazer parte de um sistema literário ou porque esse sistema não existe – por razões as mais variadas –, um escritor pode ser enclausurado, ainda que tenha uma boa produção literária. Talvez uma das razões seja pelo fato de ser considerado de periferia e não interessa se entendemos como bairro, cidade ou mesmo país, é sempre, para o sistema, periferia, ele não admite ingresso ou dificulta de todo jeito o acesso.

Examinando a situação do escritor Raymundo Moraes, poderia me arvorar a considerar que não fez e não faz parte do sistema e permanece, por conseguinte, na periferia, como, como até hoje é para esse lugar, uma espécie de limbo, que seguem os escritores do norte e os demais promotores da cultura militantes de outras vertentes da arte.

Mas, contemporaneamente, há, no Brasil e no exterior, uma novidade, diria, experiência social que vale a pena ser meditada, pois, cansados de esperar que o sistema os lembre, partem os produtores da arte para uma nova relação ou até mesmo há outra mentalidade neste século XXI.

Consideremos a contundência do jornalista Hermano Vianna, ao iniciar o texto que produziu e foi publicado no jornal *O Liberal*, edição do dia 08 de abril de 2006, na página 7 do Caderno de Esportes, com o título da matéria sendo *Central da Periferia*: “Não tenho dúvida nenhuma: *a novidade mais importante da cultura brasileira na última década foi o aparecimento da voz direta da periferia falando alto em todos os lugares do país*” (grifo meu).

E comenta o articulista que a periferia não agüentava mais aguardar a oportunidade que nunca chegava e que “viria de fora, do cento”, notando que a própria periferia não carece mais de intermediários para lincar-se com o resto do país e com o mundo inteiro, pois “o que não falta aqui [referindo-se a favela] é cultura. Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente”³⁷¹, com milhares de grupos de cultura que brotaram da periferia e que juntaram suas diferenças e originalidades para produzir arte e combate a desigualdade social. Acrescenta Vianna:

Na maioria das periferias onde chego, em todas as cidades brasileiras, mesmo longe das capitais, encontro grupos muitíssimo bem organizados, com propostas de ação cultural cada vez mais surpreendentes [...] assistimos também o nascimento de indústrias de entretenimento popular que produzem os maiores sucessos musicais das ruas de todo o país sem mais depender de grandes gravadoras e mídias para construir

³⁷¹ VIANNA, Hermano. *Central da Periferia*, p.7.

sua rede de difusão nacional³⁷².

Vianna comenta que um dos exemplos é o tecnobrega paraense, que desenvolveu novo modelo de negócio fonográfico que prescinde de gravadora para crescer, pois as músicas saem direto dos

computadores dos estúdios periféricos para os camelôs e festas das aparelhagens que animam as festas dos subúrbios de Belém com suas toneladas de equipamento de som e luz hoje com controle totalmente digital, laptops gravam tudo o que estiver tocando e os dançarinos podem comprar o cd com tudo o que acabaram de dançar, na saída da festa³⁷³,

numa instantaneidade veloz que é fruto das novas tecnologias usuais em qualquer parte, na Ilha das Onças, no Pato Macho, em Londres ou mesmo em Mapiraí ou Mupi ou Maiauatá ou Miami.

São um contingente considerável os que estão nessa participação, pois hoje, diante da enorme transformação global, há mais gente vivendo nas grandes cidades do que no campo, em razão de este não ter sido dotado de condições básicas que assegurassem às comunidades condições de vida que as mantivessem em seus lugares de origem, e então o bolo de desempregados é imenso, como enorme é a massa de jovens, e os governos não sabem lidar com essa população que canaliza sua energia, felizmente, produzindo o que Vianna chama de “mundos culturais paralelos”, para desespero dos que apostavam que desse universo só surgisse “miséria sem futuro”³⁷⁴.

Nas periferias das metrópoles e megalópolis, vivem imensos blocos populacionais, como é o caso do Paar, Bengui, Pato Macho, Terra Firme e outros chamados também de “invasões”, e esse pessoal está produzindo cultura.

Porém, como os mundos culturais periféricos não são homogêneos, muitos grupos culturais politizados detestam os produtos bregas das novas indústrias do “entretenimento periférico”, considerando então esses movimentos e seus produtos como “alienados e alienantes e reprodutores de desigualdades”³⁷⁵.

Contudo, Vianna tempera:

³⁷² VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁷³ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁷⁴ VIANNA, Hermano Op. cit., p.7.

³⁷⁵ VIANNA, Hermano. Op. cit. p.7.

As duas visões do mundo parecem incompatíveis, inconciliáveis, mas acabam produzindo, nas mesmas favelas – mas cada uma a seu modo, *as novidades mais vitais* (e nisso não há um julgamento estético – apesar de na minha opinião essas novidades muitas vezes serem mais interessantes também esteticamente) *da cultura brasileira como um todo*³⁷⁶ (grifos meus).

Entra aqui a chamada inclusão cultural, que Vianna entende ser idéia que necessita ser repensada ou mesmo descartada em razão de que quando imaginamos inclusão partimos da suposição de que o “centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia – que necessita ser inclusa”³⁷⁷. Para Vianna, é como se a “periferia não tivesse cultura. É como se a periferia fosse um dia ter – ou como se a periferia almejasse um dia ter, (ou seria melhor que tivesse) aquilo que o centro já tem (e por isso pode ensinar a periferia com chegar até lá, para o bem da periferia)”³⁷⁸.

Seria como afirmar que as novidades culturais devessem como que, exclusivamente, chegar em primeiro lugar aos centros ou imanescentes, e daí fossem se espalhando, com muito esforço, e conseguissem chegar à periferia.

Podemos perceber que a novidade a que nos referimos, contemporaneamente, é que a periferia não aguardou que o centro apresentasse as novidades, e o mais interessante é que, sem que o centro notasse, a periferia “inventou novas culturas, muitas vezes usando tecnologia de ponta”, causando pânico ao centro diante do crescimento incontrolável da periferia que aponta assim ao próprio centro o “caminho do futuro”, porque as periferias das cidades criam com impressionante rapidez novos “circuitos culturais e soluções econômicas – por mais precárias ou informais que sejam – para dar sustentabilidade para essas invenções”³⁷⁹.

Comenta Vianna que, de qualquer maneira, essa economia artística informal é produto de uma “inclusão social conquistada na marra, quando a periferia deixa de se comportar como periferia, ou deixa de conhecer o ‘seu lugar’, o lugar que o centro desejava que para sempre ocupasse (o lugar daquele que sempre espera ser incluído, que sempre acha que é do centro que virá sua libertação)”³⁸⁰. E sentencia Vianna:

³⁷⁶ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁷⁷ VIANNA, Hermano, Op. cit., p.7.

³⁷⁸ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁷⁹ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁸⁰ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

O Brasil vai ter que se acostumar com essa “inclusão” forçada, de baixo para cima, feita assim aos trancos e barrancos [...] E aí não é mais o centro que inclui a periferia. A periferia agora inclui o centro. E o centro, excluído da festa, se transforma na periferia da periferia³⁸¹.

A periferia, no quadro geral, já tem seus ídolos de massa consagrados pela própria periferia, os talentos já foram revelados, os projetos sociais da periferia já deram certo e influenciam a vida de sua população. A provocação abriu o debate, e finalmente a periferia, no espaço amplificado que ela própria abriu, conversa com o Brasil inteiro, e, como conclui Vianna, “Você não precisa gostar de nada que a periferia mostra. Você só não pode ignorar”³⁸² – tudo isso está acontecendo porque essa é uma realidade cultural da maioria, porque, hoje, a periferia é maioria, em todo o Brasil.

Ressalte-se que as proposições de Vianna dizem respeito a uma noção geográfica e sociológica de “periferia”, ao passo que, quando se afirma aqui que o escritor enfocado está na “periferia”, não se quer referir propriamente a uma condição marginal em termos do utilizado pelo jornalista, mas sim num plano de marginalização em relação ao cânone. Entretanto, num sentido geral, as duas realidades expostas se compatibilizam, pois ilustram a resistência dos excluídos.

Desse modo, Raymundo Moraes, Dalcídio Jurandir, os de ontem e os de hoje, o sistema deixe ou não, deverão ser mirados, ascender ao *podium* literário, comprovando globalmente que também o norte produz vida cultural inteligente.

³⁸¹ VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

³⁸² VIANNA, Hermano. Op. cit., p.7.

3.2 – SEM NEGAR PARCERIAS E SEM ABDICAR DA AUTONOMIA

E quem é o escritor³⁸³? No imaginário de alguns, ele é um ser de exceção, diferente dos outros, fora de série, um semi-deus com muitos poderes, dons para valer-se da escrita e tecer textos e textos e escrever, escrever completamente desligado do mundo no sentido de que vive para isso, de certa forma intocável e inacessível? E quando tem êxito de aceitação do público leitor, tem ampla venda, faz sucesso, isso é motivo de veto, impedimento ao cânone? O jornalista Fabrício Carpinejar constrói seus argumentos, comentando inicialmente: “o escritor não é um ser de exceção, fora de série. Não representa um semideus. Por ser tão prosaico é capaz de observar a normalidade de um jeito especial, de se importar com a banalidade e se identificar com o que é descartado”³⁸⁴.

O jornalista comenta que escrever é um trabalho de solidão que deve ser generosamente aberto às inquietações de seus contemporâneos e que a mistificação consolida o equívoco de que o escritor só depende de sua inspiração com talento e de mais ninguém, dando a impressão de que nasce pronto e alerta:

percebo uma passionalidade no meio autoral. Ou estão comigo ou contra mim. Faltam equilíbrio, humor e autocrítica, sobram pose e sectarismo. O escritor não consegue imaginar o leitor refugando seu livro. Não agüenta a hipótese de não ser lido simplesmente por não dar prazer. Botou na cabeça que a unanimidade o espera...³⁸⁵.

O jornalista sai explicando que o escritor, ao perceber resistência ao seu nome, logo insinua: “boicote e perseguição”, e vai texto afora comentando que o escritor quando não é premiado se julga um injustiçado pelo júri “comprado”, a imagem do artista incompreendido e marginal ainda provoca sucesso nas rodas de papos. O que diz abaixo é que nos parece um ponto mais importante para meditação:

³⁸³ O que é o escritor? O que é o livro, a leitura e o leitor? E o que é o autor? Embora não tenhamos a pretensão de responder estas questões, e nem serem objeto de nossa pesquisa, de nosso trabalho, nos valem de Chartier para ao menos na questão da função-autor entender que “Não se pode reduzir a formulações por demais simples ou unívocas a construção de uma função-autor, entendida como critério maior de atribuição dos textos. Ela não pode ser relacionada nem a uma única determinação, nem a um único momento histórico. A abordagem progressiva proposta neste texto, que submete a exame três exemplos de dispositivos – jurídicos, repressivos e materiais – fundamentais para a invenção do autor [...] a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores” (CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, p.58).

³⁸⁴ CARPINEJAR, Fabrício. *Mário Quintana, um par de sapatos para a posteridade*, p.66.

³⁸⁵ CARPINEJAR, Fabrício. Op. cit., p.66

Os escritores aceitos pela opinião pública parecem que não prestam ou não desfrutam de competência literária. Desde quando o público não é também um crítico? Por que se condena o sucesso alheio como se fosse causar infelicidade? O sucesso do outro não nos diminui, não apaga a nossa trajetória, não fecha nossas chances. Verifica-se uma limitação de mentalidade que inspira a enxergar o escritor com êxito como a exclusão do próprio êxito [...] Associa-se cultura o hermetismo e à privação da comunicação³⁸⁶.

O jornalista defende o ponto de vista de que o escritor seja influenciado pelo leitores: “o livro não muda os leitores. Os leitores é que mudam o livro e [...] devolvem o escritor a si mesmo”³⁸⁷.

Durante o tempo em que Raymundo Moraes teve as edições de seus livros esgotadas, essa aceitação da opinião pública teria sido o motivo para não ser inserido no cânone local? Será que o sucesso (na época) de Moraes foi motivo do veto? O êxito dele motivou a exclusão do próprio êxito? Fica no ar a questão.

Ainda relativo à atividade de escritor, o escritor em si, a “nossa vida literária”, o jornalista Bernardo Ajzenberg informa que a socióloga Nathalie Heinich publicou no ano 2000 um livro espelhado na realidade da França, estudo aprofundado de 30 entrevistas feitas com ficcionistas objetivando em algumas abordagens, como identidade, solidão, tempo, dinheiro, mídia, detectar especificidades dessa figura “não homogênea chamada escritor”.

O Ajzenberg explica que a autora do livro obteve de romancistas, dramaturgos, poetas, homens e mulheres de diferentes regiões francesas declarações diversas, resultando volumoso trabalho em que a autora procura entender até que ponto o escritor se dispõe a sacrificar os recursos materiais em favor das aspirações artísticas, procurando preservar a exigência da qualidade literária e da coerência pessoal, seu sustento e as profissões: escritor e jornalista, escritor e professor. O referido jornalista apresenta um depoimento “provocador” de um romancista então recentemente integrado à lista de mais vendidos: “um artista dialoga com sua obra. Um impostor dialoga com o público”³⁸⁸.

O jornalista conclui seu raciocínio apontando um rumo do qual também comungo pela pertinência e aplicação comum também aqui em nosso local de atividades:

Apesar das gritantes diferenças entre os meios literários francês e brasileiro, não é preciso vivenciar este último diretamente para saber que muitas das preocupações e

³⁸⁶ CARPINEJAR, Fabrício. Op. cit., p.66.

³⁸⁷ CARPINEJAR, Fabrício. Op. cit., p.66.

³⁸⁸ AJZENBERG, Bernardo. *Aerópago – Quem (ou o quê) somos*. P. 66.

quimeras tratadas por Heinich constituem o dia-a-dia “interior” dos nossos autores. Uma pesquisa assim, aqui, ajudaria a desvendar essa faceta, a diluir mitos e rótulos levianamente adotados, a desvelar mecanismos de formação da identidade, seus sonhos, o papel do marketing e do compadrio num mercado de livros precários. Ajudaria a elucidar, afinal, quem somos e porque insistimos em praticar essa coisa tão solitária (talvez nem sempre útil) que é o ato de escrever e, acima de tudo, em publicar o que escrevemos”³⁸⁹.

A questão do compadrio, posta, nos remete à situação de Raymundo Moraes, que hoje não possui “relações” com o mandarinato, embora, em sua época, tenha sido amigo e secretário do governador Magalhães Barata e tenha sido um homem influente, amigo de Getúlio Vargas, Presidente da República. Mas, sem dúvida, como diz o jornalista, num mercado precário de livros, essas questões pequenas só fazem mesmo retardar o reconhecimento e o estouro de nossa Literatura em outras plagas. A luta, por certo, deveria ser pela ampliação do mercado editorial, política do livro e afins e não o desfazimento do sucesso do concorrente por meios até sub-reptícios ou como metaforiza o escritor mexicano Juan Rulfo, um dos ícones da Literatura latino-americana, que “Soube então que no negócio dos galos nem sempre ganha o melhor ou o mais valente, e que, apesar das leis, os soltadores estão cheios de truques e prontos para fazer trapaças com muita manha e dissimulação”³⁹⁰.

No texto do antropólogo Samuel Sá, vamos ter outras observações muito pertinentes a respeito do tema do valor à cor local. Sá comenta que há um artigo a respeito da “história da difusão da ciência como valor colonizador...”, e explica:

Quer dizer, no dado argumento, a ciência entra, vamos dizer, quando grandes cientistas vieram aqui para a Amazônia para levar borracha, sob a forma de sementes de seringueira ou vieram aqui para levar sinais da presença indígena para a Europa, ou vieram aqui por “estarem” interessado no que é nosso, mas visto exclusivamente por seus próprios olhos, um argumento totalmente colonizador”³⁹¹.

Essa questão do interesse pelo que é nosso, mas visto por seus próprios olhos, é um tipo de leitura do “interesse” pelo que é deles. Porém, diz Sá, o artigo vai mais além e informa que mais tarde a população nativa inicia sua reação, como se desejasse dizer “o colonizador veio, mas nós é que moramos aqui, nós é que pagamos o preço, nós é que sabemos o que nos

³⁸⁹ AJZENBERG, Bernardo. Op. cit., p.66.

³⁹⁰ RULFO, Juan. *O galo de Ouro e outros textos para o cinema*, p.35.

³⁹¹ SÁ, Samuel. “O Imaginário: Discussão e Conceitos”, p.141.

dói”³⁹². O articulista explica que é um momento de transição, em que o colonizador “começa a ser contestado”, “a gente poderia pensar nisso em termos de Belém, a propósito daquelas famílias que mandavam os filhos para estudar na Europa. Chega um terceiro momento que não é só a base de transição, mas da autonomia...”³⁹³.

Importante a compreensão da autonomia que vai dar ou começar a propiciar uma enorme diferença nas relações. Sá passa a contar que desde 1972 trabalhou no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA e que não era doutor e que recebiam visitantes e sentia que as visitas de certa maneira vinham “dar as cartas”, não vinham embaralhar as cartas, “vinham dar as cartas”.

O antropólogo menciona que o discurso era: “vocês têm que fazer assim, assim, assim”, e que se sentia muito mal: “Se a gente quisesse suspender a cabeça, empinar o nariz, tinha que ser doutor, tinha que ter autonomia”³⁹⁴, ou seja, o preparo, o respaldo, o estofo, o alicerce, nem valiam, devia-se ir mais além, tinha que ser doutor, para poder ter vez e voz, e isso tudo numa região com baixo índice de escolaridade e alta taxa de analfabetismo, o resultado era sempre eles estarem por cima.

Sá questiona: “O que se coloca para mim como cultura amazônica?” A resposta é imediata: “É um momento, uma espécie de descoberta, que para nós se coloca como decisões que nós, nativos, inventamos ou reconhecemos. Aí sim, a gente diz que tem cultura”³⁹⁵.

O que o antropólogo costura é que temos uma experiência habitacional, demográfica que “ninguém conhece”, cuja tendência é ser valorizada a partir do olhar da “cidade” e não do “olhar nativo” e o que é pior, diante disso, é que não haverá, entende Sá, cultura, mas sim leis importadas, decididas “de fora para dentro” sem dúvida, extramente desumanas.

E alerta os jovens para a necessidade de inferir que não haverá cultura se “nós não assumirmos como nossa a nossa história, os nossos sonhos, as nossas dificuldades”³⁹⁶. É mesmo para não ter vergonha do que é seu porque em nossa cultura, endeusamos os “ídolos” europeus, americanos e franceses, o que é muito de preocupar, porque é como se nós e os nossos nada fizéssemos. Claro que devemos reconhecer traços e valores da cultura externa, não deixamos, com isso, de ser universais, “guardamos um olhar aberto”.

³⁹² SÁ, Samuel. Op. cit., p. 141.

³⁹³ SÁ, Samuel. Op. cit., p.141.

³⁹⁴ SÁ, Samuel. Op. cit., p.141.

³⁹⁵ SÁ, Samuel. Op. cit., p.142.

³⁹⁶ SÁ, Samuel. Op. cit., p. 142

É certo que não podemos ficar imaginando que basta “traduzir livros e os colocar na escola, etc., como consumidores. Somos produtores”³⁹⁷. Tem que se publicar.

Quanto a isso, analisa o antropólogo Sá:

Não quero apenas saber se tem conhecimento, eu quero que tenha conhecedores que produzam conhecimentos. Quer dizer, uma medida anterior dos produtos, quer dizer, se tiver gente destemida, gente corajosa, gente para falar, gente para escutar, gente não apenas, para registrar, mas para combinar coisas, provavelmente, vai haver sim, as soluções³⁹⁸.

Sem dúvida, entende o analista, que temos capacidade criadora e crítica, para admirar o que somos e admirar o que o caboclo faz, por exemplo, montar canoa, fazer tipiti, brinquedos de miriti, tem capacidade quando brinca de boi bumbá, aí é que está a graça da cultura que vem da imaginação e o imaginário dos diversos profissionais como operários, engenheiros, cantores, carnavalescos, arquitetos, imaginadores que não abrem mão do “poder onírico e decifrador do imaginário”³⁹⁹, e o interessante é que fica um “negócio sério”, quer dizer, “se eu abdicar do falatório de ser cópia [...] haverá ou não cultura, dependendo da gente”⁴⁰⁰.

E fecha, convicto:

Se a gente assumir a responsabilidade, para não deixar que sejam apenas consumidores alienados, então haverá cultura, seria bom a gente capitular ao colonizador de ontem ou a globalização de hoje. Isto, se queremos ser um povo com metas mesmo sem negar parcerias possíveis – no ensino, na pesquisa, na extensão. Sem negar parcerias e sem abdicar da nossa margem de autonomia⁴⁰¹.

Parece que Raymundo Moraes desejou sempre ser original e jamais cópia, teve coragem, mostrando a autonomia de que fala Sá, produzindo (“somos produtores”), no caso dele, inúmeras obras, todas com pesquisa, não tendo vergonha de falar e mostra a cor local de seu porto de nascimento, a Amazônia, com “capacidade criadora e crítica”, contribuindo com a cultura de nossa região, sem “endeusar europeus, americanos e franceses”, mas consciente de que valorizar o que é seu é um caminho para formar um novo momento, a cultura

³⁹⁷ SÁ, Samuel. Op. cit., p. 142

³⁹⁸ SÁ, Samuel. Op. cit., p. 142

³⁹⁹ SÁ, Samuel. Op. cit., p.143.

⁴⁰⁰ SÁ, Samuel. Op. cit., p.142-143

⁴⁰¹ SÁ, Samuel. Op. cit., p.143.

amazônida de que fala Sá, atento para o olhar nativo, assumindo nossa história, os sonhos e dificuldades inclusive de estar num imerecido olvido contra o qual o presente trabalho se levanta.

Corroborando toda exposição acerca do que tenho posicionado neste trabalho a respeito do esquecimento do escritor Raymundo Moraes e de sua obra e o objetivo desta produção que é colaborar para que o autor e sua produção possam ser visto, reconhecido e novamente apreciado, demonstro como se posiciona Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm, por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade⁴⁰².

O embasamento ainda é nos posicionamentos de Foucault:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa⁴⁰³.

Isso significa dizer que, mesmo se, no Brasil, na Amazônia, no Pará, em Belém, toda a população tivesse acesso à educação por ser um direito e isso gerasse a obtenção de instrumentos que possibilitassem ter acesso a qualquer tipo de discurso, gerando, conseqüentemente, por todos, nessa condição, uma apropriação social do discurso, haveria uma interdição, interditos, marcas de não ultrapassagem naquele assunto, por ser, digamos, da seguridade social do próprio sistema de educação ou de ensino. Todos mantêm um grau de interdição, como que se resguardando, tendo uma margem de segurança do poder e do saber, sobretudo da escrita, e isso está intimamente vinculado aos escritores e está ligado ao que Foucault chama de “pertença prévia, pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação”⁴⁰⁴. E vale o reforço do filósofo:

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe,

⁴⁰² FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*, p.8-9.

⁴⁰³ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p.8.

⁴⁰⁴ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p.43.

conseqüentemente, todos os outros; mas ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferencia-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam⁴⁰⁵.

Porque, leciona Foucault, “Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”⁴⁰⁶.

Ainda sobre este mesmo assunto, vale observar os enunciados de Paiva, que afirma que, “No Brasil, a elite dominante é contra o brasileiro”, explicando que a pobreza e a miséria não são conseqüência de destino, de fatalidade, sorte ou azar ou do acaso de assim ser, mas sim “produto de estratégias sociais em que o povo sofre exclusões, discriminações...”⁴⁰⁷.

E a resultante, comenta Paiva, é que

A história escrita pelos dominadores e pelos “donos do poder” é de humilhação, de escravidão, de imolações e de privações [...] numa serventia que significa detratar, maltratar, enxovalhar o brasileiro como um animal peçonhento, barbarizado, selvagem, sem caráter...⁴⁰⁸.

A opinião é de Paiva: “não há espaços políticos para os brasileiros estudarem e se capacitarem a dominar a língua culta e terem acesso à informação, ao conhecimento”⁴⁰⁹. E continua: “As universidades também contribuem para a manutenção dessas elites por se apropriarem de conhecimentos e saberes que não são compartilhados com o povo”⁴¹⁰.

Paiva então aponta que “na educação e na saúde, concentram-se as táticas de dominação, por meio do ensino medíocre, e na saúde pela prática de uma deficiente formação profissional [...] ou seja, uma forma subliminar de condenar o brasileiro”⁴¹¹.

Mais uma vez se comprova que o interdito primeiro é nosso, é o próprio brasileiro que desfaz do brasileiro na tática de excluir, de fazê-lo permanecer fora, e no contexto paraense a situação é a mesma ou até pior, e novamente é ainda Paiva quem questiona: “No Pará, quais são os deuses que impedem que o paraense tenha o direito de sonhar? [...] quais são os deuses

⁴⁰⁵ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p.43.

⁴⁰⁶ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p.37.

⁴⁰⁷ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. *Sob o domínio das elites*, p.2.

⁴⁰⁸ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Op. cit., p.2.

⁴⁰⁹ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Op. cit., p.2.

⁴¹⁰ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Op. cit., p.2.

⁴¹¹ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Op. cit., p.2.

que disseminam a mediocridade, a vulgaridade e a banalidade que se voltam particularmente contra os pobres?”⁴¹².

Leciona Paiva que o ensino e a educação no âmbito paraense – da creche da educação básica ao doutorado da pós-graduação – “não contribuem, como sonho e desejo, para que o paraense tenha a informação e o conhecimento como instrumentos de autonomia intelectual e cultural que o capacite a lutar por seus direitos de cidadania...”⁴¹³.

Ainda sobre essa questão, Del Castilo, na sua tese de doutorado, chama a atenção, dizendo que “A literatura de Dalcídio Jurandir faz soar ao leitor as vozes das minorias subalternas da Amazônia, historicamente excluídas dos projetos de desenvolvimento da região. Caboclo, índio, negro estão na condição de ‘não ser e ser outro’”⁴¹⁴. Em nota à citação, Castilo acrescenta o seguinte tópico de Paulo Emílio Sales Gomes: “Não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultural original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética entre o não ser e o ser outro”⁴¹⁵.

Talvez, cumprindo o papel de valorizar o que ainda não pesa, e aí um dos meios de interdição a que aludem Paiva e Foucault, Raymundo Moraes é um dos que não conseguiram ainda rebrilhar no tempo, provavelmente por trazer o local, o periférico, o popular, a cultura da minoria, do que está fora dos sistema. Assim, tenho intuição de que devemos sempre apresentar, ainda que sejam dados insipientes, algum estudo empírico sobre a nossa cultura contemporânea, aquela que vem das camadas populares.

Nesse sentido, vale ressaltar, com Bosi, a idéia que se faz aqui do que seja cultura popular:

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco. A divisão de tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, a romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho

⁴¹² PAIVA, Meirevaldo Jonair de. *Para ganhar a década*. p.4.

⁴¹³ PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Op. cit., p.4.

⁴¹⁴ DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. *Lanterna dos Afogados. Literatura, História e Cidade em meio à selva*, p.15-16.

⁴¹⁵ Apud DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. Op. cit., p.16.

e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar...⁴¹⁶.

Além de tratar do conceito de cultura na passagem citada, Bosi se debruça sobre ele e seus desdobramentos logo na primeira parte de seu livro. No tocante ao que se lê acima, vale ressaltar o reforço que se encontra nas seguintes considerações do Professor Benedito Nunes:

cultura, termo que vem de *colere* – palavra e conceito de procedência romana – significando ao mesmo tempo, para o indivíduo e para a sociedade, na perspectiva convergente das ciências, letras, artes e técnicas que caracterizam a cultura geral, – “cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar”⁴¹⁷.

Entendo que podemos combinar o universalismo com os valores singulares da nossa cultura, compartilhando conhecimentos, demarcando um processo dialético dos mais significativos, em que há um processo consciente de, para ser oswaldiano, assimilação *antropofágica*. É nesse sentido que Donaldo Schüller, assegura: “Para Oswald de Andrade a apropriação é rito antropofágico em que os participantes do repasto absorvem as forças do inimigo”⁴¹⁸.

E ao que parece, mesmo com a trincheira do mandarinato que domina e faz o cânone local, o que vem sendo gestado e produzido pela periferia faz sua hora, a elite goste ou não, aceite ou rejeite, pouco se lhe dá o que é resultante dos movimentos sociais, essa pororocacabanagem se aproxima, com as mutações, certamente.

Na experiência cotidiana, com relação à obra do autor local, a acolhida tem se revelado péssima; a “fortuna” é, quando vem, quase sempre, póstuma. É preciso um processo, depois a beatificação, depois a santificação. Mas há uma inquietação estética que gera um risco para a renovação, mas é preciso passar por esse ritual de batismo, em que somos entregues ao poder *purifica-dor* das águas, as mesmas águas que, simbolicamente, podem representar a glória ou o mergulho no mais profundo do Letes.

Há de chegar o dia em que, igual ao futebol, que ocupa os programas de toda mídia, sobretudo no rádio, e também de forma similar à música que toca nas rádios o dia inteiro, a Literatura Paraense apareça, rompendo todas as dominações oligárquicas.

⁴¹⁶ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*, p.324.

⁴¹⁷ NUNES, Benedito. *Um Conceito de Cultura*, p.24.

⁴¹⁸ SCHÜLER, Donaldo. *Do homem dicotômico ao homem híbrido*, p.17.

Tomara! Pois, do contrário, a elite, o mandarinato – com seu cânone local – continuará dando as cartas, sendo boa apenas a Literatura que é ungida pelo mandarim, o que sobra vai para o perau. E o *status quo*... se mantém.

UMA QUASE-CONCLUSÃO

Ante a narrativa do jornalista João Malato, consigo imaginar Raymundo Moraes em seu traje habitual: terno de linho branco e gravata borboleta, cavalgando amazonicamente uma rede banca de largas varandas, fazendo anotações para seus futuros livros, ou, numa redação de jornal, preparando seus editoriais, mas também consigo vê-lo dirigindo a Biblioteca Pública, na inspetoria do Colégio Paes de Carvalho, numa cela do Presídio São José, após ter cometido um homicídio no início de sua carreira literária; consigo vê-lo fazendo sucesso literário em Belém e no Rio de Janeiro e entre as mulheres, e vou-me valer do que conta seu próprio filho Aldo Moraes – que procurava ser discreto para não ser notado como “filho da celebridade” – a respeito de seu porte físico “que fez, de meu pai, um silencioso déspota de fêmeas”.

No final deste trabalho, entendo que é bom re-esclarecer que não foi meu propósito traçar a biografia de Raymundo Moraes e nem analisar ou fazer estudo de seus livros, mas, dentro de meus limites, procurar mostrar, chamar a atenção para o escritor (e sua obra) que conseguira projeção nacional e caiu num esquecimento inaceitável e incompreensível diante do que produziu, sendo este apenas um dos inúmeros casos encontrados em nossas letras – o que se diz a respeito das obras de Acrísio Mota ou mesmo Eustachio de Azevedo e Juvenal Tavares?

Sem procurar fazer análise de seu *ethos*, de sua natureza psicológica, chama a atenção o desencanto e a melancolia de que foi tomado Deodoro Machado de Mendonça ao constatar, horas depois da morte de Raymundo Moraes, a indiferença da cidade de Belém, onde nasceu, diante do esquife do artista que a honrou e exaltou, e dos próprios colegas de profissão, quer os escritores ou mesmo os jornalistas, inobstante, como diz Malato, a “catadura férrea com que Raimundo Moraes (sic) limita as distâncias que não desejava ver ultrapassada por quem não lhe interessava conviver” e ser pessoa de temperamento “passional e radical por excelência”⁴¹⁹.

Raymundo Moraes “não era mau” – é a informação de quem conviveu de perto com o escritor, o jornalista João Malato que o conheceu bem –, apenas não fazia concessões a quem lhe caísse no desagrado. O seu refrão predileto e que lhe repetia continuamente era este: “o

⁴¹⁹ MALATO, João. *No Centenário de Raimundo Moraes*, p.4.

cadáver do inimigo sempre cheira bem” – “Possuía integridade moral inóspita, agravada por um agudo sentido de pudor pessoal que levava às últimas consequências”⁴²⁰.

Fazendo contra-ponto, encontramos o escritor Peregrino Junior⁴¹ afirmando que Raymundo Moraes lhe deu uma “impressão amável. É um ‘gentleman’. Polido, discreto, fino, não tem nada de provinciano nem de enfático. É um homem com o qual é grato conversar”⁴²¹.

Mas ainda é Malato quem conta que o Presidente Washington Luis Pereira de Souza, em visita a Belém, por volta de 1926, ao falar, no Theatro da Paz, dos problemas e da natureza Amazônicas, e por isso mesmo encantava a platéia, fez uma pausa para, a seguir, revelar a fonte científica e literária em que se abeberara para exhibir tão profundos conhecimentos do nosso mundo e das nossas coisas. E confessou o agrado e o deslumbramento com que tinha manuseado e lido, a bordo do navio em que viajara, desde o Rio de Janeiro até Belém, um livro recém aparecido, de um autor amazônida e que reputava como um dos melhores que haviam versado os assuntos da hileia brasileira e citou, então, o título da obra: *Na Planície Amazônica*, seguido do nome do autor: Raymundo Moraes.

Uma bomba de 100 megatons que tivesse sido acionada naquele instante e naquele lugar não teria produzido um efeito tão devastador. Dos políticos e homens públicos que participavam da homenagem, pelo menos dois terços deles eram constituídos de *adversários rancorosos do escritor* que acabara de ser tão ostensivamente glorificado⁴²².

Aldo Moraes, filho do autor de *Amphiteatro Amazônico*, é quem nos relata que em plena fase do colonialismo inglês no Pará, no princípio do século, quando luz elétrica, bonde, esgoto, palácios, pontes, instalações portuárias de Belém eram de construção estrangeira, vivendo sob pressão física da influência estrangeira, em casa, na rua e a bordo, *Raymundo Moraes permaneceu fiel à natureza que o cercava e ao povo a que pertencia* e por essa diferença de mentalidade, esse conflito intelectual de conceituação de independência do artista e do pensador, em relação aos seus deveres perante a sua terra, que *levaram certos literatos a romper relações com Raymundo Moraes*, que não sabia ler francês nem inglês, como era de bom tom para a elite e a cultura nativa, mas sabia falar o idioma do caboclo,

⁴²⁰ MALATO, João. Op. cit., p.4.

⁴¹ João da Rocha Fagundes Peregrino Júnior.

⁴²¹ In: MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, p.205.

⁴²² MALATO, João. Op. cit., p.4.

sabia ler fenômenos da natureza e entender o “dialeto dos mapeamentos vegetais e das cartas geogênicas...”⁴²³.

Teria sido por tudo isso, ou não, que Raymundo Moraes entrou, depois do sucesso, em rota de esquecimento imediatamente após sua morte, pois já no enterro, poucos estiveram presentes?

Teria sido ainda pelo resquício dos ciúmes e das invejas que muitos sentiam do escritor, do jornalista, do homem bem posicionado, bonitão, por injunções políticas ou mesmo de qualquer outro tipo de razão ou ordem que desnomearam a escola primária que levava seu nome?

Ah, sim, este é um fato que bem fala da mesquinharia que grassa na sociedade, é um exemplo concreto do birutismo que norteia a política partidária em nosso meio, variando conforme o humor dos donos do poder.

Vou me valer de artigo do jornalista João Malato, escrito possivelmente⁴²⁴ no jornal *Folha do Norte*, em sua coluna intitulada *Assunto de Hoje* e que tem por título: *Placas que mudam de nome*:

A propósito da retirada subreptícia da placa contendo o nome do escritor Raimundo Moraes (sic) da fachada de uma humilde escola primária no Maguary, o nosso confrade Santana Marques teceu, pela sua coluna de jornal, considerações que nós subscrevemos integralmente⁴²⁵.

Malato comenta no artigo que esse é um costume velho do subalternismo e do politiquismo dos homens que passam pelas funções públicas, no Pará, preocupados unicamente em serem subservientes para poderem conservar-se na efemeridade do poder, essas “celebridades a prazo fixo”, como nomeou o jornalista Paulo Maranhão, esquecendo que a verdadeira glória vem do talento. Malato adverte: “O Pará deve ao escritor, mais do que uma tabuleta no frontispício de uma pequena escola nas vizinhanças do Matadouro Estadual. Deve-lhe, sobretudo, a constância e a autenticidade de uma *vocação literária que se devotou a Amazônia até ao fim*”⁴²⁶ (grifo meu).

Malato observa que não existe na Hiléia Brasileira um só

⁴²³ MORAES, Aldo. *Moraes, Raymundo (um século)*, p.369.

⁴²⁴ Trata-se de uma dedução minha, pois o referido material me foi repassado pela filha do jornalista, a senhora Betânia Malato, pelo que agradeço. Porém o artigo estava sem referência quanto a local e data de publicação, bem como sem identificação do periódico.

⁴²⁵ MALATO, João. *Assunto de hoje – placas que mudam de nome*, p.3.

⁴²⁶ MALATO, João. Op. cit., p.3.

quadro da natureza, uma só esquina da vida, uma curvatura do rio, um descampado fluvial, uma cópia de samaumeira abobadando a monotonia de uma floresta – um simples cipó florido balouçando sobre as águas – que não tenha servido de motivo para uma página de comovida exaltação artística desse enamorado fixador de panoramas. Como divulgador dos mistérios e das peculiaridades da região amazônica, poucos são os escritores brasileiros que o podem superar no conhecimento pessoal dos assuntos, na autenticidade do vocabulário e na opulência do estilo⁴²⁷.

Ao que se tenha conhecimento, esta seria a única homenagem pública a Raymundo Moraes, a escola primária no bairro do Maguary, e, mesmo assim, foi desfeita, possivelmente para que chegasse o mais rápido ao esquecimento – Maguary é também nome de rio, e carrega em si os elementos que demarcam parte significativa da vida do autor: mÁGUArY [dos rios que singrou a bordo das embarcações] e MÁGUArY [decorrente dos inúmeros percalços por que passou], porém, no final das contas, o que prevalece é outro rio – sempre o Letes!

A indiferença que tanta melancolia causou em Deodoro de Mendonça é o que marca e chama atenção e perdura desde o enterro de Raymundo Moraes, que permanece sepultado para a academia, para os pesquisadores e, em especial, para a contemporânea sociedade civil que nunca ouviu falar dele, não conhece suas obras, nada sabe e, se nada for feito, a cada dia fica mais distante e vivendo num tempo em que as pessoas não têm tempo, tudo é efêmero e descartável, fica cada vez mais difícil o *resgate*, por isso urgem providências para o cometimento da justiça literária.

Será que o grande motivo era o fato de Raymundo Moraes ser detentor do conhecimento (adquirido através da leitura, mas, sobretudo, de forma empírica, como comandante de navios) da ciência, da episteme e da postema?

A verdade é que, num trabalho, pode-se não se chegar a nenhuma conclusão, o que não deixa de ser também um concluir. Não é totalmente o caso aqui.

Mas, não resta dúvida que, por tudo que foi exposto, perquerido, pesquisado, analisado e interrogado, chega-se pelo menos a uma certeza cristalina, a uma pequena conclusão, auxiliado pelas técnicas e teorias dos doutos – aquilo de que se desconfiava, no início dessa investigação científica se apresenta como quase-certeza: na verdade, Raymundo Moraes permanece morando na *Planície do Esquecimento* da região que tanto amou, defendeu e divulgou.

⁴²⁷ MALATO, João. Op. cit., p.3.

Por isso, depois de todo percurso, o que existe no *corpus* desta dissertação é um clamor para um sério cometimento de justiça. Raymundo Moraes é uma das muitas vítimas da sociedade literária nem sempre justa ou quase sempre injusta, porque faz uma opção eletiva e segrega, esquece, exclui alguns dos que demonstram valor cultural, fazem arte literária com seriedade e ardor.

O que a valorização de Raymundo Moraes traria de contribuição à Universidade Federal do Pará e às demais IES e para todos os outros setores da sociedade? Na verdade, a questão é: o que todos ganharíamos se valorizássemos o que é nosso e também o escritor paraense e sua produção? Teríamos, com segurança, um maior conhecimento de quem somos e o que estamos gestando nesta região em termos culturais que modificará a vida de cada íncola, como está posto no Manifesto Curau de Vicente Franz Cecim: “nossa história só terá realidade quando o nosso imaginário a refizer, a nosso favor”⁴²⁸. Não fazendo isso, entendemos que todos perdemos por não nos darmos chance de saber o que existe dentro da caixa preta de nossa cultura que está em processo.

Por isso, resgatar do olvido Raymundo Moraes é um direito, é se fazer justiça a um respeitável escritor paraense, por isso, novamente repetimos o conteúdo da epígrafe da introdução: “Resgatar um intelectual do valor de Raimundo Moraes (sic), de imerecido olvido, é uma reivindicação que dignifica o Pará, sua terra que tanto amou e ilustrou com ressonância além de suas fronteiras.”⁴²⁹.

E essa é uma tarefa de cada um, de todos, e começa quando se detecta uma situação de injustiça ou se deseja aprimorar um sistema literário para que não caia nessas armadilhas que o próprio ser humano arma, afinal, universal é aquilo que nasce, que vem do coração do povo.

⁴²⁸ CECIM, Vicente Franz. *No coração da luz/centelha para um segundo manifesto curau, ou não*, 1983/2003, p.2

⁴²⁹ BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*, p. 383.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS. *Quadro social*. Belém: Cejup, 2006.
- AJZENBERG, Bernardo. Quem (ou o quê) somos. *Revista EntreLivros*. São Paulo: Dueto Editorial, ano 2, n.13, p.66, maio 2006.
- ALVES, Isidoro. *A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré*. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP, v.19, n.54. p.315-332, maio/ago. 2005.
- ANDRADE, Oswald de Andrade. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.326-331
- ANDRADE, Mário de. A Raimundo Mores. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Paris: Association Archive de la Littérature Latino-Américaine des Caraïbes et Africaine du XXe. Siècle; Brasília: CNPq, 1988. p.426-427 (Coleção Arquivos, v.6)
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores)
- AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura Paraense*. 3.ed. Belém: Secult / Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 1990. (Série Pará Conta, 7)
- ARAÚJO, Luciana. Sérgio Sant'Anna: "A qualidade é sempre um ato de ruptura". *Revista EntreLivros*. São Paulo: Dueto Editorial, ano 1, n.10, p.20-25, fev. 2006.
- AUTORES paraenses ganham destaque em pesquisas. *COMUNICADO: semanário da Universidade da Amazônia*, Belém, ano 27, n. 1349, 3 abr. 2006. Literatura, p. 5.
- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux: mémoire et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984.
- BASSALO, Célia. Apresentação. In: MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*. São Paulo: Roswitha Kempf, 1985. p.7-11
- BASSALO, Célia. *Escreve (a)*. Belém: Amazônia; Paka-Tatu, 2005.
- BATES, Henri Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1979.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense. 1994. p.197-221

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIBLIA Sagrada. 5.ed. São Paulo: Ave Maria, 1985.

BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA. *Catálogo de obras raras da Biblioteca Pública "Arthur Vianna"*. Belém: SECULT; FCPTN, 2001.

BOGÉA, José Arthur. *Bandolim do diabo (Dalcídio Jurandir: fragmentos)*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

BOGÉA, José Arthur. Literatura amazônica é uma ilustre desconhecida no Brasil. *O Liberal*, Belém, 9 nov. 2001. Caderno Cartaz, p. 3. Entrevista concedida ao jornal *O Liberal*.

BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. 2.ed. Belém: Cejup, 1986.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAGA, Genesino. Raymundo Moraes. *Revista do Conselho Estadual de Cultura do Pará*, Belém, ano 2, n. 8-9, p. 371-376, jul./dez. 1972.

BRAGA, Robério dos Santos Pereira. Prefácio. In: MORAES, Raymundo. *À margem do Livro de Agassis*. 2.ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2001.

BRANDÃO, Aline de Mello. *Viola D'Água. Poesia*. Belém: Falangola, 1986.

BRITO, Célia. *Apresentação*. In BASSALO, Célia. *Escreve (a)*. Belém: Amazônia / Paka-Tatu, 2005. p.6

BRITTO, Luis Percival Leme. Educação deve estar vinculada aos direitos sociais. *Beira do Rio: informativo da Universidade Federal do Pará*, Belém, v. 6, n. 46, dez. 2006. Entrevista concedida a Jonas Santos.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. O mal estar nos estudos culturais. *Revista Fractal*, ano 2, n. 6, jul./set. 1987, p. 45-60. Disponível em: <[http:// www.fractal.com.mx/F6cancli.html](http://www.fractal.com.mx/F6cancli.html)>, tradução José G. Fernandes, apostila UFPA.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudo de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

CARDOSO, Sérgio. Cult 100. *Revista Cult*, São Paulo, ano 9, n. 100, p. 28, mar. 2006.

CARPI, Pier. *As profecias do papa João XXIII: a história da humanidade de 1935 a 2033*. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

CARPINEJAR, Fabrício. Mário Quintana, um par de sapatos para a posteridade. *Revista EntreLivros*. São Paulo: Dueto Editorial, ano 1, n.12, p.66, maio 2006.

CECIM, Vicente Franz. *No coração da luz: centelha para um segundo manifesto curau, ou não*. 1983/2003: 20 anos de Manifesto Curau. Belém, 2003.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UnB, 1999.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: Edufpa; Unamaz, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CONDE, R. S. Silva. *Cirrose Hepática*. Belém, 2007.

CORRÊA, Maués Paulo. *Inglês de Sousa em Todas as Letras*. Belém: Paka-Tatu, 2004.

CORRÊA, Mariza. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CORNEJO POLAR, Antonio. Os sistemas literários como categorias históricas – elementos para uma discussão Latino-Americana. In: VALDÉS, Mário J. (org.). *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.47-53

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Biografia de Maria Elizabeth Emilia Snethlage. In: CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Paraense Emílio Goeldi, I*. Belém: PR/STC/CNPq, 1989. p.83-102 (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira)

DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DANIEL, João. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 95, t.1, 1975.

DEL CASTILO, Luis Heleno Montoril. *Lanterna dos Afogados. Literatura, História e Cidade em meio à selva*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Escala, s.d. (Coleção Grande Obras do Pensamento Universal, 10)

FARES, Josebel. Representações Poéticas das Águas Amazônicas. *Anais da Associação Brasileira de Estudos Semióticos*. II Congresso Internacional: Brasil, identidade e alteridade.

n.2, vol. 1, nov. 2005 – São Paulo: PUC. (Publicado em CDroom)

FARO, José Antonio. Editorial. *Revista Cidade Nova*. São Paulo, n. 5, p. 3, maio. 2006.

FAULHABER, Priscila & TOLEDO, Peter Mann de (Coord.). *Conhecimento e Fronteira: História da Ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. (Coleção Alexandre Rodrigues)

FERNANDES, José Guilherme dos S. Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Literatura Amazônica ou Literatura da Amazônia?. *Moara*. Belém: UFPA, n.23, p.178-189, jan./jun. 2005.

FERNANDES, José Guilherme. *Implicações e complicações entre literatura e cultura popular*. Belém: UFPA, [2005]. Apostila.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Luis Augusto. Uma edição nova e inovadora. In: LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. p.5-29

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história: introdução ao estudo da filosofia e do materialismo histórico*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUERREIRO, Manoel Gabriel Siqueira. *Apresentação*. In: TEIXEIRA, João Batista Guimarães & BEIEGEL, Vanderlei de Rui (orgs.). *Carajás: Geologia e Ocupação Humana*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Amazônia: como aproveitar os benefícios da destruição? *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/USP, v. 19, n. 54, p.115-135, maio/ago. 2005.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte)

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.

KOTHE, Fávio René. *Pólemos e o Belo: o sistema canônico brasileiro*. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2000. (Cadernos IAP, 4)

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 2004.

LEAL, Cláudio de LaRocque. Entre a crítica e o árduo trabalho de fomento à arte. *Jornal Mão Livre*: publicação periódica da Galeria Teodoro Braga, Belém, ano 3, n. 7, p. 6-7, abr. 1998.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LYOTARD, Jean- François. *Moralidades pós-modernos*. Campinas: Papirus, 1996.

MAIOR, Mário Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. 2.ed. Goiânia: Kelps, 2000.

MALATO, João. No centenário de Raimundo Moraes. *Jornal Folha do Norte*, Belém, 22 a 29 nov. 1972. 1º caderno, p. 4.

MALATO, João. Placas que mudam de nome. *Jornal Folha do Norte*, Belém, [19--?]. Assunto de hoje, 3.

MALATO, João. O vocabulário do caboclo e o seu verdadeiro revelador. *Crítica*: vespertino independente, Belém, ano 1, n. 2, 16 fev. 1931. p. 1.

MALATO, João. Na Planície Amazônica: novo livro de Raymundo Moraes. *Revista de Pernambuco*. Recife, 1926.

MALATO, João. Os juizes que já tivemos. *O Liberal*, Belém, 24 maio 1980.

MEIRA, Clóvis et al. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: Academia Paraense de Letras; Cejup, 1990a. v. IV

MEIRA, Clóvis et al. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: Academia Paraense de Letras / Cejup, 1990b. v. VI

MEIRA, Silvio Augusto de Bastos. *Os Balateiros do Maicuru*. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília: INL, 1984.

MIRANDA, Wander Melo. "Pós-modernidade e tradição cultural". In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *O discurso crítico na América Latina*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2000.

MONTEIRO, Benedicto Wilfredo. *Centenário da Academia*. Discurso proferido na Assembléia Legislativa do Pará, em maio de 2000.

MONTEIRO, Benedicto Wilfredo. *História do Pará*. Belém: Amazônia, 2001.

MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e Assombrações de Belém*. 2.ed. Belém: Cejup, 1993.

MORAES, Aldo. *Ouro Quebrado*. 2.ed. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura do Amazonas; Universidade Federal do Amazonas; Edua, 2003.

MORAES, Aldo. Raymundo Moraes: um século. *Revista do Conselho Estadual de Cultura*, Belém, ano 2, n. 8-9, p. 365-369, jul./dez. 1972.

MORAES, Eneida. *Cão da Madrugada*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

MORAES, Raymundo. *Os Igaraúnas*. São Paulo: Roswita Kempf, 1985.

MORAES, Raymundo. *O Mirante do Baixo Amazonas*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s.d.

MORAES, Raymundo. *Amphitheatro Amazônico*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1936.

MORAES, Raymundo. *O meu diccionario de cousas da Amazonia*. Rio de Janeiro: Alba, 1931. 2.v.

MORAES, Raymundo. *À Margem do livro de Agassiz*. 2.ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORAES, Raymundo. *O Homem do Pacoval*. 2.ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MORAES, Raymundo. *Na Planície Amazônica*. 7.ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000 (Coleção Brasil 500 anos).

MOREIRA, Eidorfe. “Flor das águas”. In: MARANHÃO, Haroldo (org.). Pará, Capital: Belém: memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade. Belém: Supercores, 2000. p.44-45

MOREIRA, Eidorfe. Sobre o Autor. In: LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. p.189-195

NUNES, Benedito. A Filosofia nossa de cada dia. *Jornal Mão Livre*: publicação periódica da Galeria Theodoro Braga, Belém, ano 3, n. 10, p. 8-9, jan. 1999.

NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

NUNES, Benedito. *Um Conceito de Cultura*. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 2004. (Documentos Culturais 2)

NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998.

NUNES, Benedito. Lula é apenas o messiânico da vez. *O LIBERAL*, Belém, 30 de out. 2006. Caderno Painel/Política, p.6. Entrevistado concedida a Edson Coelho de Oliveira.

NUNES, Benedito & HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém - Manaus*. Belém: Secult, 2006.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. Literatura aproxima Belém de Manaus. *O Liberal*, Belém, 20 set. 2006. Caderno Atualidades, p. 10.

NUNES, Paulo. *Literatura Paraense existe?* Disponível em: <<http://www.portaldamazonia.org.br>>.

OLIVEIRA, José Aldemir. *Cidades na Selva*. Manaus: Valer, 2000.

OLIVEIRA, José Coutinho de. *Folclore Amazônico – Lendas*. Belém: São José, 1951. v.I

PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Para ganhar a década. *O Liberal*, Belém, 31 dez. 2006, 1 de jan. 2007. Caderno especial.

PAIVA, Meirevaldo Jonair de. Sob o domínio das elites. *O Liberal*, Belém, 5 fev. 2007. Caderno Atualidades, p. 2.

PANDOLFO, Clara. *Amazônia Brasileira: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras*. Belém: Cejup, 1994. (Coleção Amazoniana; 4)

PANTOJA, Edilson. *O Extremo-Norte: finitude e nihilismo em Dalcídio Jurandir*. Dissertação de Mestrado. Belém: Curso de Mestrado em Letras / Universidade Federal do Pará, 2006.

PANTOJA, Edilson. *Não existe uma literatura paraense?* Disponível em: <<http://www.dalcidiana.blogspot.com.br>>. Acesso em: 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIZARRO, Ana. Imaginario y discurso: la Amazônia. In: JOBIM, José Carlos et al. (Orgs.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005. p.130-151

PUBLISHNEWS. *O rio em chuteiras*. 2006.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Gênova: Bacigalupi, 1908.

RAIOL, Domingos Antonio. *Motins políticos*. Belém: UFPA, 1970. v.II

ROCQUE, Carlos. *Antonio Lemos e sua época – História política do Pará*. 2.ed. Belém: Cejup, 1996.

ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Belém: Amazônia, 1968. v.4

ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata – o homem, a lenda, o político*. Belém: Secult, 1999. v.I

- ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém do Grão-Pará*. Belém: DistribeL, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- RULFO, Juan. *O galo de Ouro e outros textos para o cinema*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SÁ, Samuel. O Imaginário: Discussão e Conceitos. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Narrativa oral & Imaginário Amazônico*. Belém: UFPA, 1999. p.141-143
- SABINO, Mário. A utopia dissecada. *Veja*, São Paulo, 24 ago. 2005. Livro, p. 122.
- SANCHES NETO, Miguel. De pizza e de circo. *Carta Capital*, São Paulo, 11 ago. 2006, p. 57.
- SANTIAGO, Silviano. Vale quanto pesa (A ficção brasileira modernista). In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.25-40
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.13-24
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.11-29
- SANTIAGO, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu?* In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.189-205
- SANTIAGO, Silviano. Para além da história social. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.215-233
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 2.ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SCHECHTMAN, Marco. Amazônia abre as asas da imaginação. *O Liberal*, Belém, 3 jan. 2007. Magazine, p. 8. Entrevista concedida à Paula Lordello.
- SCHÜLER, Donaldo. Do homem dicotômico ao homem híbrido. In: BERND, Zilá & GRANDIS, Rita De. *Imprevisíveis Américas: questões de hibridação cultural nas Américas*. Porto Alegre: Sagra, DC Luzatto, ABECON, 1995. p.11-20
- SOEIRO, José Ildone Favacho. *Chão D'água*. Belém: Falangola, 1979.
- SOUSA, Ilza Matias. O imaginário da diferença. In: MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda Neves (Orgs). *Limiares Críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.45-49

SCHWARZ, Roberto. Nacional por Subtração. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989. p.29-48

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/34, 2000. p.11-31

TAMER, Victor. *Discursos Solenes na Academia Paraense de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico do Pará, no Palácio Lauro Sodré*. Belém: H. Barra, 1968.

TOCANTINS, Leandro. Introdução. Um Escritor Nativista. In: MORAES, Raymundo. *Na planície amazônica*. 7.ed. Brasília: Senado Federal, 2000. p.XI-XXVI

TOCANTINS, Leandro. Tempos, falas, sucedidos no reino dos animais e vegetais na Amazônia da fantasia de Raimundo Moraes. Apresentação. In: MORAES, Raymundo. *Histórias Silvestres*. 7.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p.5-7

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. 2.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

UMA página de arte. *O LIBERAL*: Semanário de literatura, ciência, arte e política, Belém, ano 1, n. 1, 5 mar. 1932. p. 1-11.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. *Histórico*. Disponível em: <http://www.ufpa.br/portalufpa/historico_estruturta.php>. Acesso em: 31 jan. 2007.

VIANNA, Hermano. Central da periferia. *O Liberal*, Belém, 8 de abr. 2006. Caderno de Esportes, p.7.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Brasília: Senado Federal, 2004. (Edições do Senado Federal; v.17)

WERNECK, Alexandre. Ismail Kadaré: O chão por testemunha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 abr. 2005. Caderno B, p. 1.

BIBLIOGRAFIA DE RAYMUNDO MORAES⁴³⁰

- 1- TRAÇOS A ESMO – (seleção de artigos publicados n'A PROVÍNCIA DO PARÁ). Tipographia Elzeviriana – Rua de Santo Antônio, no. 46 B. 1908 – Pará – Brasil”. Tem o volume 132 p.
- 2- NOTAS DUM JORNALISTA (seleção de artigos publicados na imprensa). Não há menção de editora. Manaus, agosto de 1924, 206 p.
- 3- NA PLANÍCIE AMAZÔNICA (premiado pela Academia Brasileira de Letras). Livraria Clássica, Manaus-AM, 1926, 247 p.
 - 2^a edição: Livraria Clássica, Manaus-AM, 1926, edição Lino Aguiar, 6 mil exemplares. 249p.⁴³¹
 - 3^a edição: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1931. 242 p.
 - 4^a edição: Companhia Editora Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira). Série 5 a Brasileira, v. 63), São Paulo, 1936, 255 p.
 - 5a. edição: Companhia Editora Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5 a. Brasileira v. 63), São Paulo, 1939, 228 p.
 - 6a. edição: Editora Conquista. Rio de Janeiro, 1960, 229 p.
- 4- CARTAS DA FLORESTA – Livraria Clássica. J.J. da Câmara, Manaus-AM, 1927. 248p.
- 5- PAÍS DAS PEDRAS VERDES – Imprensa Pública, Manaus-AM, 09 de maio de 1930, 317 p.; 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1930, 314 p.

⁴³⁰ Levantamento feito por Genesino Braga (1972) e complementada e detalhada pelo autor desta dissertação.

⁴³¹ Adotado nos estabelecimentos de instrução pública através de ato assinado pelo presidente do Estado do Amazonas.

- 6- O MEU DICCIONARIO DAS COUSAS DA AMAZONIA, 2 volumes. Rio de Janeiro: Alba, 1931. 1^o v. 203p. 2^o v. 206 p.
- 7- AMPHITEATRO AMAZÔNICO (estudos sobre a origem do Vale). Companhia Melhoramentos. São Paulo, 1936, 250 p. – Desenho da capa e 4^a capa: Teodoro Braga. Obra em 1^a e 2^a edições.
- 8- ALLUVIÃO (ensaio). Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937. 272p.
- 9- OS IGARAÚNAS (romance amazônico. Costumes paraenses). Civilização Brasileira, São Paulo, 1938. 326 p. 2^a edição: Roswitha Kempf Editores, São Paulo – 1985 – 262p.
- 10- O MIRANTE DO BAIXO AMAZONAS - (romance na montanha). Companhia Melhoramentos, São Paulo, s/d. 227 p.
- 11- RESSUSCITADOS (romance do Purus). Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1936. 318 p.
- 12- O HOMEM DO PACOVAL (estudo pré-histórico). Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1939. 279 p. Desenho da capa e 4^a capa: Teodoro Braga.
- 13- MACHADO DE ASSIS (estudo biográfico). Oficina Gráfica do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1939, 215p.
- 14- À MARGEM DO LIVRO DE AGASSIZ (Comentário à viagem do sábio suíço à Amazônia). Companhia Melhoramentos, São Paulo, 1939, 217p. Desenho da capa e 4^a capa: Teodoro Braga.
- 15- HISTÓRIAS SILVESTRES DO TEMPO EM QUE ANIMAIS E VEGETAIS FALAVAM NA AMAZÔNIA (apólogos). Edições Melhoramentos, São Paulo, 1939, 223p.

16- COSMORAMA. Editora: Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, 1940. 142p.

17- UM ELEITO DAS GRAÇAS (sobre José Júlio Andrade). Oficina gráfica do Instituto Lauro Sodré, Belém, 1941.

FONTES ORAIS

BASTOS, Maria Carolina Soares. *Despertei para essa leitura*. Belém, 2007. Entrevista concedida a Salomão Larêdo, em 09 de fev. 2007.

CASTRO, Acyr Paiva Pereira de. *Grande escritor*. Belém, 2207. Contato por telefone a Salomão Larêdo, em fev. 2007.

CHAGAS, Meire Ester Mendes et al. *Jazigo da família Moraes Soares*. Belém, 2007. Entrevista concedida por telefone a Salomão Larêdo, em jan. 2007.

DANTAS, Filadelfa Soares. *Tio Mundico*. Belém, 2007. Entrevista concedida a Salomão Larêdo, em 02 de fev. 2007.

MAIA, Thereza Catharina Castro da Silva⁴³². *Bonequinhas de Pano*.
Matéria feita a partir das diversas correspondências que venho mantendo, por correio eletrônico, com Thereza Catharina desde o mês de março de 2007.

NUNES, Benedito. *Possuo seus livros*. Belém, 2007. Contato por telefone a Salomão Larêdo, em jan. 2007.

SOBRAL, Raymundo Mário. *Feliz coincidência*. Belém, 2007. Entrevista concedida a Salomão Larêdo, em 04 de fev. 2007.

THEREZA CATHARINA – *Bonequinhas de Pano*

Thereza Catharina Castro da Silva Maia tinha 3 anos de idade quando seu avô Raymundo Moraes morreu. Ele já estava doente e ela ia visitá-lo. Conta que se atirava sobre eles, na cama, esfregando o rosto nos lençóis macios e então, “vovô levanta com dificuldade de uma cadeira de embalo e apanha algo do guarda-roupa e me entrega dizendo: olha, é mais uma bonequinha pra ti! É sempre assim, ele encomenda – diz Catharina – essas bonequinhas de pano, lindinhas, não sei onde. São os meus brinquedos pois papai não pode comprá-los.

Dias depois Thereza vê movimento estranho na casa, gente com roupas pretas, chorando e “vovô dormindo sobre a mesa da sala e percebo depois que o levam para longe e choro...”.

⁴³² Embora tenha se identificado de tal forma, ela assina suas publicações como Thereza Catharina Moraes, como se pode ver em *Barcas de um Porto Distante* (São Paulo: Roswitha Kempf, 1986).

Foi assim que viu o enterro do avô em fevereiro de 1941.

Thereza Catharina é filha única de Ruth Moraes que completou em abril de 2007, 96 anos de idade, é a única filha viva de Raymundo Moraes e é artista plástica. Elas moram juntas, em Brasília.

Thereza conta que o avô era severo, inteligente, elegantíssimo, requintado. Manda passar os ternos de linho branco HJ cada vez que ia vesti-los. Foi considerado o homem mais elegante de Manaus.

Catharina é escritora, tem livro publicado e é quem mantém entendimentos com a editora do Senado, em Brasília, que vem editando o livro *Na Planície Amazônica*, de seu avô Raymundo Moraes.

FILADELFA SOARES DANTAS – *Despertei para essa leitura*

Entrevista feita por mim, Salomão Larêdo, às 20:40h do dia 02 de fevereiro de 2007 com a senhora Maria Filadelfa Soares Dantas Faria em sua residência à Trav. 09 de Janeiro, 1920, bairro de Nazaré em Belém – Pará.

Informou ser sobrinha-neta do escritor Raymundo Moraes.

É advogada, filha de Diva Coeli Soares Dantas (Diva era prima de Raymundo Moraes pois era filha da irmã dele, a Maria Nazareth de Moraes Soares. Logo, Filadelfa, é sobrinha-neta do escritor, neta de Maria Nazareth e filha de Diva) e de Aloysio Cavalcante Dantas, nasceu em Belém, a 26 de setembro de 1959, casada com o engenheiro eletricitista Gilberto Dias Faria com quem tem três filhos.

Lucentina, mãe de Raymundo Moraes era sua bisavó, que, na intimidade do lar atendia pelo apelido de mãe Tintina.

Contou que pouco sabe sobre seu tio-avô. “Tudo que sei, ouvi em casa, de minha mãe e minhas tias: Raymundo Moraes é o orgulho da família. Ele é o maior escritor da Amazônia. Nunca vi reportagem ou homenagem pra ele, mas é ídolo da família”. Alguns de seus parentes residem em Belém e também, comenta Filadelfa: “igual a mim, pouco sabem sobre Raymundo Moraes” de quem ouvia os mais velhos comentarem ter sido uma pessoa austera, disciplinada.

A família Moraes tem raízes espanholas (Morales) e italianas através dos Conte e procede dos municípios de Abaetetuba e Igarapé-Miri, região do Baixo-Tocantins, era dona de engenhos em Igarapé-Miri.

Os pais de Raymundo Moraes eram naturais de Abaetetuba e “ não sei precisar – conta Filadelfa – mas, a Ilha das Onças, corria a história, seria propriedade da mãe dele. Eles possuíam um enorme casarão no Largo de Nazaré, cheio de lustres de cristal e móveis de valor, onde todos moravam, inclusive tio Raymundo Moraes. Nessa casa, minhas tias comentavam que o governador Magalhães Barata visitava muito tio Mundico, de quem era amigo”. Filadelfa não sabe explicar como ficou a situação do casarão após a morte de Raymundo Moraes.

Conta que a família tem origem simples e pobre, porém, seus membros, através da educação, cresceram. “Quase todos os filhos da minha bisavó Lucentina eram professores, gente envolvida com a educação, sua filha Maria Nazareth de Moraes Soares (avó de Filadelfa), irmã de Raymundo, chegou a ser diretora do Grupo Escolar Floriano Peixoto (onde hoje funciona a Casa da Linguagem, na avenida Nazaré esquina da avenida Assis de Vasconcelos) “e Celina Hylarião de Moraes, conhecida como “Larico”, chegou a ser secretária estadual de Educação.

Filadelfa sabe que na intimidade da família, Raymundo Moraes era conhecido como “Mundico”, o “tio Mundico”.

Questionada sobre as pessoas hoje não conhecerem, nem lembrarem de Raymundo Moraes, Filadelfa não se assusta, pois “eu que sou parenta, não sei e nem li seus livros, imagine os outros que nunca ouviram falar dele. Certamente agora vou me inteirar mais, muito mais”.

Mas é na casa dela que está o retrato da mãe de Raymundo Moraes, a dona Lucentina, que é “minha bisavó. Esta foto foi feita Manaus”, comenta, feliz .

Com Filadelfia estão também alguns documentos que me cedeu para fazer cópia e ilustram esta matéria e ela sabe informar que numa das perseguições políticas a Raymundo Moraes (sabe dizer que seu tio-avô foi vítima de inúmeras perseguições), ele se escondeu no casarão onde sua mãe Lucentina tinha um cão bravíssimo chamado “Recuerdo” e quando a polícia chegou ela autorizou: solta o Recuerdo! Os policiais sumiram em desabalada carreira.

Filadelfa é prima, pelo lado paterno, do escritor Amaury Braga Dantas e pelo lado materno do escritor e jornalista Raymundo Mário Sobral que vem a ser sobrinho-neto de

Raymundo Moraes, cuja mãe, “tia Jóia, era prima de Diva que é a minha mãe. Tem também a Vivi – Vitória Vilaça Gobitsh – que mora no Rio de Janeiro onde penso estão alguns parentes ligados à família da Miriam, filha do Raymundo Moraes”.

Informa que sua mãe ouviu de suas tias, as irmãs de Raymundo Moraes, dizerem que ele também escreveu alguma coisa sobre a Samaumeira existente perto de sua casa no Largo de Nazaré e que Raymundo Moraes se tornou, por conta do trabalho de prático de navios, um homem de posses.

Embora exista consenso de que Raymundo Moraes nasceu em Belém, essa prova vem com a certidão de nascimento que está sendo pesquisada nos cartórios.

Conforme alguns documentos em seu poder, Filadelfa diz que o nome da família é assim grafado: Moraes e que o nome do seu tio-avô é Raymundo Joaquim de Moraes. Pela certidão de óbito é filho de Miguel Quintiliano de Moraes e Lucentina Martins de Moraes, casado com Catharina Torres de Moraes e deixou os seguintes filhos: Amir, Aldo, Iolanda, Mirian e Ruth. Causa da morte: cirrose hepática.

Na caderneta de anotações de Maria Nazareth de Moraes Soares, em poder de Filadelfa, há o seguinte registro: “Faleceu meu irmão Raymundo Joaquim de Moraes, às 7 horas da noite (segunda-feira) 3 de fevereiro de 1941 em sua casa a praça Justo Chermont 712”.

Existe uma parte do livro “Paiz das Pedras Verdes”, escrito e editado por Raymundo Moraes, em Manaus, que contém a seguinte dedicatória: “Á mamãe Lucentina, com o pedido de bênçã e votos de felicidades, manda o Mundico, 11 de Julho de 1930, Manáos”.

É uma dedicatória especial e da intimidade familiar, pois o autor assina conforme era costume chamá-lo em casa: Mundico.

Os filhos de Miguel e Lucentina eram:

Maria Nazareth de Moraes Soares (Faleceu dia 08.12.1956).

Constança Carolina de Moraes Pimentel.

Julia Ferreira Puget (faleceu dia 15.04.1941).

Miguel Quintiliano de Moraes (Faleceu dia 10.08.1915).

Raymundo Joaquim de Moraes (Faleceu dia 03.02.1941).

Celina Hylarião de Moraes (Faleceu dia 10.07.1954).

A respeito do homicídio envolvendo Raymundo Moraes, Filadelfa desconhecia o fato e imagina que possa ter contribuído para esquecimento do autor.

RAYMUNDO MÁRIO SOBRAL – *Feliz coincidência*

O jornalista e escritor paraense Raymundo Mário Pimentel Sobral é sobrinho-neto do escritor Raymundo Moraes e me recebeu em sua casa , em Belém, nesta data, domingo, 04 de fevereiro de 2007, às 9,48h, na Trav. Almirante Wandenkolk, 920, e informou que infelizmente não possuía quase nada de informação a respeito de seu tio-avô de quem sabia tratar-se, lógico, de escritor famoso.

Sobral é neto de Constança Carolina de Moraes Pimentel, irmã de Raymundo Moraes.

Além da alegria em receber-me em sua casa, Raymundo Mário estava contente com meu interesse literário sobre pessoa da família de onde provém e explicou-me que teve contato com Miriam, irmã do escritor, quando esteve, há tempos, em Belém, a passeio, uma vez que residia com seus familiares no Rio de Janeiro e de quem não teve mais informações até hoje e portanto não pode informar nem se ainda é viva. Recorda que tinha ciência de que Miriam era ligada às artes literárias.

Solicitei ao Sobral que me desse mais alguns informes e ele me respondeu por escrito, no dia 19 de fevereiro de 2007, o que segue:

“Caro Salomão. Meu nome completo é Raymundo Mário Pimentel Sobral, nasci em Belém. Meus pais: Mário Alves Sobral e Lucy Pimentel Sobral. Sou casado com Léa Mordomo Sobral e temos dois filhos: Mauro e Junior. Sou jornalista desde que me entendo. Fui pioneiro da televisão no Pará, como produtor da TV Marajoara, Canal 2. Paralelamente ingressei em “ A Província do Pará”, depois fui para o “Diário do Pará! E agora estou no “Amazônia Jornal”. Sempre fazendo a mesma coisa, a coluna “Jornaleco” que está completando 34 anos de publicação.

Publiquei “PQP – Um Jornal Pra Quem Pode”, “Chá de Cadeira”, “Morena” e “Carona”. Atualmente permanece em circulação somente a revista “Chá de Cadeira”. Tenho oito livros publicados, sendo que três são os volumes do “Dicionário da Língua Paraense”.

Tenho dois livros de Raymundo Moraes: “O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia” e “O País das Pedras Verdes”.

O esquecimento de Raymundo Moraes é lamentável. Mas, está inserido naquele contexto chavão de que o Brasil é um país sem memória.

Outro exemplo disso é que temos aqui em Belém um órgão pomposamente chamado de Museu da Imagem e do Som, que teria como uma das suas principais atribuições registrar depoimentos de personalidades marcantes da vida paraense. Há anos este órgão está praticamente inativo e muitos dos que poderiam deixar depoimentos importantes, já se foram.

O que sei de Raymundo Moraes é muito pouco e ouvi, ainda criança, através das conversas de minha avó materna Constança Carolina de Moraes Pimentel, irmã dele.

O que sei, é que na família, era muito admirado e todos falavam sempre no nome dele com muito respeito e até mesmo com um certo orgulho. Possuir o mesmo prenome dele e, inclusive, igualmente com “y” para mim é uma feliz coincidência. Mas, pelo que sei, a escolha foi de meus pais e não creio que tenha havido alguma influência de minha avó.

Em meu nome particular e também em nome de minhas irmãs, louvamos e agradecemos, a escolha de Raymundo Moraes para tema de sua dissertação o que, de certa forma, irá resgatar o homem e também a obra, de nosso tio-avô. Abraços, Raymundo Mário Pimentel Sobral.”

MARIA CAROLINA SOARES BASTOS – *Despertei para essa leitura*

Nesta data, 09 de Fevereiro de 2007, às 22:00h, entrevistei Maria Carolina Soares Bastos, em sua residência na Av. Almirante Barroso, Alameda Rodrigues Alves, 72, bairro do Marco, em Belém – Pará.

Informou ser sobrinha-neta de Raymundo Moraes.

É funcionária pública, trabalha no Banco Central, formada em Ciências Contábeis, filha de Miguel Amarindo de Moraes Soares e Cristina Tapajós Nogueira, nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 02 de outubro de 1948, casada com João Alberto Fernandes Bastos, engenheiro eletricista, com quem tem quatro filhos.

O pai de Carolina era filho de Maria Nazareth de Moraes Soares, que era irmã de Raymundo Moraes, portanto, Miguel, conhecido por Miguito, era sobrinho de Raymundo Moraes.

Carolina não possui os livros de Raymundo Moraes, não sabe o nome de nenhuma das suas obras e nunca leu o que seu tio-avô escreveu e nem teve curiosidade de saber. Crê, Carol, que como “não se falava dele, não se comentava nada, eu não despertei para essa leitura. Meus tios comentavam , mas, deduzo, após morrerem, tudo foi se calando, sem comentários e a gente vai esquecendo, não fala e não houve mais nada sobre o assunto, até relega.

Somente agora volto a despertar para esse fato de ter um parente famoso, um literato, um homem importante”.

Carolina entende que houve um corte quando as famílias cada uma buscando seus rumos, se dispersaram e “fomos perdendo o contato, a ligação, naturalmente, as relações, antes, bem estreitas, se distanciam pelo cotidiano dos tempos modernos, as amizades vão se diluindo e o parentesco relegado. É uma característica da vida, hoje. É a isso que atribuo a família não atentar para a importância do nosso parente escritor”.

Seu pai foi trabalhar em Manaus, como funcionário da área administrativa do SNAPP – Serviço de Navegação da Amazônia e Portos do Pará – e lá Maria Carolina nasceu.

Depois retornaram a Belém e ouvia seu pai contar que também ouvira de suas tias o comentário de que “a Larico (apelido caseiro de Celina Hylarião de Moraes, irmã de Raymundo Moraes, que inclusive morreu solteira), além de ser uma moça muito bonita, era também muito culta e nos saraus, era sempre um destaque por sua formosura e inteligência e que Raymundo Moraes foi um grande escritor, pessoa culta, homem de projeção social, cultural e política e de posses, autor de inúmeras obras sobre a Amazônia” .

“Meu pai também ouvira os informes de que “tio Mundico” era muito organizado e quando percebeu que a hora de sua morte se aproximava, mandou comprar peças de fazenda para a família botar o luto assim que ele partisse.

Conta Carol: “papai sabia, porque a família toda comentava que o pessoal do “tio Mundico” tinha tudo do bom e do melhor que Paris podia oferecer e inclusive mandavam fazer roupas lá e essas maravilhas que todos nós sabemos que o período da borracha proporcionava”.

A respeito do homicídio envolvendo Raymundo Moraes, Carolina não recorda de nenhum comentário no meio familiar motivo pelo qual desconhecia a ocorrência. Crê que o fato possa ter inibido difusão da obra do autor.

Obs: Estavam presentes na entrevista João Bosco, marido de Carol, e seu filho Alexandre, muito atentos e interessados em informar e saber mais sobre Raymundo Moraes.

ACYR CASTRO – *Grande escritor*

Em contato telefônico, no dia 14 de fevereiro de 2007, às 11 horas, informou o jornalista e escritor Acyr Paiva Pereira de Castro, membro da Academia Paraense de Letras, que após a pesquisa para a obra da Academia Paraense de Letras – Introdução à Literatura no Pará, em 8 volumes – feita por ele e também pelos acadêmicos Clóvis Meira e José Ildone, nenhuma informação adicional obteve a respeito de Raymundo Moraes que considera um grande escritor.

BENEDITO NUNES – *Possuo seus livros*

Em contato telefônico, no mês de janeiro de 2007, Benedito Nunes, o professor filósofo, informou que ouvira falar de Raymundo Moraes e que possui seus livros.

MEIRE ESTER MENDES CHAGAS – *Jazigo da família Moraes Soares*

Na condição de diretora do Departamento de Administração de Necrópoles, Meire Esther Mendes Chagas informou-me por telefone no mês de janeiro de 2007, que a sepultura havia sido adquirida por Raymundo Joaquim de Moraes.

A meu pedido autorizou a expedição de uma certidão de inumação onde consta que o escritor foi sepultado no dia 04 de fevereiro de 1941 na sepultura n. 12.826, Quadra 18-D. *Causa mortis*: cirrose hepática. Médico: Jaime Aben-Athar. O sepultamento foi feito no dia 04 de fevereiro de 1941 e registrado à folha nº 981 do livro de sepultamento de número 025. A sepultura tem como atual cessionário Raimundo Joaquim Moraes (sic), estando registrado no livro nº 01 de Perpétuas, à folha de nº 15, tendo como data de compra, o dia 17 de abril de 1896.

Estive (dia 26 de janeiro de 2007) no cemitério Santa Isabel^{433*} e encontrei a sepultura indicada na quadra 18-D. No frontispício do jazigo aparece a fotografia de Maria Nazareth de Moraes Soares, a Maruquita e a seguinte inscrição: Jazigo da Família Moraes Soares. Abaixo, numa pedra de mármore, está gravado o seguinte: “Miguel Quintiliano Moraes, falecido em 17 de abril de 1896”, ou seja, quando Raymundo Moraes tinha 24 anos de idade.

⁴³³ Agradeço imensamente o interesse do Dr. Carlos da Costa Mota, a gentileza e presteza da Dra. Meire Esther e a ajuda da direção administrativa do Cemitério de Santa Izabel e de seus funcionários.

Na pedra consta ainda o nome de Miguel Quintiliano de Moraes Filho, falecido em 10 de agosto de 1916; Ernesto Fausto Soares, falecido a 18.02. 1917; Celina Hilarião de Moraes, falecida no dia 10 de Julho de 1934; há também nessa pedra a inscrição de falecimento de Raymundo Joaquim de Moraes (sic), acontecido a 03 de fevereiro de 1941. Há ainda os nomes de: Catarina Torres de Soares, em 23 de abril de 1944; Lucentina Martins de Moraes, falecida a 11 de Dezembro de 1945, ou seja a mãe faleceu um ano depois da morte de Raymundo, depois vem o nome de Maria de Moraes Soares, falecida a 08 de dezembro de 1955, depois Dora Agrícola de Moraes Soares, falecida a 01 de outubro de 1988.

ABSTRACT

The writer Raymundo Moraes (1872-1941), author of seventeen works where the literary universe is the Amazon Region, gained a commendation for this book *Na Planície Amazônica*, among others. The commendation was made by Washington Luís the Republic of Brazil president, who utilized the book to be acquainted with the region, and following this fact, the literary work had a national repercussion, and its author enjoyed fame and critical success that has taken him, paradoxically to a complete oblivion: never more we heard his name, also convicted by the common justice for homicide. The main goal of this dissertation is to call attention from the academic community and the reader in general, to the importance of the literary works made by this writer from Pará, unknown today, self-taught, a ship captain in the region rivers, journalist, politician, partaker of intellectual activities at that time, also member of entities connected to literature. He went to the literary podium in the 1930's and after that, he fell to the oblivion catacomb, deserving to be recognized and reintroduced in a gratitude and justice reverence, due to this considerable production about the Amazon Region, for many of his works, as *O meu dicionário de cousas da Amazonia* (1931), are still being used as source of investigation, necessary to those who want to dedicate themselves to study about the Amazon region and its culture, as well as to feed the anthropophagous voracity of Mario de Andrade.

KEY WORDS: Raymundo Moraes, Writer from Pará, Amazon plain